



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**SUBJETIVIDADES, POLÍTICAS E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS**

**ALEXSANDRO DE SÃO PEDRO SANTIAGO**

**ANÁLISE DAS CRENÇAS RACIAIS DE JOVENS NEGROS(AS)**

**Maceió**  
**2023**

**ALEXSANDRO DE SÃO PEDRO SANTIAGO**

**ANÁLISE DAS CRENÇAS RACIAIS DE JOVENS NEGROS(AS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas– UFAL.

**Linha de Pesquisa:** Processos Psicossociais.  
**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sheyla Christine Santos Fernandes.

**Maceió  
2023**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

S235a Santiago, Alexsandro de São Pedro.  
Análise das crenças raciais de jovens negros(as) / Alexsandro de São Pedro  
Santiago. – 2024.  
107 f.: il.

Orientadora: Sheyla Christine Santos Fernandes.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maceió,  
2024.

Bibliografia: f. 84-89.  
Anexos: f. 90-107.

1. Jovens negros- Identidade racial. 2. Discriminação racial. 3. Racismo-  
Aspectos psicológicos. 4. Crenças raciais. 5. Identidade racial. I. Título.

CDU: 159.9:572.96-053.6

## AGRADECIMENTOS

Aos meus agradecimentos, tenho primeiramente que agradecer a Deus, ao qual tenho minhas crenças atribuídas à fé por ele e quem me permitiu chegar a mais um degrau de aprendizado e conquista tanto almejada. Aos meus amigos de vivência e até o exato momento, a minha namorada e família que sempre se fizeram presentes na forma de incentivo e companheirismo para que pudesse alcançar os meus objetivos, em especial a minha mãe Germinia de São Pedro Santiago, pela qual tenho que ser grato por todos os ensinamentos como ser humano de caráter e humanidade, que dedicou e abdicou do seu tempo para presenciar as conquistas do seu filho e filha, mantendo-se sempre presente e prestativa com o cuidado para além de mãe.

Ao Programa de Pós-Graduação Psicologia – PPGP da Universidade Federal de Alagoas, por proporcionar a qualidade e experiência singular de ensino-aprendizagem adentrando no campo da pesquisa e da docência. Aos professores que sempre estiveram presentes a acolher nossas demandas e dificuldades durante esse período, dispostos a nos ouvir com toda atenção possível, em especial a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sheyla Christine Santos Fernandes.

Agradeço a minha turma do programa de 2021, onde vivenciamos um período atípico dos demais, sobretudo nos encontros remotos, fora do presencial, em um lugar que estivemos presente e convivendo com a pandemia do COVID-19 provocada pelo vírus SARS-CoV-2, tem afetado a rotina de vida e estudos, contudo, o isolamento, a crise econômica, as incertezas, os estresses, os medos, o adoecimento e a perda de pessoas queridas de amigos e pessoas próximas são apenas alguns pontos que se pode elencar diante tudo o que foi vivido por muitos/às nesse período. Porém, por mais distante que cada um de nós se fizessem um dos outros, sempre houve companheirismo, dedicação, e, sobretudo, o nível de amizade e afeto de todos (as).

Também aqui meus agradecimentos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES órgão de financiador deste estudo; contudo, sem o fomento da mesma seria muito dificultoso poder concluir esses estudos, para além da questão financeira, permite que pessoas tenham condições acessíveis de poder se qualificar, ter acesso e permanência no âmbito educacional, ou seja, o poder a igualdade ao conhecimento.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”  
Nelson Mandela

## RESUMO

Esse estudo teve como objetivo analisar as crenças raciais de jovens negros(as) mediante os impactos do racismo e preconceito racial. Foi realizado um estudo quantitativo descritivo, com a participação de 149 participantes, idades entre 18 e 29 anos, sendo 106 do sexo feminino e 43 do sexo masculino, que se autodeclararam pretos(as) e/ou pardos(as). A Escala de Atitudes Étnico-Raciais (EAER), disponibilizado por Fernandes e Pereira (2019), foi utilizada para fins de coleta de dados por meio de questionário estruturado (fechado). Para tabulação e análise dos dados foi utilizado o programa IBM SPSS *Statistics (Statistical Package for Social Sciences)*, versão 27. Os participantes possuem uma idade mínima de 18 anos e máxima de 29, prevalecendo uma média de idade de ( $M= 24,6$  anos de idade) e ( $DP= 3,26$ ), também é possível perceber e descrever o gênero masculino e feminino, estabelecendo uma prevalência do sexo feminino com um percentual de ( $n= 106; 71,1\%$ ), seguido pelo sexo masculino com a prevalência percentual de ( $n= 43; 28,9\%$ ), predominantemente, negros, quando relacionadas à maioria das variáveis com a raça/cor. Tem-se uma análise da cor da pele com uma composição da amostra desses jovens negros(as), tendo em vista que a maioria se autodeclararam como pretos(a) composto por 86 jovens, seguindo por 63 sendo pardos(a), mediante a cor da pele, como esses jovens se percebem, a maioria se declarou preto(a), sendo uma porcentagem de 57,7% e pardo(a) com 42,3%. Uma predominância de análises das variáveis do racismo e preconceito como impactos na população negra. Constatou-se predominância de distorções sociais por meio das crenças concebidas socialmente aos negros(a), mediante a cultura, identidade, principalmente socioeconômico, capacidade intelectual, educação e aspectos morais. Dentro dessa perspectiva, nesse estudo foram verificadas informações das crenças dos jovens negros que correspondem a si e ao seu grupo social, sendo uma dimensão que abarca as situações e condições do racismo e preconceito racial inseridos no contexto social e implicando no cotidiano, vivência e crenças dessas pessoas negras, tendo seus impactos na vida dos jovens negros, tendo uma análise das suas percepções e crenças pelas quais é atribuído a si próprio e sua categoria racial.

**Palavras-chave:** Jovens negros(as); Crenças raciais; Identidade Social.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the racial beliefs of young black people through the impacts of racism and racial prejudice. A descriptive quantitative study was carried out, requiring the participation of 149 participants, aged between 18 and 29 years, 106 female and 43 male who declared themselves black and/or brown. The Ethnic-Racial Attitudes Scale (EAER), made available by Fernandes and Pereira (2019), was used for data collection purposes through a structured (closed) questionnaire. For tabulation and data analysis, the IBM SPSS Statistics program (Statistical Package for Social Sciences), version 27, was used. age) and (SD= 3.26), it is also possible to perceive and describe the male and female gender, establishing a prevalence of females with a percentage of (n= 106; 71.1%), followed by males with a percentage prevalence of (n= 43; 28.9%), predominantly blacks, also when related to most variables with race/color. There is an analysis of skin color with a composition of the sample of these young black people, considering that the majority declared themselves as black, composed of 86 young people, followed by 63 being brown, through the skin color, as these young people perceive themselves, the majority declared themselves as black, with a percentage of 57.7% and brown with 42.3%. A predominance of analyzes of the variables of racism and prejudice as impacts on the black population. There was a predominance of social distortions through beliefs socially conceived to black people, through culture, identity, mainly socioeconomic, intellectual capacity, education and moral aspects. Within this perspective, this study verified information on the beliefs of young black people that correspond to themselves and their social group, being a dimension that encompasses the situations and conditions of racism and racial prejudice inserted in the social context and implying in daily life, experiences and beliefs of these black people, having their impacts on the lives of young black people, having an analysis of their perceptions and beliefs by which they are attributed to themselves and their racial category.

**Key words:** Black youth; racial beliefs; Social Identity

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Processos cognitivos e formação da personalidade do indivíduo .....	30
--	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Porcentagem de estudantes no ensino superior em 2016: taxa de escolarização das pessoas de 18 a 24 anos de idade, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões (%) .....	17
Tabela 2 – Percepção da capacidade intelectual dos negros em relação aos demais .....	50
Tabela 3 - Média e desvio padrão quanto à inteligência dos negros e brancos .....	51
Tabela 4 - média e desvio padrão da característica marcante na personalidade dos negros ....	52
Tabela 5 - Diferencia os negros dos brancos é o caráter .....	53
Tabela 6 - O racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros .....	55
Tabela 7 - As pessoas negras sofrem preconceito .....	58
Tabela 8 - As pessoas negras sofrem discriminação .....	60
Tabela 9 - Os negros sofrem discriminação .....	61
Tabela 10 - A sociedade discrimina as pessoas negras .....	61
Tabela 11 - Os negros têm preconceito contra eles mesmos .....	62
Tabela 12 - O quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele? .....	64
Tabela 13 - O quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele? .....	66
Tabela 14 - O quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele? .....	68
Tabela 15 - Os negros possuem uma aparência diferente dos demais .....	70
Tabela 16 - As pessoas negras encontram obstáculos socioeconômicos e culturais .....	72
Tabela 17 - Os negros sofrem com as injustiças sociais .....	73
Tabela 18 - Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade .....	74
Tabela 19 - Os negros são melhores na dança .....	76
Tabela 20 - Os negros alcançam melhores resultados no esporte .....	77
Tabela 21 - Os negros possuem a sexualidade aguçada .....	78
Tabela 22 - Os negros possuem maior força física quando comparados com os brancos .....	79

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dado sociodemográfico da localidade dos participantes .....	49
Gráfico 2 - Análise da escolaridade dos participantes em (%).....	50
Gráfico 3 - O que diferencia os negros dos demais é a capacidade intelectual.....	51
Gráfico 4 - Negros são tão inteligentes quanto os brancos .....	52
Gráfico 5 - A humildade é uma característica marcante na personalidade dos negros.....	53
Gráfico 6 - Diferencia os negros dos brancos é o caráter .....	55
Gráfico 7 - O racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros .....	56
Gráfico 8 - As pessoas negras sofrem preconceito .....	58
Gráfico 9 - A sociedade discrimina as pessoas negras .....	62
Gráfico 10 - Os negros têm preconceito contra eles mesmos .....	63
Gráfico 11 - O quanto você se sente satisfeita com a cor da sua pele?.....	65
Gráfico 12 - O quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele? .....	67
Gráfico 13 - Os negros possuem uma aparência diferente dos demais.....	71
Gráfico 14 - As pessoas negras encontram obstáculos socioeconômicos e culturais .....	72
Gráfico 15 - Os negros sofrem com as injustiças sociais .....	74
Gráfico 16 - Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade .....	75
Gráfico 17 - Os negros são melhores na dança .....	76
Gráfico 18 - Os negros alcançam melhores resultados no esporte .....	77
Gráfico 19 - Os negros possuem a sexualidade aguçada .....	78
Gráfico 20 - Os negros possuem maior força física quando comparados com os brancos .....	79

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CFP- Conselho Federal de Psicologia

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PNAD - Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios

TIS - Teoria da Identidade Social

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>20</b>
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>22</b>
<b>3.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>22</b>
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>23</b>
<b>4.1 Racismo</b> .....	<b>23</b>
4.4.1 Racismo e suas formas operantes: construções nas crenças dos jovens negros(as).....	25
<b>4.5 Preconceito Racial</b> .....	<b>29</b>
4.5.1 As novas formas de expressões do preconceito racial .....	32
<b>4.2 Raça, etnia e teorias raciais</b> .....	<b>35</b>
<b>4.3 Concepções a respeito da branquitude e branqueamento</b> .....	<b>37</b>
4.3.1 Branquitude e suas configurações na atualidade brasileira .....	39
<b>4.4 Teoria da Identidade Social - TIS</b> .....	<b>40</b>
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	<b>43</b>
<b>5.1 Participantes</b> .....	<b>43</b>
<b>5.2 Instrumentos e procedimentos</b> .....	<b>43</b>
<b>5.3 Procedimentos de coleta de dados</b> .....	<b>44</b>
<b>5.4 Procedimentos de análise de dados</b> .....	<b>45</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS</b> .....	<b>47</b>
<b>7. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>48</b>
<b>7.1 Aspectos sociais e demográficos dos jovens negros(a)</b> .....	<b>48</b>
<b>7.2 Análises dos atributos morais e socioculturais relativos das pessoas negras em relação as não-negras</b> .....	<b>52</b>
<b>7.3 Crenças e percepções dos jovens negros(a) face às situações de racismo e suas configurações sociais</b> .....	<b>55</b>
<b>7.4 Crenças e percepções dos jovens negros(a) face às situações de preconceito racial e suas configurações sociais</b> .....	<b>57</b>
<b>7.5 Análises das crenças correspondentes ao pertencimento racial</b> .....	<b>62</b>
<b>7.6 Satisfação com a cor da própria pele e o grupo de pertencimento</b> .....	<b>64</b>
<b>7.7 Análise de satisfação enquanto a cor da pele do grupo de pertencimento</b> .....	<b>66</b>
<b>7.8 Correlação de Pearson satisfação enquanto a própria cor de pele e a cor da pele do grupo de pertencimento</b> .....	<b>68</b>

<b>7.9 Identidade Social - TIS e a variável de satisfação com a cor da categoria racial.....</b>	<b>70</b>
<b>7.10 Jovens negros(a): análises das crenças correspondentes às diferenças raciais .....</b>	<b>71</b>
<b>7.11 Percepções de aspectos específicos e gerais da cultura e atributos físicos das pessoas negras .....</b>	<b>75</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>84</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.).</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO II – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO III – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>96</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As variadas formas do racismo e preconceito racial são causadoras de impactos, presentes na percepção da própria pessoa negra, atualmente levantam-se debates e discussões na forma de violência, sejam psicológicos, sociais e emocionais, ecoando sobre uma sociedade que se constitui perante novas estruturas, estruturas estas de consciência coletiva antirracista, país com a população mais negra fora do continente africano.

No processo afro-brasileiro, há uma sociedade constituída por formas de pensamento, crenças conceituadas pela própria categoria racial negra. Isso ocorre em meio a opressões culturais e julgamentos racistas e preconceituosos simplesmente pela cor da pele ser negra. Reconhece-se que a cor de pele branca detém privilégios sobre as demais classes sociais, exercendo uma superioridade. Almeida (2014) destaca as condições e diferenças entre brancos e negros, apontando indicativos de que a juventude negra se depara com formas negativas pelas quais o racismo se apresenta, permeando realidades adversas no cotidiano e na percepção de suas crenças.

Os corpos negros são constantemente assolados pelas condições às quais são submetidos, sendo um instrumento de dominação que resulta de uma longa história de exclusão, seja por meio do racismo ou preconceito racial, entre outros aspectos. Afetando tanto homens quanto mulheres negras. Reforçando os estudos, Almeida (2014, p.134) ressalta que, "é preciso que falemos do nosso lugar, a partir de nossa perspectiva e crença".

Nessa perspectiva, ao que corresponde a população negra, estão sujeitos às questões de causalidades que se debruçam em diversos obstáculos sociais e crenças correspondentes a si e sua própria categoria, sendo uma inferiorização a partir do racismo e preconceito racial. A esse respeito, é intensamente os efeitos de um seguimento sócio-histórico para as atuais circunstâncias, que nos permite perceber formas de racismos engendrados na sociedade juntamente com suas formas de operar dentro da categoria dos negros (Lima *et al*, 2006).

Os negros frequentemente se encontram em uma posição de questionamento devido às atribuições preconceituosas que os seres humanos tendem a fazer automaticamente. Este preconceito está ligado às condições sociais em que o indivíduo está inserido, estabelecendo assim uma definição baseada nas normas sociais. Nesse processo, o preconceito adquire uma dimensão fortemente influenciada pelas maneiras como as expressões e atitudes são percebidas e respondidas.

Em uma sociedade formalizada pela desigualdade, as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são profundamente arraigadas. Assim, são estabelecidas transações permissíveis por uma hierarquia de quem manda e quem obedece, com indivíduos compartilhando uma relação

entre superiores e inferiores (Chauí, 2008). A sociedade tem uma concepção arraigada da veracidade do racismo, que opera de diversas formas. Essas formas podem ser encontradas em conteúdos literários, discursos de diversas naturezas e em várias manifestações do cotidiano. Munanga chama essas manifestações de "racismo operante", aquelas que têm raízes na história da humanidade e ainda persistem, mantidas pelas recordações na memória. Dessa forma, um número de gerações entre nós carrega consigo essas formas de racismo e suas consequências.

Conforme Seyferth (2002, p. 118), "a questão racial estava subjacente aos projetos imigrantistas desde 1818, antes da palavra raça fazer parte do vocabulário científico brasileiro e das preocupações com a formação nacional". Quanto ao aspecto do Brasil, sendo o último país das Américas a abolir a escravidão em 13 de maio de 1888, descreve-se em dois momentos históricos: o período da escravidão e o período pós-abolição.

Com a extinção e não o apagamento da escravidão, o Estado e a sociedade não garantiram direitos e reparos que assegurassem uma igualdade racial para os negros não mais escravizados. Dessa forma, entende-se que "o problema negro não se limita ao dos negros que vivem entre os brancos, mas sim ao dos negros explorados, escravizados, humilhados por uma sociedade capitalista, colonialista, apenas acidentalmente branca" (Fanon, 2008, p.169-170). Desvela-se para a atualidade as configurações do passado por meio das marcas históricas em torno das relações raciais, expressas por cultura, etnia, raça e identidade.

A essas observações pertinentes e visíveis na sociedade atual, pelas quais se deriva uma luta constante contra a desigualdade racial, depara-se em confrontos por um decorrente período da história vigente sobre práticas de supremacia racial, mantendo-se atuante dentro da cultura brasileira, contudo, internalizado pela maior quantidade de pessoas que aceitam tal modelo que afirma o racismo, reafirmando uma supremacia hegemônica de uma raça, fundada em algumas características de pessoas que ocorrem naturalmente e que não são sujeitas a mudanças (Glass, 2012).

A partir do que foi discutido anteriormente, cabe mencionar que existem formas em que o racismo e preconceito se estendem socialmente como: o racismo simbólico, racismo moderno, racismo aversivo e racismo ambivalente, assim como o preconceito sutil (Fernandes, 2011). Esses diversos tipos de preconceito e racismo suscitaram um vasto campo de investigação que opera sobre os corpos de eventos na população negra, cuja mola propulsora consiste em desvendar a natureza e manutenção desses fenômenos.

As formas operantes do racismo e preconceito se estabelecem no íntimo de uma sociedade, sendo o território brasileiro, por contingentes ideológicos e crenças de uma integração social de ex-escravizados. Na atualidade, se mantém atuante sobre novas formas e

delineamentos, sobretudo marcantes nas bases sociais e vivenciais, de modo que a população jovem negra é afetada. Conforme as palavras de Ortegá (2018, p.420), “no processo de constituição do Brasil como Estado-nação com as profundas marcas de desigualdade, violência e privilégio que carrega ainda hoje”. Desse modo, a sociedade brasileira conduziu-se para um maior número de pessoas negras, foi marcada e dando prosseguimento na atualidade nas marcas vigentes dos impactos do preconceito racial e racismo.

A forma como o território brasileiro foi constituído reverbera no que é apontado por Cerqueira e Coelho (2021), um agravante acerca das condições de jovens negros e negras está nas situações de maior intensidade e complexidade, sendo a letalidade contra os corpos afrodescendentes de jovens entre 15 e 29 anos, público que está no topo das estatísticas de pertencimento a grupos familiares que protagonizam condições desfavoráveis com piores indicadores sociais do país. É importante destacar que, aos 21 anos de idade, os jovens negros passam ter um percentual de 147% a mais de chance do índice de violência e sofrer homicídio no Brasil, diferentemente dos indivíduos brancos. O território brasileiro foi e continua sendo lugar comum para alguns delineamentos que sobressaíam ao passado, sobretudo, os interessados/as e/ou afetados/as.

Sendo os negros(as) a maioria no pertencimento racial, conforme apontam Pinto e Ferreira (2014), a atualidade traz consigo mecanismos com significados universalizantes, nos quais a figura negra ainda é marcada por atributos pejorativos e negativos, condizentes com o grupo. As generalizações atribuídas acerca da própria identidade acabam por gerar uma desigualdade atravessada pela negatividade em relação ao grupo negro, em contraste com o padrão normativo branco. Esse padrão é afirmado e reafirmado por construções ideológicas e crenças que impedem e assolam as pessoas negras de encontrarem sua identidade, assim como de romper com as práticas racistas e preconceituosas.

Para Osório (2021), o preconceito racial e o racismo são enxergados como arcaicos, derivados do período escravocrata, que se esperava que tenderiam para outros rumos e conseqüentemente desapareceriam. Portanto, eles são manifestados por delineamentos de ideologias e atitudes que se mantiveram atribuídos na esfera coerente do ser humano, nas estruturas sociais, atuando sobre as relações raciais e mantendo uma continuidade de um corpo social favorecido.

Dessa forma, compreende-se que a população negra é minoritária nos recursos sociais e na igualdade racial, pertencendo a uma sociedade com poucas oportunidades para os negros(as) devido à sua identidade e condição social. Essas condições, como baixos recursos econômicos, levam os indivíduos a viverem em bairros periféricos devido à falta de recursos suficientes, ocupando morros e ambientes desfavorecidos de oportunidades.

Conseqüentemente, são julgados por estereótipos lançados por pessoas em sua maioria brancas e favorecidas, pertencentes a um grupo menor, o que dissemina racismo e preconceito racial.

O processo histórico brasileiro traz consigo mitos na concepção étnico-racial, embasados pelas literaturas científicas, que evidenciam as variadas formas do racismo, bem como o preconceito racial, e seus impactos na percepção e construção das pessoas negras no Brasil. Florestan Fernandes oferece uma compreensão das relações raciais no Brasil, que:

o mito em questão teve alguma utilidade prática, mesmo que no momento em que emergia historicamente. Ao que parece, tal utilidade se evidencia em três planos distintos. Primeiro, generalizou um estado de espírito farisaico, que permite atribuir à incapacidade ou à irresponsabilidade do “negro” os dramas humanos da “população de cor” da cidade, com que eles atestavam como índices insofismáveis de desigualdade econômica, social e política na ordenação das relações raciais (Fernandes, 2008, p. 311).

Sendo as condições atuais derivadas de um racismo e preconceito estabelecido ao longo do tempo, estruturado pela escravização dos negros, tem-se um percurso causador de danos, conseqüências e novos delineamentos nas expressões, conforme Monsma (2017). A escravidão é justificada por meio da exploração, exclusão e extermínio de uma população caracterizada como inferior, sendo uma prática de controle sobre os corpos negros, abrangendo também a inspeção sobre a figura representativa da própria pessoa. O racismo é uma construção que perpassa uma linha tênue de tempo, se trasladando para a circunstância atual.

Dentro dessa extensão de tempo, seja no passado ou no presente, as pessoas negras no Brasil estão sujeitas a todos os tipos de violência e desigualdade causadas pelas diversas formas de estrutura do racismo e preconceito, seja pela cor da pele, características físicas e fenotípicas, ou origem étnico-racial, pensadas e descritas como marginalizadas ou inferiores.

O território brasileiro é composto por uma heterogeneidade racial, conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), e não há um entendimento coerente a respeito da caracterização das pessoas negras. O IBGE considera o conjunto de pretos e pardos como pessoas negras, mas existe uma preocupação em externalizar preconceito sobre a palavra "preta", substituída por "negra", onde se tem entendido que "preta" se refere à cor e "negra" à raça.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2014), realizada pelo IBGE, destaca a importância de analisar o quadro da população brasileira e sua distribuição por cor ou raça. Em 2004, a população brasileira era composta em sua maioria por autodeclarados brancos, representando 51,2%, enquanto pretos e pardos constituíam 48,2%. Portanto, em 2014, esse cenário se inverteu, com 53,6% da população se declarando como de cor ou raça

preta ou parda, enquanto os brancos foram 45,5%. É importante notar que a maior proporção de declaração de pessoas pretas ou pardas por região foi no Norte e Nordeste, o que sempre foi verídico (IBGE, 2015).

Esse levantamento mostra uma mudança significativa ao longo de uma década, onde as pessoas negras passaram a se identificar e se declarar enquanto negras (pretas ou pardas), marcando um reconhecimento racial e de pertencimento identitário. No Brasil, a ideia de mestiçagem e a ideologia do branqueamento têm sido instituídas, com extremas crenças sobre um território miscigenado, influenciando a relação da população branca com outras culturas e a marginalização da população negra.

Dentro dessa concepção, há um acesso restrito ao ensino superior para a população negra, o que limita as oportunidades de emancipação social e igualdade. Gomes (2012) destaca a importância da educação na construção do conhecimento e na luta pela democracia e sua disseminação. É por meio da educação que a população negra pode expandir seus movimentos em prol de direitos, buscando uma ascensão social e promovendo uma comunicação que ultrapasse as barreiras entre diferentes indivíduos no âmbito social, valorizando uma cultura que promova concepções de formação de cidadãos que possam se posicionar contra qualquer forma excludente.

Na tabela 1, podemos verificar o número de brancos, pretos e pardos que estão dentro das universidades:

Tabela 1 - Porcentagem de estudantes no ensino superior em 2016: taxa de escolarização das pessoas de 18 a 24 anos de idade, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões (%)

<b>Regiões</b>	<b>Branca</b>	<b>Preta ou parda</b>
Brasil	37,4	29,4
Norte	38,8	33,2
Nordeste	36,1	29,6
Sudeste	37,9	28,1
Sul	36,3	21,9
Centro- Oeste	40,9	32,8

Fonte: Pnad/ IBGE

Neste tocante, o acesso à educação de nível superior ainda evidencia profundas desigualdades entre os jovens brasileiros, considerando o fator raça. Por meio desses pontos de vista, é possível explicar com um olhar aprofundado na compreensão das novas formas de expressão do racismo e preconceito racial instalado socialmente, sendo esses fenômenos formadores de crenças por meio das relações intergrupais.

Apesar da ascensão do número de acesso dos negros ao ensino superior, tem-se ainda uma disparidade da desigualdade racial, mesmo quando a pessoa negra tende a romper com as estatísticas, existirão obstáculos socialmente instalados, sendo estes obstáculos em forma de questionamentos e imposições sociais.

Ao mesmo tempo em que essa pesquisa revela uma sociedade atravessada pelas dessemelhanças raciais, caracterizada do mesmo modo sobre um projeto de branqueamento iniciado pela mestiçagem. Segundo Weschenfelder e Silva (2018, p.314): “a mestiçagem, mais do que um fenômeno inerente a misturas raciais, remete-nos para uma alargada meada discursiva que instituiu uma forma de perceber e organizar o mundo social brasileiro”. Na existência de nação composta por extrema miscigenação, fruto de diferentes relações raciais, o racismo deriva de uma díade que separa o mundo social em dois grupos: pessoas brancas de um lado e pessoas não brancas de outro (Vargas, 2020, p.17). Reverberando na forma desigual, racista e preconceituosa, consistente para os indivíduos negros.

O avanço das pesquisas no cenário do século XXI tem colaborado com evidências que refletem a configuração ideológica da realidade brasileira, mantida e fundante do passado, ecoando para a atualidade. No estudo de Sacco et al. (2016), foi realizado um levantamento de estudos direcionados ao preconceito racial pela psicologia brasileira e suas diversas áreas de concentração, apresentando sua importância para a disseminação do conhecimento e o desenvolvimento da pesquisa sobre o preconceito racial. Esse foi publicado na revista científica "Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal".

Assim, os assuntos direcionados às relações raciais puderam ser considerados por Artes e Mena-Chalco (2017), entre outros pesquisadores, ao dedicar-se ao estudo com os registros de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Esses estudos têm apresentado resultados atuais que refletem as relações raciais, conciliando com distintas áreas do conhecimento. Indicam uma elaboração crescente na pós-graduação, buscando desvendar a presença, participação e caracterização de negros em espaços sociais.

Essa linha de pesquisa tem contribuído significativamente para uma compreensão mais aprofundada das questões raciais no Brasil, permitindo análises mais críticas e embasadas sobre a desigualdade, o preconceito e o racismo estrutural presentes na sociedade. A divulgação desses estudos em revistas científicas e o registro de teses e dissertações demonstram um compromisso em ampliar o conhecimento e promover mudanças efetivas nas políticas públicas e nas relações sociais para um país mais justo e igualitário.

Em evidências dos fenômenos que impactam a existência da população negra, temos análises apontadas nas literaturas científicas que descrevem as razões que são de acesso do

contexto social penetrado pelo racismo. Estudiosos como Vilhena (2006), Schucman (2010, 2014) e Zamora (2012) contribuem para essa discussão. Além disso, o preconceito racial também é abordado por diversos autores, como Lima, Machado, Ávila, Lima e Vala (2006), Fernandes, da Costa, Camino e Mendoza (2007), Pires (2010), Lins, Lima-Nunes e Camino (2014), e Vasconcelos et al. (2004).

Por meio desse fenômeno do preconceito racial, que perpassa pelas diferenças através da miscigenação, cabe refletir sobre tais características psicossociais. Essas características únicas que o ser humano carrega, tanto pelo fenótipo quanto pela identidade social, fundamentam, circundam, potencializam ou obstruem o pleno desenvolvimento da diversidade humana.

Os autores supracitados no parágrafo anterior abordam a significância dos impactos que o racismo e o preconceito racial podem causar. Damasceno e Zanello (2018), por exemplo, apontam para as condições causadoras de transtornos nas pessoas negras, tais como taquicardia, hipertensão arterial, úlcera gástrica, ansiedade, ataques de pânico, depressão, ataques de raiva aparentemente não provocados, comprometimento da identidade e distorção do autoconceito.

Esses efeitos negativos são uma consequência direta das experiências de discriminação e exclusão que as pessoas negras enfrentam no cotidiano, seja no ambiente de trabalho, na educação, nos serviços de saúde ou em outras esferas da vida social. É fundamental que esses aspectos sejam levados em consideração não apenas nas discussões acadêmicas, mas também nas políticas públicas e nas ações voltadas para a promoção da igualdade e da saúde mental da população negra.

No interior dessas condições e percepções da própria pessoa sendo ela negra, são conceituadas e apontadas ainda na contemporaneidade, tais consequências estão nas especificidades que correspondem à categoria do grupo negro, que subjazem as marcas históricas, construção moral, aparência física, emoções e sentimentos de pertencimento. De acordo com Lima (2020, p. 13): “considerando que racismo e preconceito são fenômenos multicausais, sendo ao mesmo tempo individuais, sociais, históricos e culturais, a psicologia social tem importante contribuição para o seu entendimento e combate”.

No íntimo dessas colocações, se aplicam tal investigação desses jovens negros/as, validando o lugar que estão inseridos/as no processo social brasileiro, coube questionar o quanto os/as jovens negros(as) se perceberem e aderem às crenças sobre as diferenças raciais, considerando os impactos do racismo e do preconceito racial?

## 2. JUSTIFICATIVA

Os estudos sobre racismo e preconceito racial na área da psicologia social têm sido bastante discutidos, levantando pontos de discussões relevantes para a sociedade em geral, como aponta Lima *et al.*, (2006) “no nosso ponto de vista, possuem relevância social para a elaboração de estratégias de combate ao preconceito”. Pertencendo ao número de pesquisadores à medida que se vem ganhando proporções relevantes no corpo global e nacional, ganhando importância nas últimas décadas, na qual se enquadram nas questões sociais, étnicas e raciais. Nesta conjuntura, a psicologia social desempenha seu papel fundamental sobre os fenômenos que a sociedade desempenha nas variadas formas como foi estabelecido o racismo e preconceito no território brasileiro.

O estudo é justificado em torno das diferenças das relações raciais, buscando refletir sobre as questões de racismo e preconceito, ao ponto que esses têm impactado de modo geral a vida da população negra, relevante aqui a população jovem negra, relacionados aos tratamentos desiguais no decorrer da história e refletidos atualmente, repousado em torno de causalidade de certa dimensão, problematizar as identidades da sociedade, no que concerne apontar suas ligações culturais e históricas.

Torna-se cabível refletir sobre uma concepção ideológica construída para a dominação e exploração de uma determinada população minorizada. Chauí (1989) aponta para uma ideologia que é propagadora de diversas consequências sobre as classes desfavorecidas, sendo essa classe considerada violenta e criminosa. A favela é um ambiente com a maior parte de pessoas negras, e o preconceito está instalado neste lugar pelos olhares e atitudes de outras pessoas, estigmatizados por outras classes superiores e dominantes que não fazem parte da mesma, a urbanização olha a favela com tudo que há de ruim, assim como tende a olhar os seus habitantes.

Dentro de todos os âmbitos relacionais em que o racismo e o preconceito racial operam sobre a vida das pessoas negras, essa população é interpretada como minorizada, ao mesmo tempo em que se construiu uma percepção controversa da democracia racial, da harmonia e igualdade racial. Contudo, tem se mantido um percurso da hegemonia de poder e superioridade da branquitude. Segundo Fernandes *et al.* (2020), atribui-se uma crença de que as pessoas negras poderiam desfrutar dos direitos atribuídos após a escravatura, acompanhado por um mito de democracia racial. No entanto, as pessoas negras na atualidade são desprovidas dos direitos constituídos, ao mesmo tempo em que são alvo das mais variadas formas de expressões do preconceito racial ou racismo, causadoras de danos para esta população.

Nesse sentido, o estudo se justifica como importante e significativo ao analisar os impactos que perpassam a vida dos jovens negros, corroborando para esse pensamento ao asseverar que a juventude é "um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida" (Dayrell, 2003, p.42). Essa fase da vida é particularmente importante, pois é nela que os jovens negros enfrentam não apenas os desafios típicos do crescimento e desenvolvimento, mas também os impactos do racismo estrutural e do preconceito racial. A discriminação e as barreiras sociais muitas vezes dificultam o pleno desenvolvimento desses jovens, limitando suas oportunidades e afetando sua saúde mental e bem-estar.

Portanto, o estudo sobre os impactos do racismo e do preconceito racial na vida dos jovens negros é fundamental para compreendermos as desigualdades que enfrentam e para orientar políticas públicas e ações que visem a promoção da igualdade e da inclusão social. É necessário reconhecer e enfrentar esses desafios para garantir um futuro mais justo e equitativo para todas as pessoas, independentemente de sua cor ou raça.

O presente estudo adota uma abordagem da Psicologia Social para investigar as relações raciais, considerando os fundamentos das práticas psicossociais e explorando os conteúdos das crenças individuais derivadas do contexto social, que resultam do preconceito e do racismo, com raízes que se estendem até as bases do Brasil contemporâneo. Como destacado por Carone e Bento (2017, p. 11), "a psicologia brasileira é uma área que teria muito a contribuir na produção do conhecimento sobre o racismo e suas consequências na estrutura psíquica tanto dos indivíduos vítimas como dos discriminadores".

Dessa forma, a análise das relações raciais sob uma perspectiva psicossocial busca compreender como as crenças, valores e atitudes individuais são influenciadas e moldadas pelo ambiente social em que estão inseridas. O estudo investiga não apenas os efeitos do racismo nas vítimas, mas também como os perpetradores são afetados psicologicamente por suas atitudes discriminatórias. Esta abordagem permite uma compreensão mais ampla dos impactos do racismo na estrutura psíquica dos indivíduos e na dinâmica social como um todo.

Ao considerar o Brasil como um país marcado por desigualdades e discriminações raciais, a Psicologia Social se mostra como uma ferramenta crucial para analisar e compreender os processos psicossociais que sustentam o preconceito e o racismo, bem como suas consequências para a saúde mental e o bem-estar das pessoas envolvidas. Por meio dessa perspectiva, busca-se contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e políticas públicas que promovam a igualdade racial e combatam o preconceito e a discriminação.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Analisar as crenças raciais de jovens negros(as) mediante os impactos do racismo e preconceito racial.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

Analisar os impactos estabelecidos pelo racismo e preconceito racial nas crenças dos jovens negros(as).

Avaliar os construtos das crenças de pertencimento dos jovens negros no seu grupo de pertencimento e identidade social.

Compreender em que medida os jovens negros(as) aderem crenças sobre as diferenças raciais.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 Racismo

Ao que corresponde o racismo dentro da lógica temporal, mediante o pensamento de Schucman (2010), tem-se o racismo como um entendimento que se ganhou formas por meio de uma ideologia construída, a partir do século XVI foi ganhando formas através da população europeia que através de uma sistematização estimulado pelas ideias e valores estabelecidos por esta população, no século XIX foi estendido para outros diferentes continentes, entre eles o brasileiro, os pensamentos cientificistas para uma conceituação de raça.

Segundo Silva (2003, p. 3), “o racismo traz, na sua genealogia, um processo de negação ao considerar que homens e mulheres sejam diferentes daquilo que se convencionou chamar de maioria branca, apenas pelo caráter hereditário e tom da pele”. Williams e Priest (2015) apontam que o racismo se manifesta através de indivíduos ou instituições sociais, como preconceito (atitudes negativas) e estereótipos (concepções categóricas) em relação a grupos étnico-raciais estigmatizados e como discriminação (tratamento desigual) do grupo negro.

Precisamente colocado por Cabecinhas (2010, p. 5) referindo-se, “o racismo no seio da Psicologia Social é geralmente considerado como um tipo particular de preconceito em que os alvos da atitude negativa são pessoas de determinada ‘raça’ (negros, índios, etc.)”. Na qual se pensa com Lima (2019, p. 162), “o racismo não é um tipo qualquer de ideologia. Tratando-se de uma ideologia da ‘falsa consciência’, uma versão parcial e deturpada dos fatos e da realidade para atender certos interesses”. Partindo dessa concepção, cada indivíduo pertencente ao “endo grupo”, ao grupo racial em que se identifica, tem-se construtos sociais, pelo qual são afetados diretamente ou indiretamente pelo “ex-grupo” através das variáveis do racismo.

O racismo tem sua construção histórica e peculiar no Brasil, ganhando sua explanação e molde extraído de outros países e sendo difundida para outros portes territoriais brasileiro, com suas formulações ainda no período da escravidão, segundo Monsma (2017), a escravidão é justificada por meio da exploração, exclusão e o extermínio de uma população caracterizada enquanto inferior, sendo práxis de controle sobre os corpos, abrangendo inspeção também sobre a figura representatividade da própria pessoa. Sendo o racismo uma construção que perpassa uma linha tênue de tempo, se trasladando para o momento atual, ligado por discursos e conceitos do século XIX.

Como apontado por Schwartz (2009, p. 178), o período em que estabeleceu-se a: “abolição da escravidão no Brasil (1888) provocou debates virulentos e críticas e, muitas vezes, atuaram como válvulas de escape para diversas frustrações”. O argumento histórico levantado aponta para a necessidade de questionar fatos tidos como vivenciais que acarretam em obstáculos para a população negra, no que corresponde uma formação étnico-racial na amplitude social de forma negativa. Como afirma Pinto e Ferreira (2014), em que o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, estando em constante construção e transformação a partir das relações que ele estabelece consigo, com o outro e com o ambiente à sua volta.

Dentro da trajetória histórica das relações raciais que persistem no território brasileiro, delineiam-se padrões que abarcam o racismo. Conforme Zamora (2012), a ideia principal por trás do racismo foi a inferioridade, onde se consiste em atribuir ao outro, considerado inferior, um processo composto por desigualdades sociais, culturais, políticas e psicológicas. O termo "raça" intensifica essas diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas e categorias.

Nesse aspecto, a condição social da humanidade, por meio de uma divisão "racial", se manifesta na forma de racismo contra a população negra historicamente. As formas de expressão do racismo são cada vez mais visíveis, indo além de simples caracterizações raciais, como destacado por Camino et al. (2001). A exclusão social é um fator determinante para se compreender o racismo vigente, e cabe analisar suas estruturas na contemporaneidade e suas novas formas de desenvolvimento.

De acordo com Schucman (2010, p. 51), "se o racismo existe no Brasil, é exatamente porque a categoria 'raça' está não só construída, como também se atualizando em todos os momentos". O racismo opera no contexto do século XXI, mantendo impactos que se destacam em grupos específicos, como os índios, negros e ciganos, vistos como inferiores através do conceito de "raça". Essa construção ideológica da inferioridade baseada na "raça" tem sido um dos pilares do racismo no Brasil, perpetuando desigualdades e injustiças ao longo da história. É importante reconhecer esses padrões e trabalhar para dismantelar as estruturas que sustentam o racismo, promovendo uma sociedade mais igualitária e justa para todos.

Conforme Vargas (2020), na composição em que o racismo se estabeleceu, tem uma divisão de dois grupos dentro de um mesmo contexto social, se configurando de um lado pessoas brancas e não brancas do outro lado. O que se apresenta ainda atualmente como racismo, é entendido sobre uma produção construída de conceitos por uma sociedade superior branca, ao classificar indivíduos por “raça” e categorização. Para Munanga (2015, p. 24) “considerando a categoria raça como uma ficção inventada para oprimir os negros, advogam o abandono deste conceito e sua substituição pelos conceitos mais cômodos como o de etnia”,

assim a “raça refere-se à materialidade do corpo expressa pelo fenótipo, enquanto que etnia diz respeito à construção simbólico-cultural de elementos que ligam os sujeitos em um mesmo grupo, por exemplo, um mito, uma língua, uma religião” (CFP, 2017, p.28).

Existindo o racismo e preconceito nas suas variadas formas de existência tem perpassando um contexto historicista, no qual vem atuando, segundo Lima (2020), é preciso entender que o racismo e preconceito não correspondem apenas às marcas que constituem os indivíduos moralmente no seio da sociedade e interação com o meio, mas também nas estruturas que possibilitam a manutenção e sobrevivência de cunho econômico e também materiais.

O racismo, em sua reprodução, está sempre acompanhado de fenômenos psicossociais, envolvendo o processo de produção de crenças cognitivas sobre as relações raciais. É necessário compreender a profundidade desse fenômeno, como destaca Schucman (2010, p. 44), ao questionar "como e por que a ideia de raça ainda sobrevive e marca diferentes pessoas cotidianamente". Torna-se necessário entender como o racismo no Brasil é ao mesmo tempo produzido pela e produtor da categoria "raça".

Diante dessas considerações, é fundamental que os indivíduos que vivenciam as conjunturas do racismo possam identificar até que ponto são influenciados por sua raça, etnia, identidade ou cultura, conforme as ideias fundamentadas no Brasil. Essa reflexão permite uma compreensão mais profunda das estruturas que perpetuam o racismo e como ele se manifesta nas interações cotidianas. Ao reconhecer essa dinâmica, é possível promover uma maior conscientização e combater ativamente os estereótipos e preconceitos raciais presentes na sociedade.

#### 4.4.1 Racismo e suas formas operantes: construções nas crenças dos jovens negros(as)

Uma vez que se aprofundar na historicidade, tem-se uma composição marcada de um país colonizado e escravagista, apontam Figueiredo e Grosfoguel (2009, p. 225) “a ‘independência sem descolonização’ manteve os negros, pardos e indígenas excluídos, explorados, marginalizados, segregados dos espaços de poder social, cultural, econômico, político e educativo”, continuamente se sustenta situações degradantes após séculos de abolição de uma composição completamente desumanos, a cidadania, o respeito, os direitos fundamentais e de conquistas, principalmente a dignidade da pessoa enquanto “ser humano”, executados por cidadãos que compõe a sociedade, sendo integrados na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a fim de garantir, de modo geral, os direitos fundamentais de cada indivíduo, com suas identidades, ideologias, crenças, etnia e raça.

Conforme o Atlas da Violência (2019), publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), dentro de uma proporção demográfica sobre um contingente de envelhecimento no país, que por outro lado está tendo uma diminuição de jovens. Especulações do IBGE citado Atlas da Violência, é relevante a intensidade que homens jovens (entre 15 e 29 anos), aumentam por conta do índice de violência que recai sobre esse público, o que possibilitará uma diminuição, cerca de 25% entre 2000 e 2030 desse público. O que se leva refletir sobre um contexto relevante para a população jovem negra, onde o percentual de homicídios no Brasil tende aos corpos da juventude negra, que visto por olhares e julgamentos pertinentes também no ambiente onde se reside na periferia, nas vestimentas, nos ambientes educacionais, sendo relevantes fatores protagonistas desse cenário desastroso.

A respeito dos aspectos sociodemográficos, onde o maior quantitativo de pessoas afrodescendentes no território brasileiro só fica atrás do país de origem dessas pessoas, o continente africano, que segundo o estudo do IPEA no que corresponde à desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas, o autor do estudo Osório (2021), pontua que se tem uma construção hegemônica até a década de 1980, por motivos de denúncia do racismo e do preconceito de cor, bem como da discriminação e suas consequências. Tendo o período pós-abolição, com o avanço da desigualdade racial que foi decorrente da desigualdade de classe, fazendo com que as pessoas negras permanecessem nas mesmas condições socioeconômica, excluídas das possibilidades de ascensão econômica e, conseqüentemente social.

Não obstante, o cenário atual e social das pessoas negras no Brasil não condizer com a mesma no marco cronológico em que a escravidão aperou, enfatiza que ainda há muito que se transformar, nos quais “as consequências das discriminações motivadas por racismo e preconceito são o que bloqueia a pequena equalização racial que seria produzida pelo regime de baixa mobilidade de renda” (Osório, 2021, p. 14).

Em sua existência, o racismo não está simplesmente no âmbito individual, mas também no seio social e na esfera estrutural, partindo dessa concepção, em que os grupos étnico-raciais estão evidentemente interacionadas, cabendo cada indivíduo pertencente ao grupo racial em que se identificam através de construtos em que a sociedade interfere diretamente pelas variáveis sociais e pelo racismo, sendo que o racismo no que aponta Williams e Priest (2015) pode manifestar-se, através de indivíduos ou instituições sociais, como preconceito (atitudes negativas) e estereótipos (concepções categóricas) em relação a grupos étnico-raciais estigmatizados e como discriminação (tratamento desigual) do grupo negro.

O racismo tem suas configurações sociais no preconceito e discriminação racial, segundo Nunes (2006), são corriqueiros discursos que sempre tem a presença de negação do

preconceito e discriminação contra as pessoas negras no país, diariamente é presenciado manifestações de racismo no cotidiano coletivo brasileiro, tendo suas manifestações nas formas aberta, sob um prisma do racismo, sendo constantes os massacres, mesmo que momentos essas circunstâncias, sejam silenciosas e acompanhadas através do olhar policial, se posicionando aos negros sob um prisma suspeita.

Lima *et al.*, (2006) descrevem casos que configuram essa dimensão direcionado a população jovem negra:

Era madrugada do dia 04 de fevereiro de 1999, Amadou Diallo, 22 anos, imigrante negro da Guiné Bissau, há dois anos residindo nos Estados Unidos, saía do seu apartamento no Bronx para mais uma jornada de 20 horas de trabalho, quando foi abordado por quatro policiais brancos da cidade de Nova York. Os policiais, que estavam procurando um esturador, abordaram Diallo quando este tinha as mãos no bolso. Antes que Diallo pudesse retirar algo do bolso, recebeu 19 tiros dos 41 disparados. Ele tinha na mão apenas um isqueiro de metal quando foi morto. Pouco tempo depois, os quatro policiais acusados foram inocentados. Era 03 de fevereiro de 2004, na Zona Norte de São Paulo, Flávio Ferreira de Sant'Ana, negro, 28 anos de idade, dentista recém formado, tentava chegar em casa, quando seis policiais militares, que procuravam um assaltante, o abordaram já atirando. Flávio recebeu dois dos sete tiros disparados pelos PMs. Na versão dos policiais, que mais tarde foi refutada pelos fatos, Flávio tinha uma arma na mão e por isso foi morto. Poucos dias depois do assassinato, dois dos policiais envolvidos foram promovidos (p. 309).

As variadas formas que o racismo se estabelece, reflete como consequências na população negra, Ortegá (2018), em seu estudo com o tema “relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora”, apontando a forma de violência que agride o indivíduo também em seu subjetivo. Que elimina a história de um povo e que gera processos institucionalizados, mesmo que de maneira indireta, porém de extrema eficácia. Destaca-se o racismo em direção aos grupos minoritários étnico-raciais de jovens negros, seguido por um entendimento de que os impactos que as ações racistas constituem no autoconceito, a partir de um entendimento da sua identidade social, ressaltando o contexto em que estão inseridos, destacando a participação em um ambiente preconceituoso e/ou discriminatório devido à cor da pele.

Diante o meio social, estão as relações raciais e criação das crenças de pertencimento de grupos, pelo qual são direcionadas por meio da percepção do outro para si, sobretudo em modificações do próprio pertencimento identitário e das características fenotípicas da aparência, Maio e Santos (1996) apontam que as pessoas negras são estigmatizadas através dos próprios atributos físicos, sofrendo influência para alteração (alisando os cabelos, por exemplo), conseguem deslocar e redefinir a própria posição nos sistemas de classificação racial e social, ou seja, serem aceitos como não negro-pretos ou como "pessoa legal", sendo as ações sobre atitudes e comportamentos de cunho racistas atribuídos aos negros, descrevendo-os com estereótipos negativos; ruins, feios, dentre outros atributos.

Existem diversos estudos e pesquisas que abordam a forma como as pessoas negras se veem e se percebem na contemporaneidade, bem como os aspectos identitários e culturais que são relevantes nesse contexto. Esses estudos também analisam como os brasileiros se relacionam e se direcionam nas formas de racismo contra os indivíduos considerados inferiores, fundamentado principalmente na alusão física (fenótipo) e estética (aparência), configurando um racismo motivado pelas marcas negróides, como a cor da pele, textura de cabelo, entre outros aspectos.

Por exemplo, na tese de doutorado de Fernandes (2011), são discutidas as novas formas de expressão do racismo que são amplamente estudadas por diversos pesquisadores. Estudos de pesquisadores como Augoustinos (2009), Gawronski, Peters, Brochu e Strack (2008), Pearson, Dovidio e Gaertner (2009), Quillian (2006), entre outros, têm apontado essas novas expressões de racismo na atualidade. No campo da psicologia brasileira, pesquisadores como França e Monteiro (2002) e, Lima e Vala (2004b) também têm contribuído para essa discussão.

Essas "novas expressões de racismo, mais veladas e hipócritas, são tão ou mais danosas e nefastas do que as expressões mais abertas e flagrantes, uma vez que, por serem mais difíceis de ser identificadas, são também mais difíceis de ser combatidas" (Lima; Vala, 2004, p. 408). Essa invisibilidade do racismo velado torna o combate ainda mais desafiador, pois muitas vezes as formas mais sutis e camufladas de discriminação podem passar despercebidas, mas têm impactos significativos na vida e na autoestima das pessoas negras.

Tratando destas novas formas de expressão do racismo no entorno das literaturas, segundo Fernandes (2011), as mesmas são compostas pelo racismo simbólico, onde se caracteriza em torno dos sentimentos de ameaça simbólica e de desgosto dirigidos aos indivíduos negros. O racismo moderno, sendo aplicado para estudar outros grupos minoritários, na conjunção dos negros e às atitudes raciais, fundamentada na noção de implicação das normas sociais em torno da apuração estabelecida. O racismo aversivo, pela qual se direciona a vivência do sentimento de ambivalência em relação aos negros. O racismo ambivalente se direciona ao favoritismo (endogrupo), pela qual interfere nas atitudes intergrupais ambivalentes: as atitudes ambivalentes sendo penetrante tendendo a um seguimento negativo quando dirigidas a membros do (exogrupos).

Para entender melhor o racismo atuante no território brasileiro, deve-se, portanto, analisar o contexto contemporâneo onde se desenvolvem as novas formas dos processos de exclusão social (Camino *et al.* 2001). Apesar do presente racismo aparente no âmbito relacional, Nunes (2006), tem-se um discurso ainda operante discurso de negação ou que ameniza a presença do preconceito e da discriminação racial no país, sendo que

constantemente se ver manifestações de racismo cotidianamente na vida social brasileira. Ora ele é escancarado, sendo operante na forma de massacre constante, assim como no olhar silencioso de policiais que operam e contribuem para com os negros sobre suspeita.

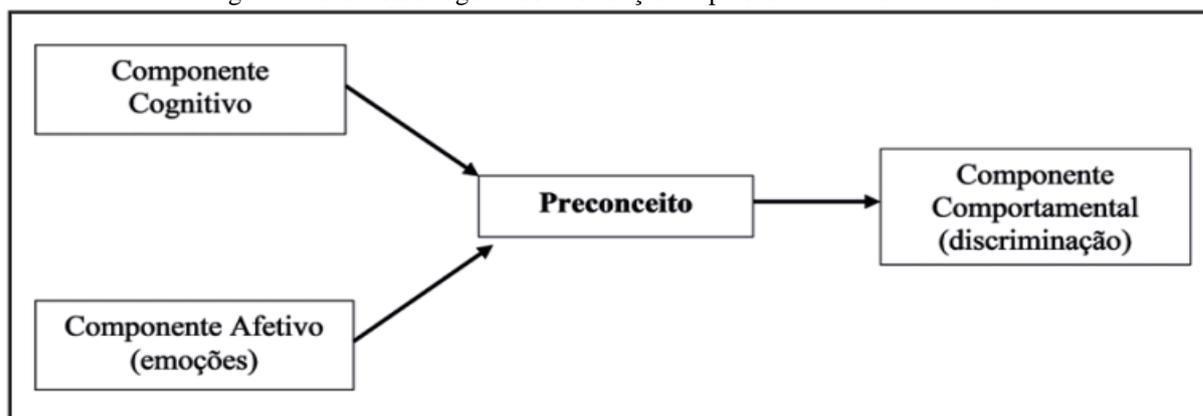
#### **4.5 Preconceito Racial**

O preconceito racial é definido por Allport (1954, p. 22), sendo: “uma atitude hostil ou cautelosa em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, assumindo assim que possui qualidades censuráveis para o grupo”; e, conseqüentemente, o preconceito tem suas bases justificadas no seu processo histórico e sociológico, sempre pensado de maneira que minimize um determinado grupo, como as características fenotípicas do que é bonito e o que é feio, como cabelo, cor da pele, cor dos olhos, criando discursos e pensamentos sobre pessoas que não se encaixa sobre um determinado padrão atribuído, sempre com termos de discursos pejorativos.

Tendo como informação a categorização que muitas vezes recaindo sobre a capacidade de compreensão da pessoa humana, bem como pertencente ao grupo, Allport (1954) justifica que é inevitável o seguimento que se dá mediante a ativação da categoria e na vivência das pessoas em deparar-se com outras com as mesmas características que a sua, sendo por meio dos seus processamentos de forma automática e de reconhecer a quem é pertencente pelos atributos comuns, seus traços e origens, sobretudo, dependendo de ações disparadas que possam ativar os processamentos de forma automática.

Salienta-se o destaque do preconceito, o qual passa ser temática de grandes repercussões em estudos e discussões em diversas áreas, principalmente no campo da psicologia, a partir do século XX com a publicação do livro “A Natureza do Preconceito” de Gordon Allport (1954), o preconceito racial é um tema muito abordado na área da psicologia social, tratando-se de um problema psicossocial, de grupos e relações, tendo sua estrutura nas suas variadas formas de elaboração, uma delas se apresenta na forma de preconceito, que no interior das relações humanas, estão os processos psicossociais nos quais se estabelecem na base do preconceito nos processos cognitivos e formação da personalidade do indivíduo (Figura 1).

Figura 1 - Processos cognitivos e formação da personalidade do indivíduo



Fonte: (LIMA, 2020, p. 20).

Conforme Fernandes e Pereira (2018), mencionando estudos que se apresentam no contexto da identidade social, sendo determinante para a avaliação do endogrupo em relação ao exogrupo, ao mesmo tempo em que o indivíduo não se sente pertencente, por meio das particularidades e identificação, seja por características relevantes de comparação social condizentes com os comportamentos, posição por meio do grupo ou por outras particularidades de escolhas que conduzirá a busca de aceitação ou de mudança das condições desfavoráveis.

Segundo Lima (2020, p. 26), “o preconceito é a expressão de atitudes sociais ou crenças depreciativas, de afetos negativos e a exibição de comportamentos hostis ou discriminatórios em relação aos membros de um grupo porque pertencem a esse grupo”. Por meio desse processo, os indivíduos se entendem enquanto pertencente ou não, por meio de julgamentos do seu grupo e de outros grupos, se atribuindo por meio da autocategorização que surgiu posterior a teoria da identidade social, existindo como sendo uma autopercepção em conformidade com seu grupo, porém, com algumas limitações comparadas com a da identidade social, pelo qual o indivíduo seja figurante si por intermédio das relações dos processos intergrupais, construindo sua identidade pessoal, compreendendo os vínculos a partir das condições da identidade social, tal modo que o processo de categorização social muitas vezes advém do preconceito.

Tendo em vista essas definições, onde mostra que o preconceito é uma atitude hostil frente a um grupo ou a um indivíduo, por um processo de categorização em pertencer a um determinado grupo, como aponta o psicólogo e estudioso Gordon Willard Allport. Desta forma o estudo do preconceito vem sendo abarcado dentro das suas mais diversas formas na sociedade: sexismo, preconceito racial, homofobia e outros. Direcionado a essas condições, sendo uma sociedade estabelecida por uma competência conotativa pelos estereótipos, que segundo Techio e Lima (2011) colocam em evidências os meios de condutas e estigma, se

concretizando no domínio das novas formas de preconceito racial intrinsecamente nas relações sociais, sendo o preconceito um processo que acaba contribuindo para novas implicações da discriminação nas sociedades modernas.

Segundo Fernandes (2011, p. 16), “a explicação do preconceito se ancora não simplesmente nos processos psicológicos, mas principalmente nas lutas ideológicas pelo poder social e sua manutenção se justifica através do curso de transição histórica normativa de cada sociedade específica”. Coadunando com Guimarães (2017, p. 28), “não há dúvida de que o preconceito racial entre nós, no Brasil, é diferente daquele que encontramos historicamente em outras sociedades pós-coloniais”. Portanto, a questão do preconceito é de poder unicamente direcionando na sociedade brasileira, na qual se direciona as pessoas afro-brasileiras, Silva (2003) assinala que há uma diferença estabelecida na forma como preconceito se instalou desde o processo de colonização nos distintos territórios, tendo uma incitação distinta do preconceito a partir da concepção que se tinham dos negros, partindo da fixação da exploração da mão-de-obra escrava, dessa forma o preconceito racial se concedeu diferente em cada país.

Diferentemente dos Estados Unidos, Nogueira (2007) exemplifica que, nesse território, se estabeleceu a qualidade de "preconceito de origem", enquanto no território brasileiro tem-se uma base correspondente, sendo um "preconceito de marca", presente pelo modo que se desencadeou pelas formas de existência da pessoa negra, estigmatizada pela aparência, ou seja, pelos traços físicos negróides.

No que concerne ao preconceito de cor ou de raça, para quem se direciona sempre ao negro, quem tem raça e cor é o negro e não o branco, como aponta Guimarães (2017) em seu livro "Preconceito Racial: Modos, Temas e Tempos". O mesmo reforça o discurso de que no território brasileiro é invalidada a existência do preconceito, seja ele de cor ou de raça. Logo, esse discurso é validado sob a perspectiva de encobrir a realidade de uma existência identitária e racial, onde os brancos se abstêm das diversas causalidades contra os negros e colocam a culpa neles por todas as adversidades, validando uma representação da realidade das pessoas brancas sobre a não existência, sobretudo, do preconceito.

Neste sentido, Lima (2011, p. 230), “os negros são alvo de preconceito e estariam num campo da alteridade de dentro, em um campo de relações intergrupais e interpessoais”. Ou seja, faz-se inferir a partir do grupo das pessoas negras, por meio das circunstâncias que o grupo das pessoas brancas se manifesta, o que corresponde para as condutas de preconceito sobre os negros, cabendo os próprios negros identificarem se permitindo dentro de uma reconhecença cognitiva que acaba atribuindo aos respectivos intergrupais e interpessoais, por meio de construções de crenças, sejam elas, negativas ou positivas.

De acordo com França (2011, p. 139), “as crenças que mantemos sobre os grupos influenciam nossa percepção sobre seus membros”. Neste sentido, Fernandes e Pereira (2019) evidenciam as atitudes étnico-raciais, por meio da elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira, nessa escala demonstraram que é possível perceber o preconceito.

#### 4.5.1 As novas formas de expressões do preconceito racial

A questão racial e étnica no Brasil é estabelecida por meio da relação de cor, sendo formalizados por grupos não-negros e negros, cabendo-se aqui destacar e apontar um espaço de discussão a partir dos meios estéticos, as nuances racistas que negros(a) enfrentam ao longo da vida, a opressão contra as pessoas negras se estende cotidianamente por meio do conceito da “raça”, Schawrcz (1993, p.149) aponta que: “a raça continua, também, presente em sua asserção mais negativa, que busca vincular aspectos exteriores a certas deformações morais. É esse o discurso policial, a fala que preconceitua no cotidiano da violência”. Sejam pelos nos territórios ocupados pelas pessoas negras ou nas questões do branqueamento, os estereótipos negativos e o mito da democracia racial são prevaletentes. Sendo pontos fundamentais para compreender quão difusas é a colocação do preconceito racial no Brasil para os negros(a).

Conforme Schwartz (2009), a forma como foi estabelecido pelo sistema de dominação europeu no Brasil, se estendeu sobre uma nova formulação desde a década de 1960 até a década de 1980, e que ainda se prossegue em uma constante interferência na atualidade, sendo que a Europa esteve presente para o capitalismo e extrativismo de exploração e escravização. No que tange estas consequências que o racismo reflete na população negra Ortegá (2018), direciona seu estudo apontando as: “relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora”, que é uma forma de violência que agride o indivíduo também em seu aspecto cognitivo; eliminando a história de um povo e que gera processos institucionalizados, mesmo que de maneira indireta, porém de extrema eficácia.

Na atualidade, tem-se a concepção mais evidente do racismo existente em nosso país, ganhando novas formulações, encontram-se nos estudos de Vala e Lima (2004), as formas de expressão racistas ainda se fazem presente sobre uma constituição hierárquica, que se direciona a pessoas ou seu grupo social, sendo seu meio de interação social e vivencial, tomada por uma integral exclusão e discriminação, principalmente aos corpos, pelas quais carregam marcas físicas que expressam acontecimentos reais ou construções estabelecidas

simbolicamente, que se é restaurada através dos sofrimentos vivenciados por características culturais que determinam modelos de atitudes.

Ao mesmo tempo em que o mito da igualdade racial se sobrepõe a desigualdade por conta da diferença racial, são pensadas e correspondidas nos termos das circunstâncias socioeconômicas que os negros se encontram por contingência do preconceito e racismo estabelecido com suas diversas marcas, os autores Lima e Vala (2004) evidenciam que pelo fato da cor da pele de determinados indivíduos ser negra à existência de (marca física externa) o que reflete implicação na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) sobre enxergá-las com características de termos como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna).

Por meio destas estruturas de como o racismo se estabeleceu, tem-se um contínuo ganho de dimensões e formas, segundo Lima e Vala (2004), na contemporaneidade se reflete sobre “as novas formas de expressão do preconceito e racismo”, sendo o território brasileiro uma estruturação do racismo cordial. Neste sentido, o racismo consiste de composição por distintos fenômenos complexo e plurifacetado, exigindo para sua compreensão diversos níveis de análise, desde os processos cognitivos internos por toda extensão histórica, concebendo as variáveis sociais e culturais que foram moldando as formas de expressão do racismo ao longo do tempo (Cabecinhas, 2010).

O racismo no território brasileiro, em síntese, vem sendo cada vez mais conceituado e acentuado, Nunes e Camino (2011) assinalam o quanto o racismo na compreensão histórica e contemporânea é consolidado na sociedade brasileira, ainda permanecendo muito perceptível quando se busca entender mais de perto por os diversos indicativos que estão inseridos nos âmbitos sociais, por exemplo, a renda, educação, moradia, saneamento, dentre outros. Lima e Vala (2004) salientam que as novas formas de expressões do racismo são específicas a cada conjuntura cultural e histórica, que reflete as vicissitudes das relações “interracializadas” de cada aspecto social que surgem.

Tendo suas atuações no contexto social, um racismo cunhado através das variadas forma em distintas situações de ambientes, contudo, mesmo diante toda a compreensão que levam pessoas com etnia-racial diferente a ter atitudes de racismo como resultado para desigualdades raciais, concebe-se atuante em suas formas, especificamente no território brasileiro a forma de ser percebido, seja por meio de menor ou maior grau, sendo velado e sutil (Schucman, 2014).

Tendo em evidência as novas formas de expressão do racismo, como suas atitudes, em torno do preconceito, “não se trata de uma adaptação meramente quantitativa (redução na intensidade da expressão), mas de uma transformação qualitativa das formas de expressão do preconceito. Por essa razão fala-se de novas formas de preconceito” (Camino, 2001, p. 15).

Quando se pensa em raça, a construção e colocação das pessoas negras como inferiores traz um sentido reflexivo sobre as inferências para o racismo, refletindo a realidade da população jovem negra. Dessa forma, o ocorrido no período da escravidão não foi finalizado, continuando a operar de formas e maneiras diferentes na sociedade. Pensar na inferiorização da raça significa remeter à incorporação da escravidão no território brasileiro, bem como ao cunhar do termo "raça", que em outros contextos com as mesmas dimensões sócio-demográficas não é tão prevalente.

Como exemplificam Lima e Vala (2004, p. 18), "os negros com sucesso são descritos em termos de traços de cultura quando são branqueados". Nesse sentido, temos o "negro de sucesso", uma figura construída nos campos das ideias intelectuais e práticas laborais sociais, mas ainda vistos como inferiores. Eles se deparam com uma conjuntura sócio-histórica em que as pessoas negras foram e são marcadas pelas características fenotípicas, juntamente com o preconceito racial, racismo e a concepção cognitiva elaborada dos estereótipos contra eles. Isso faz alusão à ascensão do branco, em contraste com a situação do negro.

## 4.2 Raça, etnia e teorias raciais

O sentido de raça tem um significado não apenas na produção que perpassa um contexto histórico com suas bases teóricas, contudo, estando disseminado no corpo social que teve seu engendramento na sociologia. A partir desse ponto de vista, em que a raça foi classificada por meio das diferenças e por meio da genética, o que não é cabível aceitar, ao distinguir raças humanas por meio de uma construção social remetendo-se aos traços fenotípicos, deslocando-se para peculiaridades morais e intelectuais (Martins; Santos; Colosso, 2013). Sendo assim, “a classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia que ganhou muito espaço no início do século XX” (Munanga, 2004, p.5).

Dentro da trajetória histórica das relações raciais que prossegue no território brasileiro, encontramos delineamentos que abarcam o conceito de "raça". O Brasil se destacou pela atuação partindo de ideologias para as concepções das teorias raciais, incluindo o eugenismo. Essas teorias se baseiam em modelos teóricos raciais evolucionistas, influenciados pelas ideias de Charles Darwin, que ganharam força no contexto social como explicação e criação de uma hierarquia entre os seres humanos. Segundo Souza (2016, p. 97), “enquanto o termo “raça” era empregado para se referir à história, ao passado e à herança, a “eugenia” era vista como realização de um projeto futuro de modernização e melhoramento da nação brasileira”.

A compreensão da expressão “raça” no território brasileiro foi elaborada e difundida por meio das ciências sociais, chegando até ser utilizado pela biologia do século XIX, tendo seus meios de operar e suas constantes modificações ao longo de um determinado período, sofrendo variâncias entre diferentes períodos, dentre estes, impasses politicamente que refletiram nos fundamentos, bem como, nas idealizações de uma utopia científica usada para explicar a variância das diferenças culturais entre comunidades (Guimarães, 2011).

Na conjuntura do Brasil “raça” ganha um sentido e conceito científico, interpretado conforme suas alterações sofridas para uma produção política e repercutindo no cenário cultural (Guimarães, 2011). Em conformidade com Guareschi *et al.* (2002), no processo de construção das identidades se dá nos espaços de relações, na convivência com os demais indivíduos, onde tais espaços são atravessados incessantemente pela vulnerabilidade correspondente à pobreza, à violência e aos distintos meios de produção laboral, nas formas diferentes e exercer e executar, se moldando em diferentes momentos e contextos.

Tendo em vista a ideia de raça e sua significância atribuída aos atributos físicos, especialmente quando se trata das pessoas negras, é importante compreender que o conceito de raça foi criado pelo próprio grupo das pessoas brancas. Trata-se de uma invenção arbitrária

que foi autocolocada numa escala de valor, resultando na concepção atual de uma hierarquia de superioridade e inferioridade entre as raças humanas. Essa superioridade é atribuída a características como moral, intelectualidade e estética, estabelecidas pelo uso do fenótipo.

A ideologia que abarca o racismo científico está nas configurações da atuação na produção de raça. Para Cabecinhas e Amâncio (2003, p. 3), “a noção de ‘raça’ estabelece uma ligação direta entre as características físicas (fenótipo) e as características profundas (genótipo), sendo estas consideradas explicativas das diferentes aptidões e capacidades dos indivíduos”. Coadunando com o pensamento de Paixão e Carvano (2008), dialogando primeiramente com a variabilidade dos seres humanos em termos físicos, ou seja, a base dessa compreensão reside no fato de que os seres humanos possuem uma grande variabilidade de tipos em termos de suas respectivas aparências, especialmente quando se leva em consideração o grau de intensidade da pigmentação de suas peles, os tipos faciais, as cores dos olhos, o formato dos cabelos e, em alguns casos, a forma corporal (altura, peso, tipo corpóreo).

A composição territorial do Brasil perpassa uma relação entre indivíduos, em virtude da diferença entre etnia e raça, visto como uma composição particular da população, sobretudo, a mestiçagem. Conforme Oliveira (2004), a mestiçagem biológica é, inegavelmente, o resultado das trocas genéticas entre diferentes grupos populacionais catalogados como raciais que na vida social se revelam também nos hábitos e nos costumes, interpretados como os componentes culturais.

Santos (2013, p. 2), evidencia que, “há duas décadas, os jovens aprendiam na escola que a miscigenação ou mestiçagem era boa para os brasileiros; e, graças a ela, não existiam entre nós o preconceito, a discriminação racial e, essencialmente, o racismo”. Evidentemente ao contrário desta constatação, mantendo uma continuidade sobre formas e expressões, o racismo e preconceito cunharam conceitos, formas e delineamentos, pensados e elaborados por meio das sociedades brancas.

Tendo em vista as variadas formas pelas quais o racismo se constitui, integrado pelas teorias raciais concebidas em um determinado período, como aponta o estudo de Souza (2016), é evidente que no Brasil existiu uma concepção dentro das teorias raciais direcionada para uma eugenia da raça humana. A eugenia, surgida em 1910, contou com o apoio de boa parte da alta sociedade médica e outros profissionais influentes, esboçando uma ideia de eugenia com bases científicas. Essa ideia logo se conduziu para uma limpeza social no território brasileiro, conhecida como branqueamento. Uma das intenções era o aprimoramento da raça humana para as futuras gerações, implicando numa supremacia racial.

Desde o fim da escravidão, as pessoas negras foram deixadas à mercê de um desamparo social, retratadas como intelectualmente insuficientes, doentes, preguiçosas e incapazes de contribuir para o progresso, segundo os moldes europeus. Os projetos eugenistas eram voltados para o aperfeiçoamento racial, promovendo a mestiçagem. O Brasil, seguindo os modelos vigentes em outros países, adotou essa composição científica mundial. Conforme Schuman (2014), essa visão baseada no racismo e na idealização da raça perdurou desde o século XIX até a contemporaneidade. O "ser branco" tornou-se determinante para uma produção que se sobressai em atributos morais, intelectuais e estéticos dos indivíduos.

Essa construção ideológica socialmente instaurada possibilitou crenças pessoais e sociais, baseadas em teorias que consideravam as raças como fenômenos essenciais. Imaginava-se a humanidade como uma espécie de pirâmide social, com europeus brancos no topo e africanos negros na base. Essas teorias também afirmavam que a humanidade não teria partido de um único berço ou origem.

### **4.3 Concepções a respeito da branquitude e branqueamento**

Numa geopolítica brasileira, a branquitude estabeleceu sobre prerrogativas de favorecimentos, consolidados por meio de ideologias e colocações de superioridades sobre a população majoritária, negra. A branquitude por sua definição e construção se compõe por meio da brancura, onde a cor da pele ganhou suas significâncias na nossa sociedade, essa significância foi produzida pela ideia de raça, que por trás de um corpo existe um fenótipo que vai ter uma continuidade moral, intelectual ou estética, ou seja, usando a ideia de raça mesmo que seja positivo, atribui-se uma atitude pejorativa do estético, expressões culturais e o uso do corpo dando significados, por exemplo: falar que os negros dançam bem, os negros são bons para uma atribuição e outra não, dentre outros fatores.

Tendo a ideia estabelecida das pessoas brancas como universal, a supremacia branca por meio dos moldes ideológicos que se fundamentaram perante a escravidão, dentre as não oportunidade igualitária, concebendo a ideia de meritocracia, favorecimentos de um determinado grupo. Monsma (2017) aponta que a escravidão é justificada por meio da exploração, exclusão e o extermínio de uma população caracterizada inferior, sendo práxis de controle sobre os corpos, abrangendo controle também sobre a figura representatividade da própria pessoa, seja uma figura de superioridade ou inferioridade.

Sendo uma construção de crença instalada na população brasileira, sendo permeado pelos moldes do branqueamento, onde a população negra se percebe branqueada, a partir da referente miscigenação, sendo permissiva para as pessoas negras não se reconheçam enquanto

indivíduos negros, negando sua identidade racial e origem étnica, Hofbauer (2007), sendo a mestiçagem um fator primordial para uma harmonização das diferenças entre negros, indígenas e os brancos, cumprindo uma atribuição para uma formação de apenas uma identidade, na qual originaria uma nação/cultura brasileira, compreendendo uma homogeneidade e tornando a sociedade mais branca, ou seja, o “mestiço” estabelecerá uma equiparação de “raça”. Dentro desse espaço, tem-se uma instauração da miscigenação que se configura como branqueamento.

De acordo com Schwarcz (1993, p. 137) “Em finais do século XIX o Brasil era recorrentemente descrito como uma imensa nação mestiça, representando, nesse sentido, um caso extremo e singular”. O território brasileiro em sua particularidade se compreendeu em estabelecer sua nação branca, estabelecendo a soberania e o poder, conforme, o superior em relação ao inferior. Para Munanga (2015, p. 30) “a mestiçagem até então incomodante começou a ser considerada ora como um mal necessário para o embranquecimento do Brasil, ora como prova da democracia racial brasileira”.

Conforme Guimarães (2011), a miscigenação teve seu processo, sobretudo, no arcabouço dos atravessamentos que os europeus impulsionaram na imigração de sua população aos demais territórios, concebendo o território brasileiro, determinante para o que se entende atualmente como embranquecimento. Tendo o embranquecimento em suas estruturas e bases instituída conforme o racismo brasileiro foi instaurado.

A crença de que não existe preconceito racial e racismo desenhou um cenário em que procurou afirmar que todos os brasileiros eram mestiços, não havendo desigualdade racial entre nós. Encaixando-se na ideia do mito da democracia racial, que defende e reproduz a ideia de que "somos todos mestiços" (ou iguais em termos de raça), como explica Bonfim (2020, p. 27).

Considerando os impactos do racismo que se estabeleceram e ainda se mantêm atuantes, é importante refletir sobre o processo de branqueamento que muitas vezes ocorre dentro da própria comunidade negra. Refere-se ao ato de negar suas próprias características raciais, buscando uma higienização da identidade negra em relação à sua origem e cultura, conforme Conceição (2019). Nesse sentido, ressalta-se que o racismo muitas vezes tem suas raízes em percepções internalizadas pelas próprias pessoas negras.

Segundo Conceição (2019), um exemplo disso é a prática antiga de pais negros incentivarem seus filhos a se casarem com pessoas brancas, uma conduta presente desde a época colonial. Refletindo um padrão de embranquecimento imposto sobre todos os não brancos, em que o desejo de pertencer ao grupo populacional branco é internalizado. Carone e Bento (2017, p. 218) destacam que, "o branqueamento sobre todos os não brancos, o dever ser

imposto por uns têm de retornar como um querer ser de outros". Essas práticas reforçam a inferiorização das pessoas negras, alimentando questionamentos sobre sua capacidade intelectual, questões que persistem até os dias atuais, revelando uma continuidade de pensamentos racistas.

#### 4.3.1 Branquitude e suas configurações na atualidade brasileira

Como previsto por lei na efetiva Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a constituição cidadã, tem como garantia de direitos, direitos garantidos, direitos a todos os cidadãos do país, proporcionando novos delineamentos e rupturas em todos os grupos e categorias sociais, sobre rupturas do preconceito e racismo:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei (Brasil, 1988, p.8).

Em termos legais, há disposições que regulam as formas de expressão em comportamentos como atos criminosos, que podem ter consequências para quem os pratica. Mesmo que a sociedade esteja consciente de suas atitudes hostis em expurgar seu ódio e desprezo por um determinado grupo étnico-racial, é previsto por lei que tais comportamentos são puníveis. Carone e Bento (2017) destacam uma distinção entre branquitude e branqueamento, apontando para uma dimensão em que um país define uma linha de cor para sua população. É importante lembrar que o entendimento de "raça" é estabelecido como um artifício de controle direcionado, com o mecanismo de absolutismo, onde o indivíduo branco é definido como padrão universal de benevolência.

No aspecto mundial, o nazismo liderado por Adolf Hitler no século XX exemplifica essa construção ideológica que se expandiu por diversos territórios, com uma dicotomia histórica marcante de horrores para a população negra e judaica. Carone e Bento (2017) nos fazem lembrar da tentativa de genocídio dos judeus por ideologias de uma Alemanha nazista e suas introduções de ideais branqueadores. No Brasil, embora não na mesma escala, negros foram incentivados a se branquear para escapar do preconceito e da discriminação. Portanto, esse processo de branqueamento pode levar à perda da identidade étnica, sendo um padecer patogênico da imitação.

Estando em visibilidade a atual conjuntura brasileira, movimentos de extrema direita estão tomando visibilidade e criando formas de seguimentos de ideologia nazista, sendo a branquitude, na atualidade, tanto a nível nacional quanto mundial, governos de extrema direita têm alcançado um grande quantitativo de votos em eleições, bem como despertando ações e comportamentos, sendo o caso de nosso país, com a eleição do anterior governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro no período de 2018 a 2022.

Tais evidências se concretizaram e ainda se mantém por meio do uso da tecnologia luz do funcional da tecnologia e o acesso online, sendo a disseminação de *fake news* e manipulação da massa social, Kaufman e Santaella (2020, p.3), “as máquinas e os sistemas inteligentes estão executando tarefas que até recentemente eram prerrogativas dos humanos, em alguns casos com resultados mais rápidos e mais assertivos”. Essa tendência foi um divisor para as atuais configurações, se estendendo sobre a realidade territorial brasileira, e as relações raciais, tem-se um passado que ressurge por meio de um sistema político na contemporaneidade, encoberta por ideologias e crenças, deflagrando atitudes e comportamentos, que se têm manifestações que antes eram encobertas, não demonstrados explicitamente, contudo, o contexto político ainda se apoia dessa ideologia em pleno século XXI.

#### **4.4 Teoria da Identidade Social - TIS**

Sendo as pessoas integradas a um determinado grupo, “sabemos que as pessoas são diferentes, e que, mesmo em contextos muito similares de socialização, haverá formas de pensar e reagir bastante distintas” (Lima, 2020, p. 13). Conforme Fernandes e Souza (2016, p. 108), “a identidade pessoal é subsumida à identidade social. O que faz com que o sujeito negro seja compreendido de acordo com a essencialização de seu grupo étnico-racial”.

Do ponto de vista das relações intergrupais, Fernandes e Pereira (2018) apontam considerações relevantes levantadas por autores como Kurt Lewin com processos de discriminação social que posteriormente foi fundamental para o desenvolvimento da teoria da identidade social e Allport em sua análise sobre o preconceito, sendo essa natureza, condição para um estado de relação entre os grupos e suas posições sociais, por meio de comportamentos hostis intergrupais, proporcionando outras dimensões para novos estudos, bem como definindo a concepção de identidade social relacionada com a categorização.

Em referência a dimensão do valor social e crenças de pertencimento dos grupos raciais, a identidade social emerge como tema de estudo na década de 50 com a publicação de um trabalho sobre percepção categorial realizado por Henry Tajfel (Fernandes; Pereira, 2018).

Conforme Cabecinhas e Lázaro (1997), a identidade social promove estabelecer um construto positivo ou negativo, baseando-se nas identificações apoiada por meio das dimensões associadas aos valores sociais imprescindíveis e ajustados ao favorecimento pelo grupo de pertencimento, ao ponto que os indivíduos façam comparações com o seu grupo e outros grupos.

De acordo com Costa-Lopes *et al.* (2008, p. 769), “são aspectos centrais na construção da nossa identidade pessoal, mas também da nossa identidade coletiva. Muitas das tensões entre grupos sociais decorrem da tensão entre semelhança e diferença na construção das identidades sociais”. O conceito de identidade social perpassa fundamentos importantes para a compreensão do ser humano, no qual é socializável, de consequentes condutas, crenças e valores mediante pertencimento grupal e identificação com o mesmo.

Dentro dessa concepção de identidade social é considerável compreender o ser humano em seu íntimo de crenças de quem é, onde o enquadramento se condiz com a sociedade que se vive, principalmente no sentido das diferenças e semelhanças. Tajfel (1981 apud Fernandes; Pereira, 2018, p.44), “defende que a estima subjetiva referente à pertença social é fundamental para derivar o comportamento das pessoas diante das relações intergrupais, daí a estreita vinculação entre preconceito e identidade social”.

Segundo a proposta da TIS o indivíduo ao construir uma identidade social positiva de si mesmo por meio do seu grupo, tende a constituir um autoconceito positivo sobre si mesmo. Para Sampaio e Ferreira (2009), a premissa é que a identidade social de uma pessoa é o resultado de suas posições sociais validadas, correspondendo aos indivíduos estabelecer relações de contato com o mundo e se identificando com ele, dentre a relação com os grupos sociais. Tajfel (1981) apud Lima (2020, p. 39), “formula a Teoria da Identidade Social para explicar esse fenômeno e propõe que preconceito repousa sobre quatro elementos interligados: categorização social, identidade social, comparação social e distintividade psicológica (Tajfel; Turner, 1979)”. Aponta que a existência do preconceito é decorrente por que:

- i) dividimos o mundo social em categorias ou grupos – o nosso grupo versus o grupo dos outros; ii) tendemos a preferir o nosso grupo mesmo em situações sociais aparentemente neutras, como as do Paradigma dos Grupos Mínimos; iii) comparamos nosso grupo com o grupo dos outros o que afeta a nossa autoestima e iv) maximizamos as diferenças entre o nosso grupo e o grupo dos outros e minimizamos as diferenças internas aos grupos (Lima, 2020, p. 39).

A teoria da identidade social e seus aspectos relacionais subjacentes ao indivíduo partem da concepção de que o indivíduo tem como referência o espaço em que está inserido e as interações sociais, percebendo-se e construindo-se a partir dessas experiências. Tajfel

(1972, p. 292 apud Valentim, 2008, p. 112) define a identidade social de um indivíduo como estando "ligada ao conhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e à significação emocional e avaliativa que resulta desta pertença". Como Valentim (2008, p. 112) também exemplifica, "os indivíduos adquirem uma identidade social pela pertença a diferentes grupos e a necessidade de uma avaliação positiva de si próprios requer que estabeleçam comparações intergrupos que sejam favoráveis ao seu grupo".

De acordo com Paiva (2007), a teoria da identidade social desenvolvida por Tajfel (1972; 1981) baseou-se em pesquisas com percepção visual, compreendendo a identidade psicossocial como a percepção de pertencimento a um grupo e de não pertencimento a outro. Seguindo esse delineamento da teoria, o estudo se alinha na categorização social, a qual, segundo Valentim (2008, p. 111), "encontra-se inscrita nos próprios corpos através de 'marcadores biológicos' como a cor da pele, o sexo e as deficiências, mas não é independente de outras que resultam mais diretamente das posições sociais que os indivíduos ocupam".

A teoria apresentada busca aprofundar o estudo, apoiando-se nos três postulados de Tajfel e Turner (1979), os quais elucidam que o indivíduo utiliza as categorias sociais às quais ele se percebe como pertencente. Esses postulados levam em consideração o construto da identidade social, onde os grupos ou categorias sociais e a adesão a eles estão associados à conotação de valor do autoconceito. Os indivíduos, então, se esforçam para aumentar sua autoestima, e a identidade social pode ser consensual, seja dentro do grupo ou entre grupos. O próprio indivíduo avalia o seu grupo e atribui determinados valores conforme as referências adquiridas a partir dos outros grupos, por meio da comparação de atributos carregados de valores e características.

Alinhando o estudo teoricamente na identidade e categorização social, Valentim (2008, p. 111) descreve que essas categorias estão inscritas nos próprios corpos através de "marcadores biológicos", como a cor da pele, o sexo e as deficiências, mas não são independentes de outras que resultam mais diretamente das posições sociais que os indivíduos ocupam. Dentro dessas concepções estão inseridas a percepção e crenças do indivíduo de pertencimento ao seu grupo de origem. Segundo Fernandes e Pereira (2018), "é importante destacar que o processo de categorização social, base da construção da identidade social, fundamenta-se nas semelhanças intra-categorias e nas diferenças entre as categorias".

## **5. METODOLOGIA**

A pesquisa foi adotada uma abordagem quantitativa com aplicação de questionário, seguida de análise estatística das respostas. Prodanov (2013) descreve a pesquisa quantitativa como aquela que necessita utilizar alguns recursos como percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros fatores matemáticos, assim como instrumentos manipulados (escala, teste, questionário etc.).

### **5.1 Participantes**

Os respondentes do estudo foram jovens negros que são condizentes levando a um determinado grupo racial, pertencente a uma classe social vista como minoritária, contudo, pode-se classificar que essa mesma classe de pessoas está dentro de delineamento que englobam determinados fatores sociais, econômicos, culturais e raciais, sendo esses determinantes para descrever implicações condizentes para conceber determinadas crenças para as condições do racismo e preconceito.

O perfil dos participantes foi determinante para proposta do estudo, mediante o que os objetivos se propuseram analisar um grupo social específico, se fazendo um total no estudo 149 participantes, com idades entre 18 e 29 anos, sendo 106 do sexo feminino e 43 do sexo masculino, se autodeclarando como pretos(as) e/ou pardos(as). Esses jovens foram abordados através das redes sociais, a eles foram fornecidos tanto o questionário, quanto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE de participação no estudo.

### **5.2 Instrumentos e procedimentos**

Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados, a escala de atitudes étnico-raciais (EAER), elaborada por Fernandes e Pereira (2019), a EAER tem uma contribuição importante para aqueles estudos que são direcionados para explorar as crenças étnico-raciais, conseguindo ser eficaz para as análises no território brasileiro, no que corresponde ao preconceito racial. Sendo que ainda no território permanece uma dimensão limitada de escalas que possam contribuir na mensuração das atitudes raciais.

Contudo, o estudo que se fez pertinente para o fundamento da EAER, tem sua amplitude na elaboração, constituída por um público universitário em diferentes regiões, entendendo se abrangente, dentro do território brasileiro, sendo assim, o questionário da EAER e sua utilização se eficaz, na medida em que se compreende breve e de fácil

aplicabilidade, sendo um instrumento com seus itens voltados para uma representação no território brasileiro voltado para as relações raciais (Fernandes; Pereira, 2019).

Utilizou-se o questionário extraída da escala como método para coleta de dados, questionário estruturado (fechado), dividido em 2 (duas) etapas, a primeira, dedicado aos dados sociodemográficos, que inclui informações correspondente ao nome, idade, estado, cidade, gênero, cor e escolaridade, a segunda, por uma escala de tipo *Likert* de cinco pontos, tendo como possibilidade de resposta, variando de 1 a 5, composta por 44 questões. Essa segunda etapa foi subdividida em 3 (três) segmentos:

1-Crença de satisfação enquanto ao fenotípico (cor da pele), variando de 1 (nada satisfeito/a) a 5 (totalmente satisfeito/a).

2-Crenças dos aspectos culturais e atributos dos negros/as, variando de 1 (nada satisfeito/a) a 5 (totalmente satisfeito/a).

3-Crenças das diferenças raciais, sendo o (endogrupo) e/ao (exogrupo) no que corresponde ao racismo e preconceito racial, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Discordo totalmente).

Esses três seguimentos de se estabeleceu em aprofundar as análises no presente estudo, pela qual possibilitou a compreensão dos conteúdos e variáveis estabelecidas das análises e interpretações das crenças que os jovens negros(a) têm de si e sobre sua categoria racial de pertencimento, construído e percebido a partir das sentenças divididas em quatro seguimentos, sendo eles:

### **5.3 Procedimentos de coleta de dados**

O estudo se concedeu no contexto da pandemia, contudo se concedeu a buscar os participantes por meio das plataformas digitais, sendo a forma mais viável mediante a condição social, passando a serem conduzidos de forma remota, os participantes tendo acesso ao questionário e as demais informações on-line. Entende-se que o grupo citado, muitos não têm possibilidade de acesso à internet e uso de aparelhos eletrônicos, tornando-os ainda mais invisibilizados, sobretudo no que corresponde a desigualdade racial. O estudo se concebeu por meio das seguintes fases:

Para alcançar um número desejado de participantes, foi realizada uma busca ativa para encontrar o público alvo da pesquisa, contatos de pessoas próximas para que pudessem divulgar em grupos e repassar para outras pessoas, dessa forma foi possível alcançar o maior número de participantes.

Os participantes convidados através das redes sociais “*Facebook*”, “*Instagram*” e “*Whatsapp*” de forma voluntária em participar do estudo, foram disponibilizados o TCLE anexado na plataforma online *Google Forms*, onde o mesmo foi direcionado por meio de link de acesso. Sendo informados de todos os aspectos de investigação, foi esclarecida a finalidade e proposta do estudo para que os mesmos entendessem do que estavam participando, estando cientes de como ocorreria e de que forma iriam contribuir.

O questionário foi introduzido na plataforma online “*Plataforma Google forms*”, sendo um ambiente virtual favorável e adequado para que os participantes tivessem acesso para responder o questionário, assim que aceitassem participar do estudo de acordo com o TCLE, o *link* de acesso foi compartilhado com os participantes nas respectivas redes sociais onde foi realizado o primeiro contato, de acordo com as diferentes redes sociais, como o “*Facebook*”, “*Instagram*” e “*Whatsapp*”.

Visto que o questionário foi enviado para o colaborador/participante e o mesmo tendo acesso através do *link* de acesso, respondendo o que foi pontuado mediante as informações, seguindo um roteiro de questionário fechado e de modo individual que se dará através da “*Plataforma Google forms*”, depois do término, tem-se acesso às informações das respostas, onde os dados foram compilados e transferidos para o *Excel* em forma numérica para a tabulação e análise dos dados no programa *IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences)*, versão 27.

Enviado o TCLE, o documento no formato em “*Portable Document Format - PDF*”, enviado com antecedência de uma semana para os respectivos jovens colaborador/participante do estudo, assim como concedendo uma devolutiva aos colaboradores/participantes por contribuir com o estudo, foi enviado por “*E-mail*” e “*Whatsapp*” uma mensagem de agradecimento pela colaboração no estudo.

#### **5.4 Procedimentos de análise de dados**

As respostas do questionário foram tabuladas para a análise dos dados foi utilizado o programa *IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences)*, versão 27. Para as análises dos dados foram realizadas estatística descritiva, os qualitativos se utilizaram da distribuição de frequência simples (n) e relativa (%), para os dados quantitativos medidas de posição/ tendência central: Média, seguido pelas medidas de variabilidade/dispersão: máximo, mínimo e desvio-padrão. Seguida de estatística bivariada, investigando associação/relação entre duas variáveis, sendo utilizado para a caracterização dos participantes, conhecendo o perfil da amostra e explorando diferenças na distribuição.



## 6. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde em Pesquisa (Ministério da Saúde, 2012). Em todas as fases do estudo foi respeitado e concordando com o que preconiza a Resolução. Como se trata de pesquisa com seres humanos e usando da ética, o projeto obteve a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. O estudo deu continuidade no processo de coleta de dados e consequentemente suas análises a partir da sua aprovação em torno dos princípios éticos, com a numeração do parecer: 5.515.558, numeração gerada para identificar o projeto de pesquisa por meio das condições ética no Conselho de Ética e Pesquisa- CEP e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética- CAAE: 58553122.0.0000.5013.

Foi necessário que os colaboradores estivessem de acordo com o TCLE para participarem do estudo. Ao declararem que leram e concordaram com o termo, foram direcionados ao questionário. O estudo contou com 149 participantes, sendo essencial o consentimento desses colaboradores para sua participação. Todos os 149 participantes concordaram em participar do estudo após lerem e aceitarem o termo, o que representa uma taxa de 100% de concordância.

## 7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse tocante, para a compreensão dos conteúdos citados e das variáveis, interpretados o exposto a partir de uma compreensão histórica, teórica e interpretações por análises estatísticas, propondo um entendimento textual dos resultados, correspondente ao contexto psicossocial das variáveis do racismo e preconceito racial da sociedade brasileira e seus impactos relevantes na concepção e crenças dos jovens negros.

Interessa-nos nesse estudo a contextualização que residem nas crenças, no íntimo da percepção do valor social dos negros(a), sendo os conteúdos psicossociais do racismo, quanto do preconceito racial que as pessoas negras vivenciam e os aspectos relacionais da construção indenitária dentro de uma sociedade. Sendo que as crenças são constituídas a partir das experiências vividas. Dentre essas, as informações concebidas, como os saberes, pensamentos, emoções, comunicação e relação, dentre outros, sendo às crenças podendo ser atribuída com a finalidade de autodefesa.

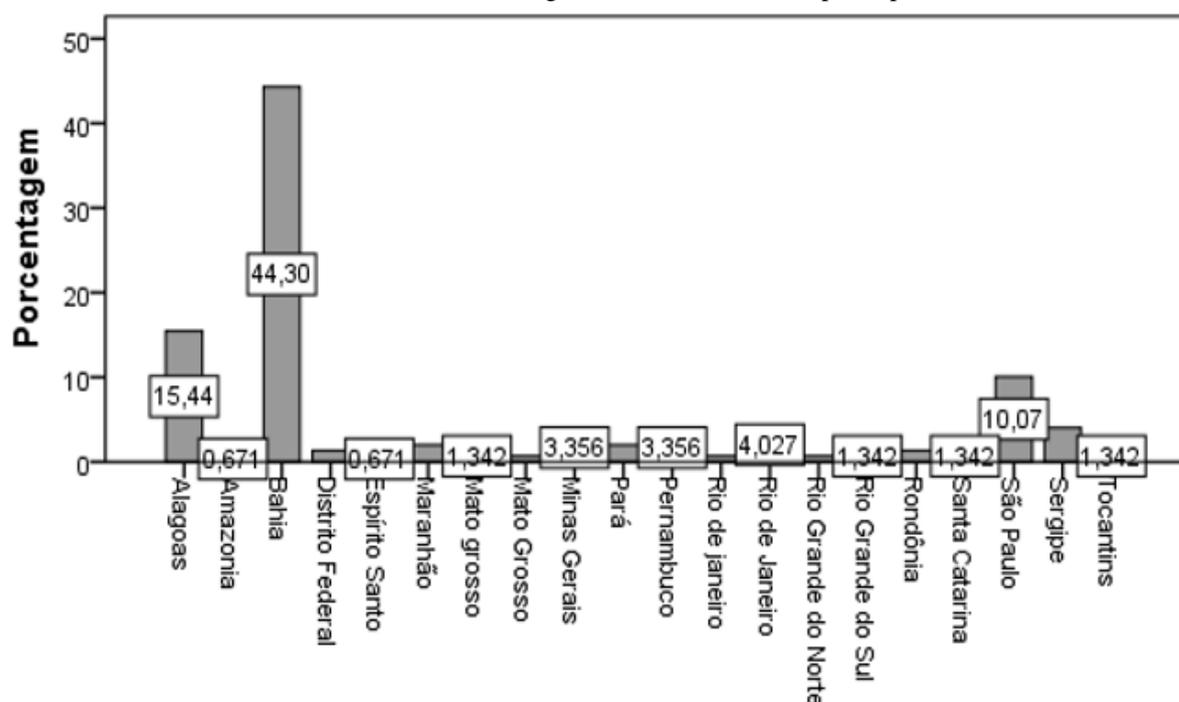
### 7.1 Aspectos sociais e demográficos dos jovens negros(a)

Os dados sociodemográficos dos participantes do estudo fornecem informações importantes sobre o perfil do grupo analisado. A análise estatística descritiva revela que a faixa etária dos participantes variou de 18 a 29 anos, com uma idade mínima de 18 anos e máxima de 29 anos. A média de idade observada foi de 24,6 anos ( $M= 24,6$  anos de idade) com um desvio padrão de 3,26 ( $DP= 3,26$ ), indicando uma relativa homogeneidade na distribuição das idades.

No que diz respeito ao gênero, houve uma predominância do sexo feminino entre os participantes, representando 71,1% da amostra, com um total de 106 mulheres ( $n= 106$ ; 71,1%). O sexo masculino, por sua vez, compreendeu 28,9% da amostra, totalizando 43 homens ( $n= 43$ ; 28,9%).

Quanto à cor da pele autodeclarada pelos participantes, a análise revela que a maioria se identificou como pretos(as), totalizando 86 jovens (57,7%). Em seguida, temos 63 participantes que se autodeclararam como pardos(as), representando 42,3% da amostra. Esses dados refletem como esses jovens negros se percebem, sendo que a maioria se identifica como preto(a), com uma porcentagem de 57,7%; seguido por pardos(as) com 42,3%. Essas informações são relevantes para compreender a composição do grupo estudado e suas características demográficas (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Dado sociodemográfico da localidade dos participantes

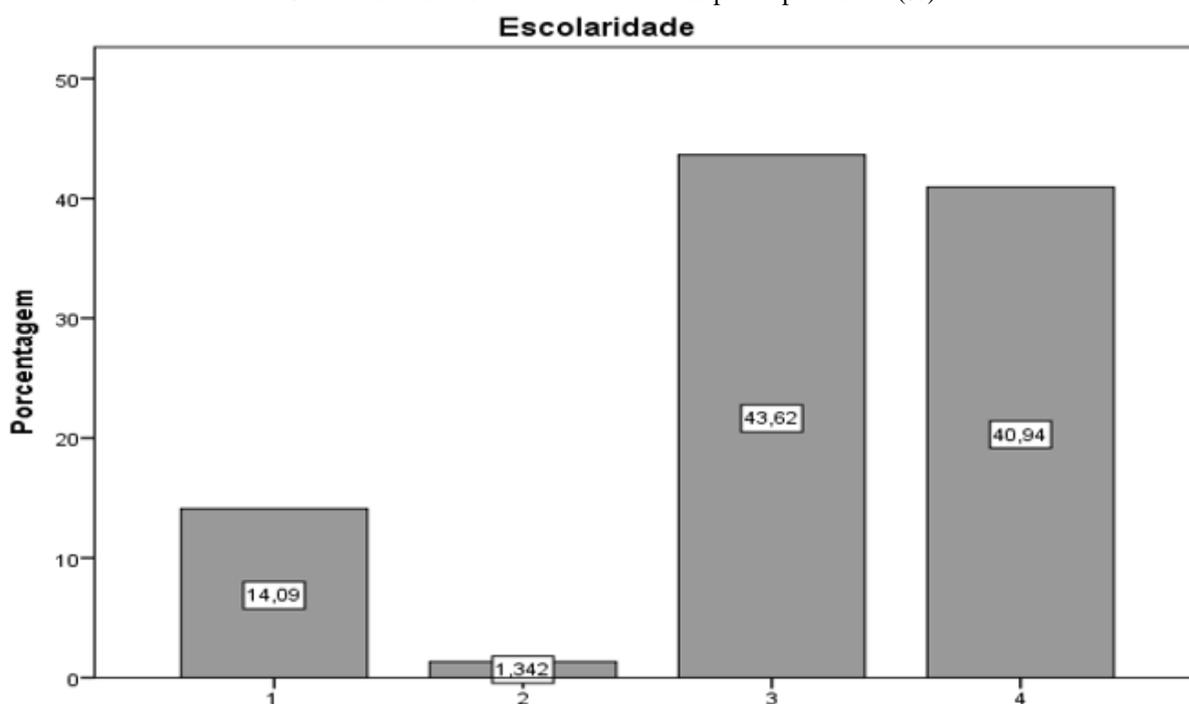


Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

O estudo envolveu participantes compostos por várias regiões do país e estados, sendo que cada estado está representado por um número quantitativo de participantes que compôs o estudo, sendo os jovens negros(a), predominando moradores do Nordeste do país, a maioria do estado da Bahia representada por (N= 66; 44,30%), representada pela maior população de pessoas negras fora do continente Africano e o estado de Alagoas com (N= 23; 15,44%), sendo o maior em índices de violência e homicídio desses jovens.

O gráfico 2 mostra um somatório de 21 estados brasileiros, abrangendo nesse ponto dois estados com o maior quantitativo para esse estudo, o estado da Bahia com o maior número de colaboradores, representados por 44,3%, seguido pelo estado de Alagoas com 15,44% destes.

Gráfico 2 - Análise da escolaridade dos participantes em (%)



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Percebe-se no Gráfico 2, uma composição dos níveis de escolaridade desses jovens, representados por 21 respondentes com Ensino Médio completo (1), 2 respondentes com Ensino Médio incompleto (2), 65 respondentes com Ensino Superior completo (3) e 61 respondentes com Ensino Superior incompleto (4).

Dentro dessa seara da escolaridade, este estudo destaca o maior quantitativo de jovens negros/as dentro de um ambiente educacional de nível superior, assim significa uma maior oportunidade de pensar sobre sua condição social, especialmente sobre sua origem, e uma maior definição de sua identidade. Nesse ponto definido, esses indivíduos se equiparam a outros não-negros/as com oportunidades de conhecimento, assim infere-se uma concepção e maior aceitação do que corresponde à tonalidade do tom de pele, ganhando importância para essas pessoas.

A tabela apresenta a percepção da capacidade intelectual dos negros em relação aos demais:

Tabela 2 – Percepção da capacidade intelectual dos negros em relação aos demais

	N	Média	Desvio padrão
O que diferencia os negros dos demais é a capacidade intelectual.	149	1,64	,983
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

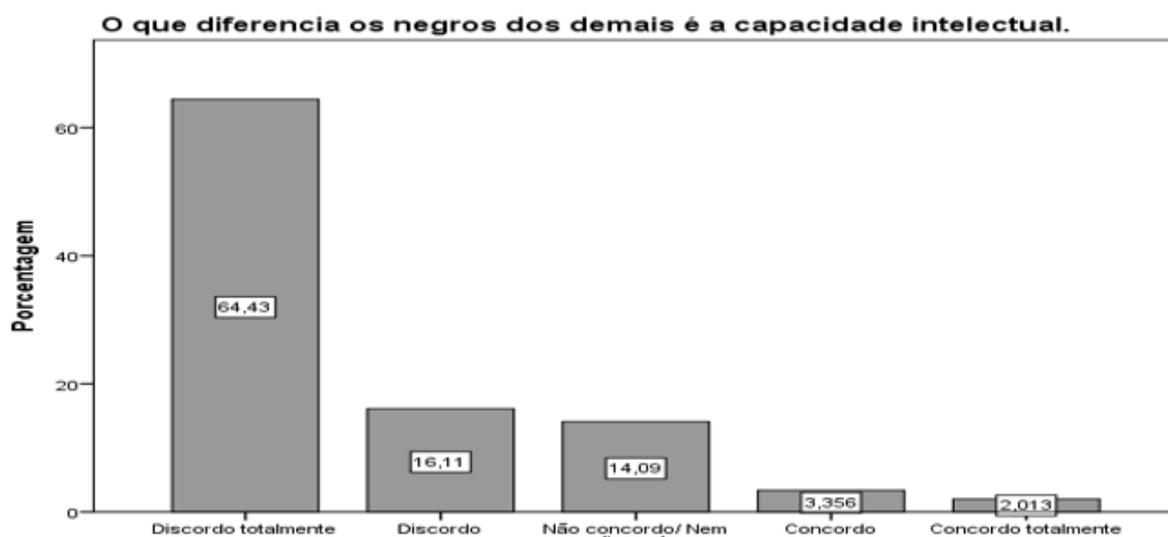
Observa-se que a capacidade intelectual é considerada um fator importante na desigualdade racial, pois é mensurável e significativo nas crenças que correspondem ao nível intelectual de discernimento em relação à sua origem social e identidade pertencente,

independentemente do nível educacional em que se encontram. Através desse meio, há uma compreensão cognitiva das possibilidades reflexivas para refletir sobre as circunstâncias em que esses jovens negros e negras foram colocados e estão inseridos, principalmente no contexto das oportunidades de igualdade racial, por meio da educação que se vislumbra a possibilidade de promover mudanças nesse cenário.

No caso dos preceitos intelectuais, observa-se a partir das crenças dos jovens que a capacidade intelectual não é um fator que distingue pessoas a partir da concepção de cor/ raça, tendo o impacto do racismo nas bases da capacidade intelectual das pessoas negras, visto que para esse resultado se obtiveram valores com (M = 1,62; DP= 0 ,983).

Portanto, para melhor visibilidade em porcentagem (%) indicada por meio do gráfico 3:

Gráfico 3 - O que diferencia os negros dos demais é a capacidade intelectual



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Quanto à capacidade intelectual, se observou que 64,43% “Discordam totalmente” que não é a capacidade intelectual que diferencia um indivíduo do outro ou uma categoria racial da outra, como por um longo período histórico foi estabelecido, constatando-se que as pessoas negras eram inferiores intelectualmente as pessoas brancas.

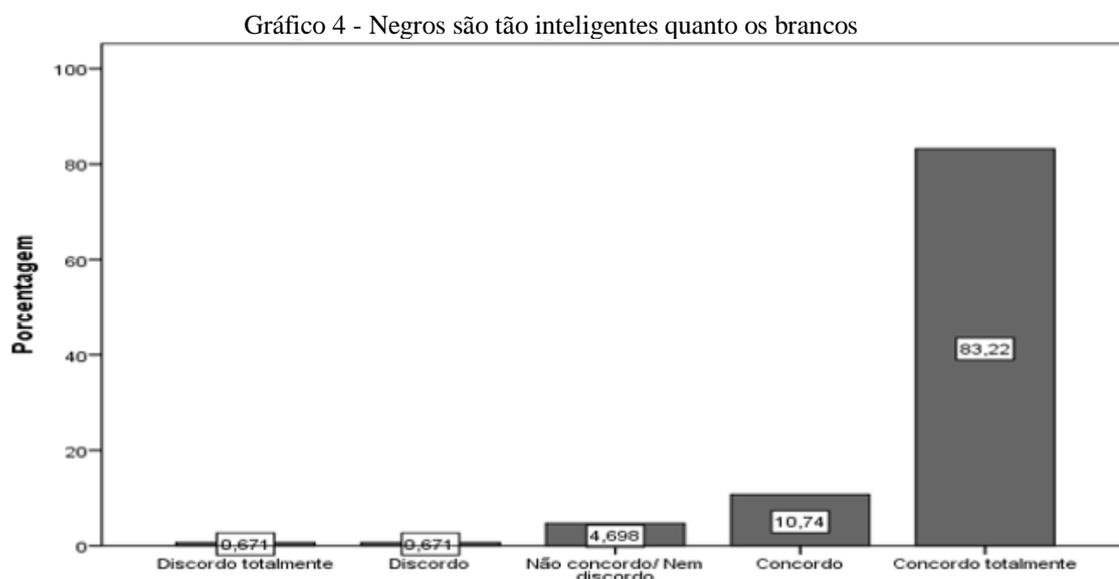
A tabela 2 traz a apresentação da média e desvio padrão quanto à inteligência dos negros e brancos:

Tabela 3 - Média e desvio padrão quanto à inteligência dos negros e brancos

	N	Média	Desvio padrão
Os negros são tão inteligentes quanto os brancos.	149	4,75	,636
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Mediante crenças dos jovens negros, têm-se valores com ( $M = 4,75$ ;  $DP = 0,636$ ), tem-se uma compreensão dos jovens negros(a) que esta percepção construída socialmente não é um lugar em que os jovens negros se percebem, não se colocando diferentemente dos brancos intelectualmente. Sobre esse resultado compreende-se um valor em porcentagem (%), uma melhor visibilidade está representada no Gráfico 4:



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Nota-se que a maioria concorda totalmente com a afirmação de que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, pois essa percepção é fundamental para desafiar estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade. Essa concordância sugere uma mudança positiva na consciência coletiva, indicando uma disposição para reconhecer e valorizar a diversidade intelectual, independentemente da cor da pele. A visão inclusiva é necessária para promover um ambiente mais igualitário e justo, onde todos os indivíduos têm a oportunidade de alcançar seu pleno potencial, independentemente de sua origem étnica.

## 7.2 Análises dos atributos morais e socioculturais relativos das pessoas negras em relação as não-negras

A compreensão dos atributos morais e socioculturais das pessoas negras em contraste com as não-negras é um campo relevante de estudo que reflete as complexidades das dinâmicas raciais em nossa sociedade. Para visualizar esse cenário, a Tabela 4 traz a apresentação da média e desvio padrão da característica marcante na personalidade dos negros:

Tabela 4 - média e desvio padrão da característica marcante na personalidade dos negros

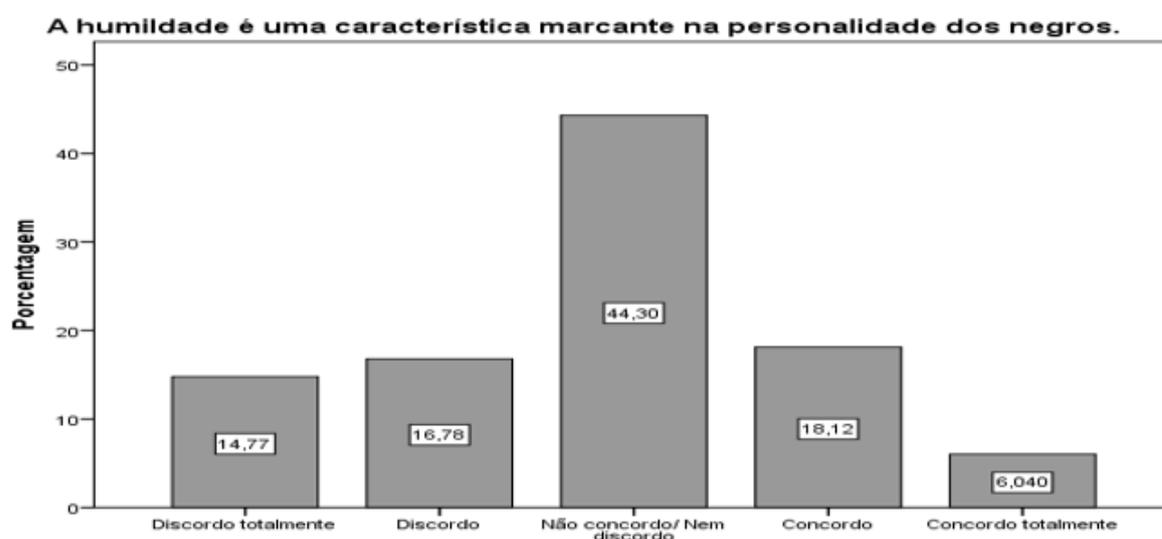
	N	Média	Desvio padrão
A humildade é uma característica marcante na personalidade dos	149	2,84	1,078

negros.			
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Tem-se aqui um significativo valor com ( $M= 2,84$ ;  $DP = 1,078$ ), sendo o sentido de “humanidade”, visto que os negros em sua maioria são interpretados como “maus”, “ruim”, “agressivos” o que correspondentes a condutas preconceituosas sobre as pessoas e povos afro-brasileiras, perpassando prerrogativas do passado para o atual momento. Tal prerrogativa se direciona as pessoas negras enquanto sendo negativas ou até mesmo não reconhecendo suas características acerca de seus atributos humanos e socioculturais, incorporando os atributos morais e socioculturais afrodescendente na sociedade, sendo essas estabelecidas de diversas formas, o que favorece percepções do próprio indivíduo negro através de crenças, conceituada através de uma visão estereotipada negativa para a categoria negra, se prevalecendo crenças errôneas sobre uma determinada cultura, etnia e raça, apontado pelo Gráfico 5 em (%) abaixo:

Gráfico 5 - A humildade é uma característica marcante na personalidade dos negros



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Observou-se que 44,30% dos jovens “Não concordam/Nem discordam” sobre a humildade ser uma característica presente na personalidade dos negros, sendo que 18,12% “concordam”, entendendo-se que as crenças sobre sua própria personalidade e reflexo das condições estabelecidas enquanto sua identidade, tendo-se suas associações sobre o corpo negro brasileiro, bem como os estereótipos que se constituiu e estabeleceu socialmente dentre outros aspectos.

Tabela 5 - Diferencia os negros dos brancos é o caráter

	N	Média	Desvio padrão
O que diferencia os negros dos brancos é o caráter	149	1,83	0,933
N válido (de lista)	149		

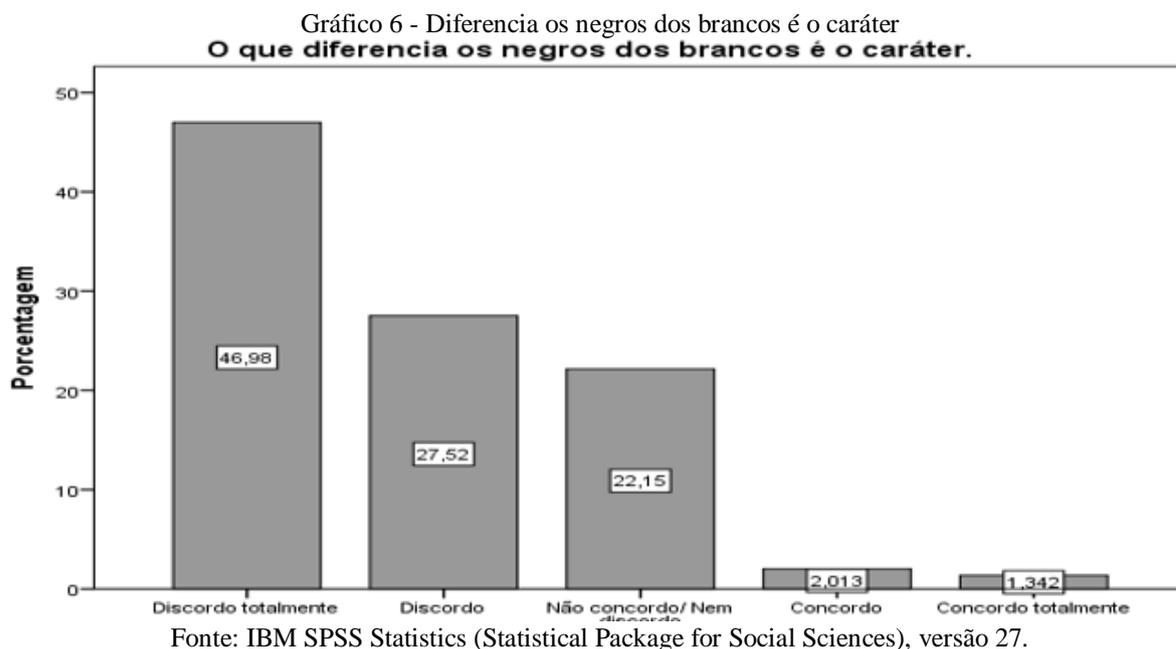
Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

A Tabela 5 apresenta uma análise sobre a percepção da diferença entre negros e brancos em relação ao caráter. Os números indicam que, em média, a percepção de diferença é de 1,83; com um desvio padrão de 0,933. Sugere que, em geral, há uma percepção de diferença no caráter entre negros e brancos, com uma variabilidade considerável nas respostas.

De acordo com Schucman (2014), essa medida levanta questões importantes sobre as percepções e estereótipos que podem existir em relação aos dois grupos raciais. A ideia de que o caráter pode ser percebido como diferente com base na raça pode refletir crenças arraigadas ou preconceitos culturais. É fundamental considerar o aspecto social, histórico e cultural em que essas percepções se desenvolvem.

Dentro dessas definições, cabendo acrescentar, que segundo Schucman (2014) coloca uma concepção de “ideia de superioridade moral e intelectual”, o que se explica as desigualdades raciais entre os brancos e não-brancos, não está apenas nas questões econômicas, se corresponde sobre um contexto histórico de permanência de poder e privilégios, permeando uma estrutura que se introduz na importância e sentido da branquidão. Percebido como um lugar que é percebido que não se atribui ao passado, sendo um lugar que se estabeleceu preceitos negativos, sendo estes preceitos humanos considerado na categoria racial por cada participante ao responder o questionário, considerando os escores dos critérios obtidos a partir dos atributos morais e socioculturais dentre as percepções estabelecidas socialmente.

Neste sentido, mediante os valores ( $M = 1,83$ ;  $DP = 0,933$ ), podendo-se referir o quanto a ocupação e ascensão social das pessoas negras ainda são pontos a serem discutidos, visto que mesmo ocupando os mesmos locais, universidades, empregabilidade, o que os tornam igualmente intelectual que as demais pessoas não-negras, os aspectos morais são empecilhos para o seu reconhecimento e ascensão. Visto em porcentagem no Gráfico 6:



A cor/ raça não é significativa para definir o caráter de uma pessoa ou categoria racial, visto que os resultados evidenciaram que a maioria dos jovens “discorda totalmente” (46,98%) sobre esse pensar social.

### 7.3 Crenças e percepções dos jovens negros(a) face às situações de racismo e suas configurações sociais

A existência do racismo sendo norteador de impactos até os dias atuais, destinando-se a problematizar crenças de não validações indenitárias de determinado quantitativo negro, possibilitando crenças de branqueamento, em ser aceito socialmente pelas vias da branquitude, perpassando um campo ideológico, não reconhecendo seu lugar e origem, sua identidade e fenótipo tipicamente afro-brasileiro. Segundo Bento (2002, p. 1), “no Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”.

A Tabela traz uma apresentação do entendimento de que o racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros:

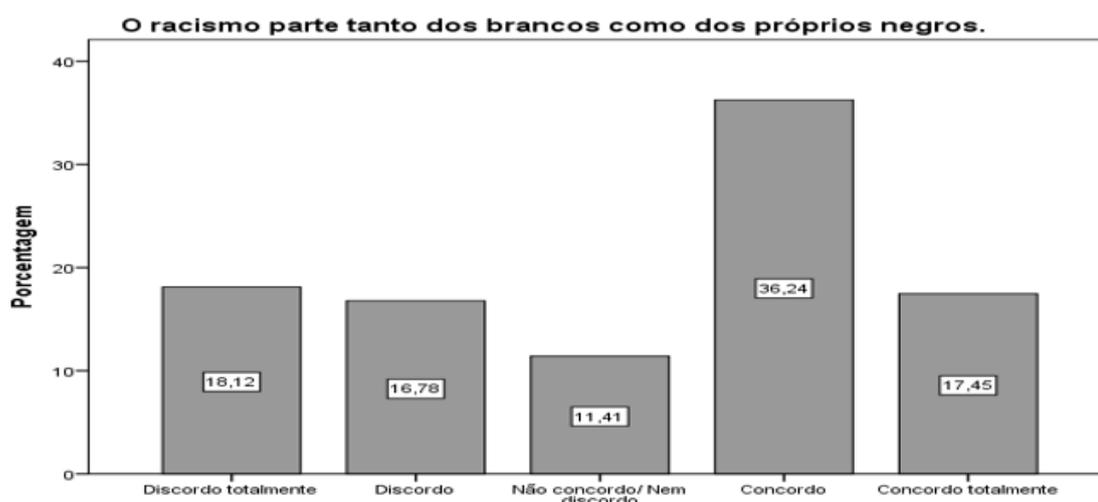
Tabela 6 - O racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros

	N	Média	Desvio padrão
O racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros	149	3,18	1,390
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Avervou-se através da estatística descritiva para explicar as crenças de racismo partindo do (endogrupo) e (exogrupos), o quanto o racismo se perpetua dentro da própria categoria dos negros (endogrupo), sendo o racismo instalado e constantemente disseminado pelas relações sociais e grupais, por meio dos (exogrupos), o dos brancos. De acordo com a análise condizente com o próprio grupo das pessoas negras, no que corresponde às crenças destinadas à estruturação mediante atuação do racismo dentro do próprio grupo, percebeu-se uma frequência de (M= 3,18; DP= 1,390) (Gráfico 7).

Gráfico 7 - O racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Com um valor em porcentagem (%) que permeia o maior quantitativo para o “concordo” equivalente a 36,24%, relevante quantitativa para interpretar o quanto o racismo se concebe operante, integrando todos os grupos que constitui uma sociedade, corroborando e afirmando sua existência, partindo tanto dos brancos como dos próprios negros.

As formas como o racismo se estruturaram e se perpetuam socialmente, sobre um conceito cientificista por uma narrativa dominante branqueada estabelecida no Brasil, o processo de mestiçagem carrega a memória da extrema violência colonial do racismo, o branqueamento de uma nação. Martins *et al* (2013) apontam um racismo ainda vigente nas relações étnico-raciais no Brasil, sendo determinante para as desigualdades, ao que corresponde uma maior dimensão de causa e efeito, sendo de sofrimento socialmente ou psíquico, para além de uma naturalização das injustiças do racismo na vivência e relação das pessoas negras.

Essas estruturas do racismo colocam reflexões e evidências que remetem ao branqueamento vivenciado por pessoas mestiças, sendo levado constantemente ao posicionamento ocupado, (re)afirmado pela branquitude, “Branquitude essa que, desde a colonização, é cuidadosamente mantida no altar de visibilidade idealizada, a ser sonhada, protegida como a mais querida relíquia que poderíamos ter” (Rodrigues, 2022, p. 3-4).

Apontando essas grandezas de implicações, embora as dimensões do racismo sejam pertinentes partindo das pessoas brancas, contudo, tem-se uma dimensão que o racismo também parte dos próprios indivíduos negros para a própria categoria racial, tendo as reflexões considerações acima. Podendo considerar também os efeitos preponderantes do racismo cordial no território brasileiro, sendo ressaltado por Pacheco (2011) que o mesmo se instalado em um determinado período o Brasil, ganha uma composição de mestiçagem, em que população brasileira futuramente seria branqueada, sendo que foi alicerçado com a mesma proporcionalidade idealizadora que o mito da democracia racial, sendo uma falsa percepção de igualdade entre os grupos raciais brancos e negros.

Acrescenta-se dentro desse resultado um racismo ainda operante na percepção de crenças desses jovens negros em ambas as conjunturas de grupos, o que demonstra uma perseverante marca dos impactos criados pelo racismo, por intermédio de suas configurações socialmente engendradas em ideologias, estabelecendo estruturas como a desigualdade racial, sustentando a preservação do branqueamento, cuja uma sociedade é composta por uma maioria de pessoas negras, porém, marcada pelas eventualidades conduzidas pelas formas que o racismo se estabeleceu. Conforme Cunha Júnior (2001, p. 10), “precisamos ser atentos ao fato de racismo como ideologia de dominação ter que ser diferente de lugar para lugar. O nosso racismo é diferente dos outros, se constrói de forma diferente, mas não é menos cruel”.

Assim sendo, pensa-se no racismo como propulsor para além das injustiças, hostilidade, marginalização, violência ou o mito da democracia racial, foi o ideal de branqueamento, sendo norteador das crenças parte de “pardos” ao se depararem e se perceberem enquanto pertencente ao grupo “branco”, possibilitando fortes disseminações de racismo contra sua própria categoria racial. Nesse ponto, Piza (2000) explana o branqueamento sendo um conjunto normas, valores e atitudes que estão associados ao grupo e indivíduos “brancos”, ganhando sentido para as pessoas não-brancas adotam ou incorporam, afim de assemelhar-se ao padrão “branco” concebido como um padrão prestigioso, assim, construir uma identidade racial positiva.

#### **7.4 Crenças e percepções dos jovens negros(a) face às situações de preconceito racial e suas configurações sociais**

Ao explorar as crenças que os jovens negros(as) têm sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor, abre-se espaço para uma reflexão mais profunda sobre as estruturas de poder, privilégios e desafios que permeiam suas vidas. A Tabela 7 traz essa visão:

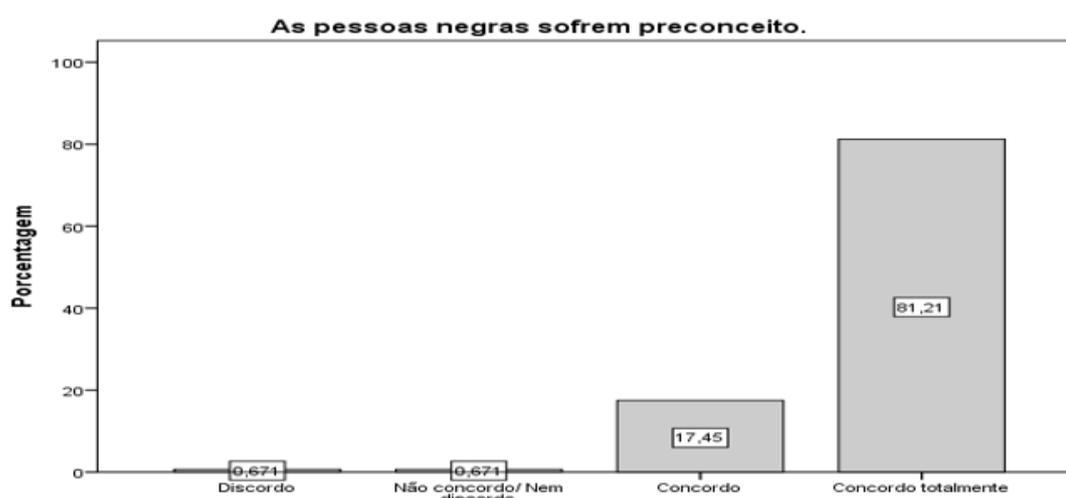
Tabela 7 - As pessoas negras sofrem preconceito

	N	Média	Desvio padrão
As pessoas negras sofrem preconceito	149	4,79	,469
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Sendo assim, é percebido um resultado em que as crenças dos jovens negros(a) atribuída ao preconceito racial partindo dos brancos para com as pessoas negras, o resultado afirma que o preconceito racial é percebido e visível. Tendo uma frequência de (M= 4,79; DP= ,469), ao ponto em que as pessoas negras sofrem preconceito prevalecendo um valor significativo em porcentagem (%), observado no Gráfico 8:

Gráfico 8 - As pessoas negras sofrem preconceito



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Dentro dessa mesma seara do preconceito, se compreende que independentemente da sua condição social ou qual posição das pessoas negras se encontra relevante para essa análise, sendo pertinente o preconceito contra negros existe independentemente da classe social, no que concerne uma frequência de (M= 4,79; DP= ,469), percebendo-se uma elevada crença desses jovens negros quanto eles são acometidos pelas formas estabelecidas socialmente do preconceito em suas bases sociais, com um percentual de 17,45% para o “concordo” e 81,21% para a “concordo totalmente”, ou seja, se mantendo uma crença relevante na percepção desse jovens o quanto o preconceito implica na sua realidade de mudança de vida e a existência sempre expressada e marcada.

Dentro dessas condições de pré-julgamentos que se estabelecem contra essas pessoas negras, em seu contexto das relações interpessoais, vida pessoal, seu caráter, até mesmo sua condição de pertencimento social, são essas condições atravessados por essas pessoas, ao ponto que fazem as mesmas desacreditar ou contestar sua figura originária e indenitária. Sendo recorrente o preconceito contra os negros independentemente de sua classe social, ou

seja, mesmo essas pessoas negras tendo uma condição social e financeira que se igual ao dos não-negros, são ainda vistos de forma preconceituosa.

Esse resultado revela como as pessoas negras percebem o preconceito racial dentro de sua categoria, considerando a dinâmica de grupos em que são vistos como dominantes e dominados. No aspecto das relações intergrupais, há uma concepção dos processos cognitivos que os indivíduos utilizam, onde o preconceito racial se manifesta através de estereótipos. Para Batista e Costa (2011), o preconceito racial possui suas particularidades, sendo que o indivíduo internaliza através de elementos mentais que guarda em sua memória, permitindo o acesso a essa categorização por meio de crenças pessoais, sejam elas negativas ou pejorativas em relação ao grupo ao qual pertence tal categoria, resultando no estereótipo negativo.

Dessa forma, o preconceito racial se configura como um aspecto inerente ao outro, baseado no que foi concebido cognitivamente. Especificamente, o preconceito racial dos indivíduos brancos em relação aos negros é significativo no desenvolvimento da identidade social, influenciando diretamente a identidade pessoal e o reconhecimento dentro do grupo racial. Essa compreensão ressalta a importância de analisar como o preconceito racial é percebido e internalizado pelos indivíduos, impactando não apenas nas interações intergrupais, mas também na construção de suas próprias identidades.

De forma consistente, as novas manifestações do preconceito têm se mantido através de conceitos e condições estabelecidas por pessoas de fora do grupo (exogrupo), o que pode ser expresso como a não aceitação ou aversão às pessoas do grupo dos negros. Dentro dessa perspectiva, Lins et al. (2014, p. 96) destacam que, "o preconceito racial não é um fenômeno global, mas uma forma de consciência social que se desenvolve em situações históricas concretas, no interior das relações intergrupais, como uma forma de dominância". Essa abordagem ressalta como o preconceito racial não é algo que existe de forma universal, mas sim uma construção social que surge em contextos históricos específicos, dentro das interações entre grupos, como um mecanismo de dominância.

Nesse processo, é interessante considerar a forma como o preconceito se apresenta no Brasil, conforme discutido por Nogueira (2007), sendo um preconceito de marca, em contraste com o preconceito de origem estabelecido nos Estados Unidos da América (EUA). Enquanto nos EUA o preconceito racial é muitas vezes baseado na origem étnica ou racial das pessoas, no Brasil é mais comumente associado à marca ou aparência física, como cor da pele e traços negroides. Esta distinção mostra como o preconceito pode se manifestar de maneiras diferentes em diferentes contextos sociais e históricos.

Uma vez que no território brasileiro e a pobreza é inerente a uma determinada categoria e raça, ao ponto que a discriminação se apresenta inerente dentro desses

enquadramentos, estando presente socialmente e sentido por esses indivíduos, os jovens negros (Tabela 8).

Tabela 8 - As pessoas negras sofrem discriminação

	N	Média	Desvio padrão
As pessoas negras sofrem discriminação	149	4,77	0,481
N válido (de lista)	149		

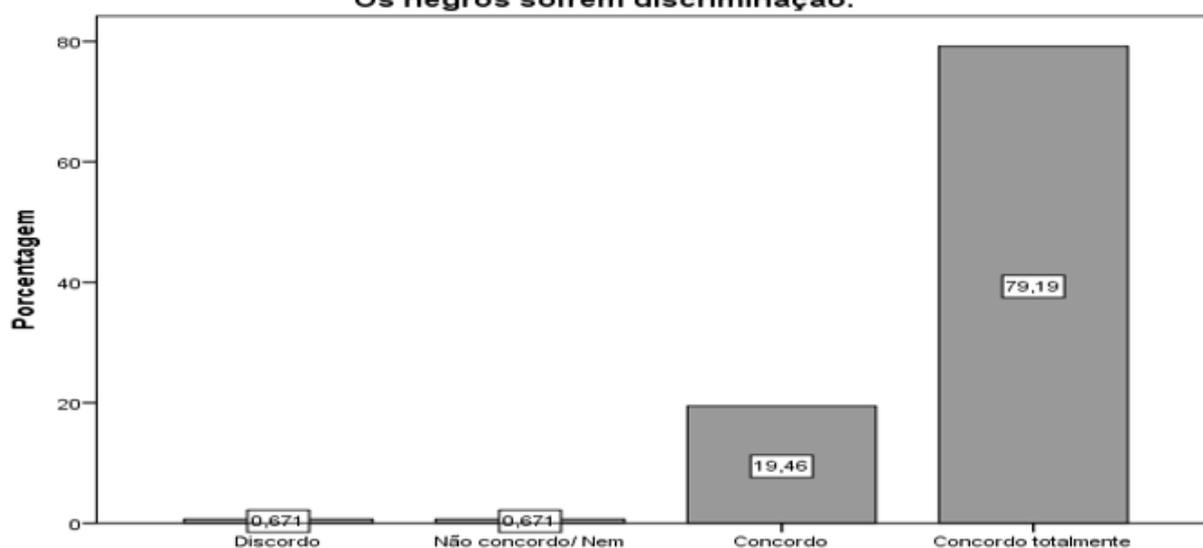
Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

No que corresponde à discriminação, obteve ( $M = 4,77$ ;  $DP = 0,481$ ), essa média alta reflete uma consciência generalizada sobre a realidade da discriminação racial enfrentada pelas pessoas negras na sociedade. O valor médio próximo de 5 (considerando uma escala onde 5 pode ser interpretado como "discordo fortemente") indica uma forte concordância de que a discriminação é uma experiência significativa para indivíduos negros. O baixo desvio padrão sugere que há um consenso geral entre os participantes nesta pesquisa sobre a presença e a gravidade da discriminação racial. Também uma compreensão coletiva das injustiças enfrentadas por pessoas negras em várias esferas da vida, incluindo emprego, educação, justiça criminal e interações cotidianas.

Conforme Rosa (2009, p. 898), “a pobreza no Brasil tem cor e que os avanços econômicos e sociais experimentados pelo país nos últimos anos não têm apresentado uma resolução para as desigualdades entre brancos e negros”. Para além do racismo e preconceito racial, sendo o ponto principal de análises e discussão do estudo, tem-se aqui um ponto que cabe acrescentar se acentuando no complemento desses resultados.

Analisando esse dado com porcentagem, tem-se o Gráfico 10:

Tabela 9 - Os negros sofrem discriminação  
**Os negros sofrem discriminação.**



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Com uma porcentagem que permeia um maior quantitativo em (%), jovens negros(a) “concordam totalmente” que os negros sofrem discriminação, partindo desses pressupostos, percebe-se que os negros(as) expostos a discriminação racial, se esforçam em uma porcentagem maior do que os brancos, mesmo diante da mesma condição financeira e vivências equivalente a classe social, uma vez que o mito da democracia racial está instalado no contexto social e das relações brasileiras, o que se pode pensar e apontar o poder da meritocracia, estruturado e gozado entre a população branca brasileira.

Tendo em vista uma dimensão de classes, Figueiredo (2004) aponta uma condição mediante a classe social média se ponderando uma dimensão de crenças em que as pessoas negras dentro da classe média são vistas e tratadas como os brancos, o que se permite acreditar tal realidade como verídico por meio das práticas que foram instaladas dentro das relações raciais no território brasileiro serem customizadas.

Sobre o fato de que a sociedade discrimina as pessoas negras, a Tabela 10 traz o resultado:

Tabela 10 - A sociedade discrimina as pessoas negras

	N	Média	Desvio padrão
A sociedade discrimina as pessoas negras.	149	4,77	,481
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Seguindo por uma fortíssima presença da, referindo-se aos respondentes com (M = 4,66; DP = 0,654), “concordam totalmente” visível nos gráficos abaixo representados em porcentagem, correspondendo que “A sociedade discrimina as pessoas negras”, o que se pode

aferir o quanto as novas formas de expressão do racismo são visíveis, representado por uma variância de poder afetando a população negra, seja ela sutil ou encoberta (Gráfico 9).



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Acerca desse resultado, segundo Techio (2011) sendo as produções em diversas áreas que corresponde ao preconceito e discriminação racial, sobretudo na psicologia social, não cessando esse arranjo científico que recai sobre corpos humanos minoritários, vistos por determinantes estereótipos e interpretados com outros vieses raciais. Sendo essa produção seguindo por diversas formas de expressões de discriminação, em sua maioria exposto e mais sutil ou encoberta para com os negros, sendo essa categoria racial que vivencia essas situações discriminatórias, submetidos a formas de agressão e violência, produzindo graves consequências negativas com tamanha intensidade de nível social como também pessoal.

### 7.5 Análises das crenças correspondentes ao pertencimento racial

As variadas formas como o preconceito se apresentam, bem como suas formas de expressões tendo seus impactos no que compete a identidade e categoria racial dessas pessoas negras (Tabela 11).

Tabela 11 - Os negros têm preconceito contra eles mesmos

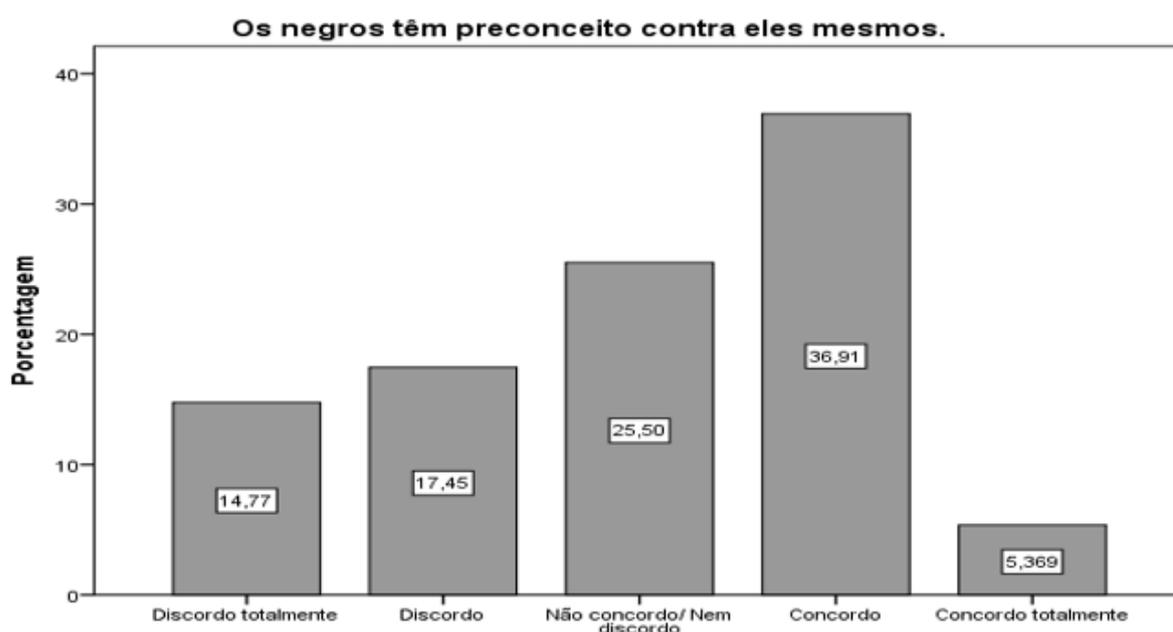
	N	Média	Desvio padrão
Os negros têm preconceito contra eles mesmos	149	3,01	1,165
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Ao que corresponde as crenças desses jovens negros(a) do pré-julgamento, ou seja, o preconceito sobre a própria categoria, é equivalente a ( $M = 3,01$ ;  $DP = 1,165$ ). Sendo que, “o sentido e o valor das diferenças e semelhanças são aspectos centrais na construção da nossa identidade pessoal, mas também da nossa identidade coletiva” (Costa-Lopes et al., 2008, p. 769).

São questões propulsoras que o preconceito promove no cotidiano e crenças dessas pessoas negras, em certa medida, problematiza as identidades do povo brasileiro, verdadeiramente miscigenado, ainda procurando compreender suas raízes culturais e históricas, retirado ou modificado através da desvalorização multirracial e multicultural. Domingues (2002) nos apresenta que os negros, “ao assimilarem os valores sociais e/ou morais da ideologia do branqueamento, alguns negros avaliavam-se pelas representações negativas construídas pelos brancos”, sendo avaliações negativas do próprio indivíduo negro para com sua categoria, desvinculando aos seus valores e costumes étnico e racial negro, se enquadrando a branquitude para se sentir aceito socialmente (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Os negros têm preconceito contra eles mesmos



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Em porcentagem (%), é significativo que 25,5% “Não concorda/Nem discorda” e 36,9%, correspondente à maioria, “concordam” que os negros tem preconceito contra sua própria categoria racial, o que nos permite considerar sendo preconceitos ideológicos e científicos introduzidos pela branquitude, vista por uma superioridade interpretada em vários âmbitos sociais, raciais e culturais dentro de uma desigualdade racial, sendo as formas do branqueamento materializadas pela mestiçagem introduzida na população negra e surtindo seus efeitos na própria categoria.

Os resultados obtidos neste estudo indicam que os efeitos estabelecidos pelo branqueamento são intrínsecos à população negra, em relação à sua identidade social e grupo de pertencimento, evidenciando um percentual significativo indicado pelos próprios negros que carregam crenças preconceituosas contra sua própria categoria racial, de acordo com Bento (2002). No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro, que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco e miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais.

Esses determinantes estão inseridos nas diferenças étnicas e raciais, operando sempre dentro de um contexto que permeia a branquitude. Os impactos são inerentes às pessoas negras, resultando em danos às suas crenças, como perda na identidade social, pertencimento racial, étnico e cultural. A branquitude estabeleceu-se como norma e formou crenças, com efeitos prejudiciais sobre a identidade negra ao se reconhecer e reconhecer o outro dentro da mesma cultura étnica e racial. Quando há a oportunidade de se perceber sob uma óptica de ascensão social, o outro é colocado em constante preconceito racial, desvalorizando e estigmatizando-o quando se assemelha à cultura branca.

## 7.6 Satisfação com a cor da própria pele e o grupo de pertencimento

A satisfação com a cor da própria pele é um aspecto crucial da identidade e do bem-estar psicossocial dos indivíduos, especialmente em contextos marcados pela diversidade étnico-racial. Este tema intriga pela sua complexidade, uma vez que a autoaceitação da cor da pele pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo experiências de discriminação, padrões estéticos culturalmente determinados e pertencimento a grupos sociais específicos.

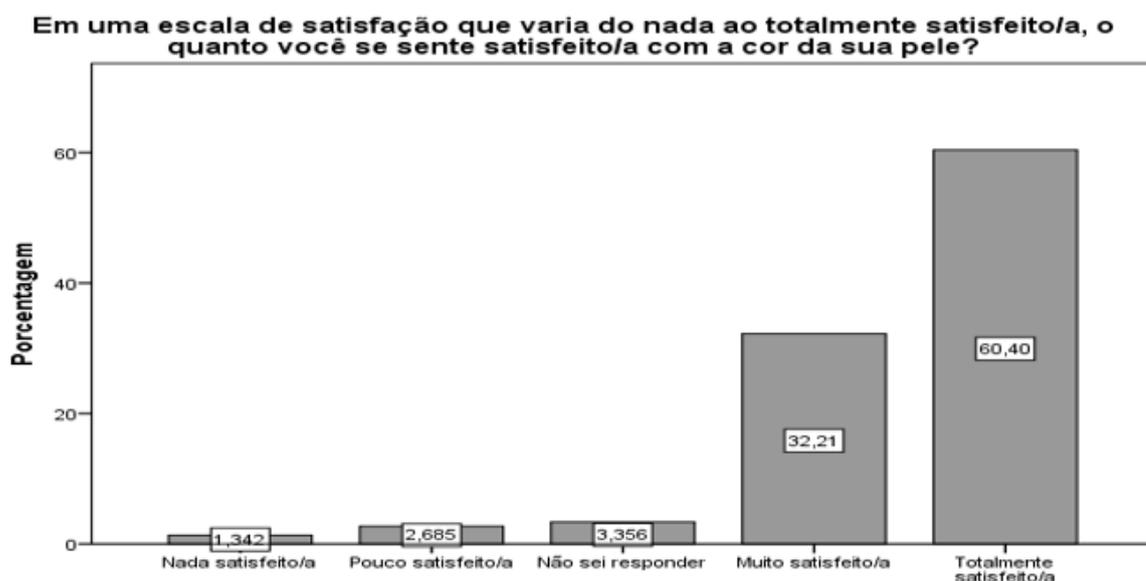
Tabela 12 - O quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele?

	N	Média	Desvio padrão
Em uma escala de satisfação que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele?	149	4,48	0,802
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Sendo os participantes desse estudo representados pelo gráfico 1, esse quantitativo contribuindo aqui para o nível de satisfação da própria cor de pele, os mesmos concebem uma dimensão do autoconceito por meio de crenças atribuídas a si significativa, sendo a (importância da tonalidade do próprio tom de pele), concernem em ( $M = 4,48$   $DP = ,802$ ), no entanto, em relação à interpretação construída de si próprio mediante suas crenças sobre as vivências, tem-se aqui uma percepção de valor positivo (Gráfico 12).

Gráfico 11 - O quanto você se sente satisfeita com a cor da sua pele?



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

No que correspondem à porcentagem (%) superior para o (Totalmente satisfeito/a 60,4%), o que nos permite perceber através dessas análises as crenças desses jovens negros/as um índice de satisfação elevado enquanto a sua própria cor de pele.

No que corresponde à questão de satisfação variando do (nada satisfeito/a) ao (totalmente satisfeito/a). Entende-se o quanto os jovens pretos(a) e pardos(a), verificando os efeitos de uma identidade social dentro de sua categoria de negros, tende para um percentual mais positivo do que negativo, mediante suas crenças e percepção, lendo e consideração à média de idade e sua escolaridade, o que tem uma significância para uma identidade positiva por serem negros e aceitarem suas características fenotípicas.

Como apontado, o estudo revela um maior número de participantes do sexo feminino, seguido pelo sexo masculino, sendo que estes indivíduos expressam uma satisfação com sua aparência e bem-estar em relação aos seus atributos, principalmente ao se reconhecerem como negros e aceitarem sua aparência de forma positiva. Segundo Sansone (1996), há um aumento nas práticas discursivas sobre raça, sendo plural e acompanhado por novas combinações que podem surgir por meio de conflitos dentro da identidade negra. Refletir sobre a cor da pele significa desafiar as relações raciais, considerando a origem e o estabelecimento do racismo, o que traz à tona novos elementos que envolvem situações e condições divergentes.

Desse modo, é possível compreender dois polos divergentes nesse contexto. Por um lado, em determinados grupos de pessoas negras, uma identidade é formada com orgulho de serem negros, o que contribui para o desenvolvimento de uma nova identidade negra e intensifica um olhar mais crítico sobre o racismo e suas estruturas. Há um desenvolvimento contínuo, especialmente na contemporaneidade, em que há um aumento no número de pessoas mestiças, ou seja, uma mistura entre raças, inserindo-se no âmbito social e cultural,

com crenças de admiração partindo das pessoas negras em direção ao pertencimento ao grupo dos não-negros.

A definição positiva do tom de pele das pessoas negras dentro dessa categoria é um resultado importante e significativo que reflete crenças de aceitação étnico-racial, indo além de suas características físicas. Assim, caminha em direção ao construto histórico que faz inferência à população negra, que passa a acreditar em relação ao caráter, condutas, intelectualidade, ao mesmo tempo em que suas crenças religiosas são menosprezadas e eles são colocados em uma mesma conjuntura.

### 7.7 Análise de satisfação enquanto a cor da pele do grupo de pertencimento

A percepção desses jovens foi avaliada através da seguinte questão: "Em uma escala de satisfação com a cor da pele, que varia de nada a totalmente satisfeito/a, o quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele?". Esta pergunta foi direcionada ao grupo de pertencimento desses jovens, os quais, ao se descreverem, expressaram crenças positivas e relevantes em relação à sua própria cor de pele.

Ao direcionar a mesma pergunta para a percepção que esses jovens têm sobre o seu grupo de origem e pertencimento, observa-se uma construção de crenças que apontam para uma prevalência de insatisfação ou neutralidade em relação à cor da pele. Sugere uma identidade social negativa em relação ao fenótipo, especialmente direcionada aos jovens negros, dentro da categoria racial à qual eles pertencem (Tabela 13).

Tabela 13 - O quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele?

	N	Média	Desvio padrão
Em uma escala de satisfação com a cor da pele, que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele?	149	2,46	,942
N válido (de lista)	149		

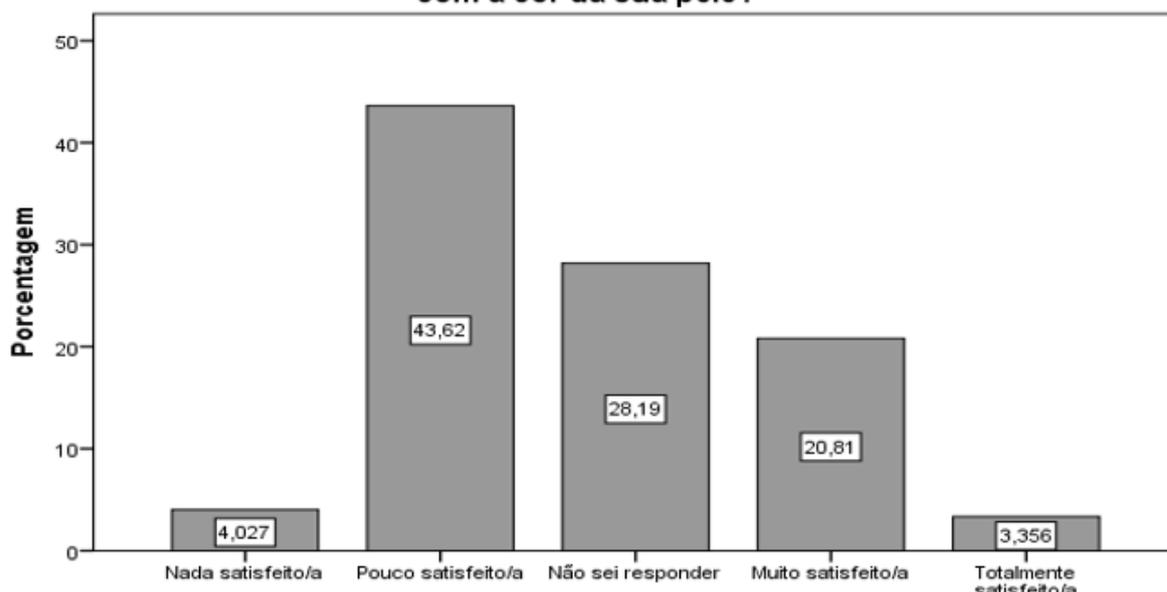
Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Através das análises, percebe-se uma frequência por um quantitativo apresentado de ( $M = 2,46$ ;  $DP = 0,942$ ), visto que essas interpretações, para além do próprio indivíduo se dá sobre suas crenças em relação ao grupo de pertencimento, sendo a categoria negra, tem-se interpretações e entendimento de uma ótica construída socialmente, sendo a população negra colocada e marcada como inferior. Faz com que essas pessoas negras tenham uma interpretação mais negativa do que positiva, o que se percebe através das análises amostrais, onde os mesmos através das respostas se aproximam de uma média correspondente a satisfação das pessoas negras com a cor da sua pele.

Observamos o tais crenças de valor sobre a aparência do seu grupo negro, não se dá isoladamente, cabendo-se pensar por meio dos fatores sociais e vivenciais, quando ainda esses mesmos jovens negros(a) que ocupam um lugar nas universidades por meio de lutas, que permeiam seus direitos por igualdade, tal como mudanças na forma de pensar e vivenciar novas possibilidades, sejam elas vivenciais, sociais, culturais ou até mesmo econômicas, são atravessadas e ainda atravessam esses corpos, como o poder da desigualdade (Gráfico 12).

Gráfico 12 - O quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele?

**Em uma escala de satisfação com a cor da pele, que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele?**



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Ao que corresponde essas interpretações por meio de porcentagem (%) em uma margem superior que corresponde à maioria em (pouco satisfeito/a 43,6%). O que nos permite perceber através dessas análises as crenças desses jovens negros/as a um índice que sua categoria racial se compreende sobre uma perspectiva mais negativa do que positiva enquanto as crenças de satisfação com a cor da pele.

Conforme foi percorrendo a crença da miscigenação e a crença do branqueamento foi se estabelecendo e sendo conduzido pela população brasileira para o presente, se mantendo crenças ainda na contemporaneidade, com distintos efeitos para as pessoas negras, conduzido pelo preconceito racial, tal como a capacidade que o racismo científico se estabeleceu operante sobre o branqueamento, intervindo ainda, sobretudo, na percepção negativa que esses jovens têm do seu grupo racial de pertencimento, gastarem individualmente da sua cor, mas quando se trata da categorização sobre o seu grupo racial de pertencimento é apreciada de forma contrária.

No decorrer dos resultados aqui obtidos, se fez sustentável outra análise a partir das crenças desses jovens e dos resultados obtidos enquanto a satisfação da cor da pele no que

corresponde a si próprio e do seu grupo de pertencimento, se fez relevante uma correlação também no nível da categoria racial e individual, ou seja, o próprio grupo de pertencimento, ao contrário da questão anterior, e visto eu o nível de satisfação da própria categoria não é tão satisfatória quanto o individual. Os resultados destas correlações podem ser visualizados nos resultados a seguir.

### 7.8 Correlação de Pearson satisfação enquanto a própria cor de pele e a cor da pele do grupo de pertencimento

A análise teve como procedimento o teste de Correlação de Pearson (bilateral) da relação entre satisfação e não satisfação através das crenças de pertencimento da categoria grupal, foi verificado por meio da correlação da satisfação mediante a própria cor da pele ao pertencimento racial do seu grupo, sendo um valor de forte de correlação ( $r=,350^{**}$ ) para um ( $N= 149$ ) indivíduos analisados, onde o mesmo se encontra inserido através da autocategorização feita por meio do questionário (Tabela 14).

Tabela 14 - O quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele?

		Em uma escala de satisfação com a cor da pele, que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele?
	Correlação de Pearson	0,350**
Em uma escala de satisfação que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele?	Sig. (2 extremidades)	0,000
	N	149

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Analísaram-se as variáveis por meio da correlação constatou-se um ( $p < 0,05$ ), ou seja, significativa e elevada para ( $p=0,000$ ) entre o autoconceito satisfatório e não satisfatório sobre a categorização racial, a partir da correlação de Pearson, uma correlação positiva, significativa entre satisfação com a própria cor de pele, com relação a satisfação negativa do outro com a sua cor de pele. Esse resultado indica maiores valores de satisfação enquanto a cor da própria pele, associado a não satisfação do grupo.

Pode-se inferir que a população brasileira se destacando enquanto a negra, corresponde a um processo de identificação, levando-se a se caracterizar e se aproximar o máximo das pessoas de cor de pele branca, ou seja, o "embranquecimento", sendo levados pela mestiçagem em que pessoas negras se relacionam com pessoas brancas, apropriando-se desse discurso, porém, muitas outras pessoas negras lutam no sentido da busca da reconhecença enquanto suas identidades raciais (Guareschi et al, 2002).

Tendo em vista essa dimensão implicando na identidade social dos sujeitos apresentam-se uma crença e manutenção da percepção positiva de si, enquanto se reconhece pertencente ao grupo. Segundo Cabecinhas e Lázaro (1977, p.3), “quando os indivíduos se percebem como membros de um grupo, sendo essa pertença importante no contexto da relação com outro grupo, são levados a favorecer os membros do seu grupo, a fim de manter e reforçar a sua identidade social positiva”. Uma vez que dentro deste seguimento da Teoria da Identidade Social- TIS, “O indivíduo social, ou cultural, possui interfaces que tanto o separam como o aproximam dos demais. Uma interface é dada pelo tempo e resulta em uma história pessoal/social” (Del Prette; Del Prette, 2003, p.126).

À vista disso, o indivíduo ao construir uma identidade social, depende do meio social em que se está inserido ou do seu grupo de pertencimento, tende a constituir um autoconceito positivo ou negativo. Gomes (2003) reforça que, “esse é o papel da discussão sobre cultura negra na educação: ressignificar e construir representações positivas sobre o negro, sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética” (p. 81).

Pontua-se o quanto conceitos culturais introduzidos nos níveis educacionais se compreende de fundamental importância, assim como serem debatidos e discutidos, proporcionam mudanças na forma como as pessoas negras se percebem, o que por longo período de tempo a educação não foi acessível, muito menos de nível superior, sendo que por meio da educação é possível que essas pessoas negras se reconheçam enquanto pertencente a uma cultura, havendo uma identidade e etnia, com possibilidade de se posicionarem com um autoconceito positivo. Segundo Gomes (2003, p. 79), “trabalhar com a cultura negra, na educação de um modo geral e na escola em específico, é considerar a consciência cultural do povo negro, ou seja, é atentar para o uso autorreflexivo dessa cultura pelos sujeitos”.

Em contrapartida, quando os indivíduos se possibilitam as crenças de uma construção de identidade social negativa quando se refere a categorial racial, para Del Prette e Del Prette (2003), estas diferenças são de nível social, que deriva das interações juntamente com os procedimentos cognitivos da categorização, entre os grupos, vistos como importante para ambos, sejam os negros, como para os brancos. Tendo em vista a consequência, onde a sociedade é formada por diferentes grupos sociais, as redes de relações a um grupo específico colaboram para que sejam de forma positiva ou negativamente, contribuindo para construção da autoimagem do indivíduo.

Por meio desta análise, estão contidas as formas como os indivíduos dentro do seu grupo se constroem, sendo elas por meio das relações sociais e suas preferências que acabam adquirindo, tem por enxergar os outros na sua singularidade e pertencentes a uma identidade cultural, é perceptível o quanto os participantes percebem um baixo autoconceito da sua

categoria racial, a crença direcionada de satisfação com a cor da pele, tem significado de importância no seu individual, no tocante grupal, não se tem a mesma relevância. Potanto, ficam aqui subjacente às ideias ideológicas que conceitua o racismo, acerca de perspectivas derivadas da mestiçagem prevalecendo o “embranquecimento”, determinando afastamento do próprio indivíduo negro com a sua comunidade ou tentativa de integração na comunidade branca, estabelecendo baixas representatividades e identidade social.

Esse resultado indica uma proporção das variadas formas que a existência do racismo, na qual foi imposto, com a manutenção da desigualdade racial, estabelecido pela criação do conceito de “raça” para uma definição categórica sobre inferioridade e superioridade dos grupos, estabelecendo-se crenças para os negros julgarem tal composição social como verdade. Conforme Del Prette e Del Prette (2003, p. 128) que, “a crença de que as fronteiras entre os grupos são flexíveis e mutáveis e, conseqüentemente, a passagem de um grupo a outro pode ocorrer sem grandes dificuldades”.

### 7.9 Identidade Social - TIS e a variável de satisfação com a cor da categoria racial

Tem-se aqui uma dimensão do grau de satisfação do dos jovens negros(a) se identificam com sua cor de pele de sua categoria racial, sendo o fenótipo uma dimensão das características indenitárias. Em uma dimensão da amostra obteve-se crenças comparativas em relação aos demais grupos raciais (Tabela 15).

Tabela 15 - Os negros possuem uma aparência diferente dos demais

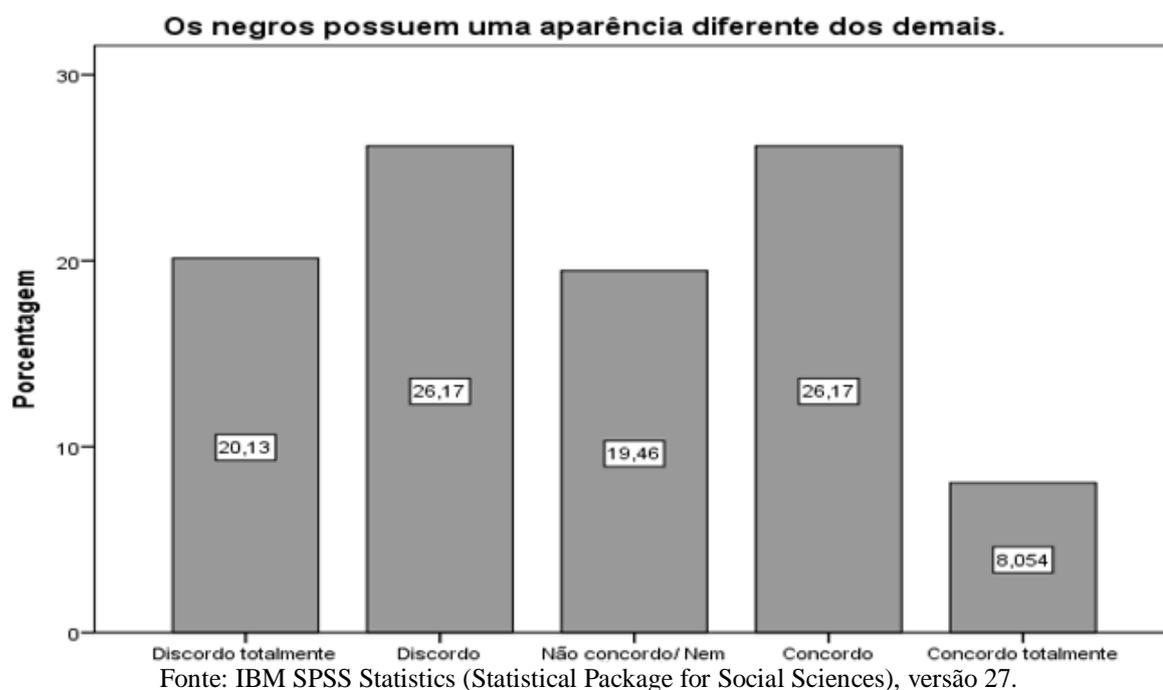
	N	Média	Desvio padrão
Os negros possuem uma aparência diferente dos demais	149	2,76	1,266
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

No que corresponde valores em ( $M = 2,76$ ;  $DP = 1,266$ ) ao se compararem com outros fenótipos raciais, exogrupo. Considerando a relevância do valor das crenças acometidas relativamente a esses jovens, sendo um fenótipo representado pelas crenças comparativas igualitárias dos participantes.

Dentro de uma condição enquanto uma identidade social de pertencimento se apresenta negativa, o conceito de identidade pressupõe que os participantes consideram, conforme Sampaio e Ferreira (2009), “a premissa é que a identidade social de uma pessoa é o resultado de suas posições sociais validadas” (p. 135). Principalmente se estão de acordo com a ideologia base de que um tom de pele mais claro prevalece sob um tom de pele mais escuro (Gráfico).

Gráfico 13 - Os negros possuem uma aparência diferente dos demais



Aqui, na forma de porcentagem (%), os participantes têm uma preferência por ver o ser humano como todos iguais, onde se prevalece um percentual de 26,17 % “discordam”, bem como uma valor equivalente também a de 26,17 % “concordam” que os negros possuem um fenótipo diferente dos não-negros, entendendo-se que a tonalidade de cor de pele para esses jovens negros, mediante suas crenças, não é significante, tendo sua importância no contexto social, onde sempre foi posto uma predominância de desvalorização sobre uma categoria racial.

Como os indivíduos se sentem em relação à comunidade negra e à sua pertença a este grupo, o que faz sentido de acordo com a dimensão da identidade racial, dado que os jovens negros compreendam que podem ser pertencentes ao seu próprio grupo, se sentindo integrantes a uma sociedade racista que exclui e determina a desvalorização do negro, atribuídas características negativamente como “menos inteligentes”, “maus”, “feios” dentre outros adjetivos ao seu grupo visto como minoritário e inferior.

### **7.10 Jovens negros(a): análises das crenças correspondentes às diferenças raciais**

Em Schwarcz (2006), com referência a Peter Fry, destacam-se críticas relacionadas à racialização, que são pertinentes às discussões sobre as diferenças raciais e evidenciam o mito da democracia racial. Essa perspectiva atravessa um contexto universal de transformações, pois há uma percepção das diferenças no território brasileiro. As críticas abordam as

percepções políticas, bem como as ameaças à mistura racial, que podem estimular e fortalecer a crença em uma única raça.

Nesse sentido, tem-se explorado a defesa da diversidade cultural, alertando para a importância de validar as diferentes raças e suas contribuições para a sociedade. Este debate levanta questões fundamentais sobre a pluralidade étnica e a valorização das diversas manifestações culturais presentes no Brasil. Assim, discute-se a necessidade de reconhecer e respeitar a diversidade racial como parte essencial da identidade nacional, indo além do mito da democracia racial para abraçar uma visão mais inclusiva e igualitária (Tabela 16).

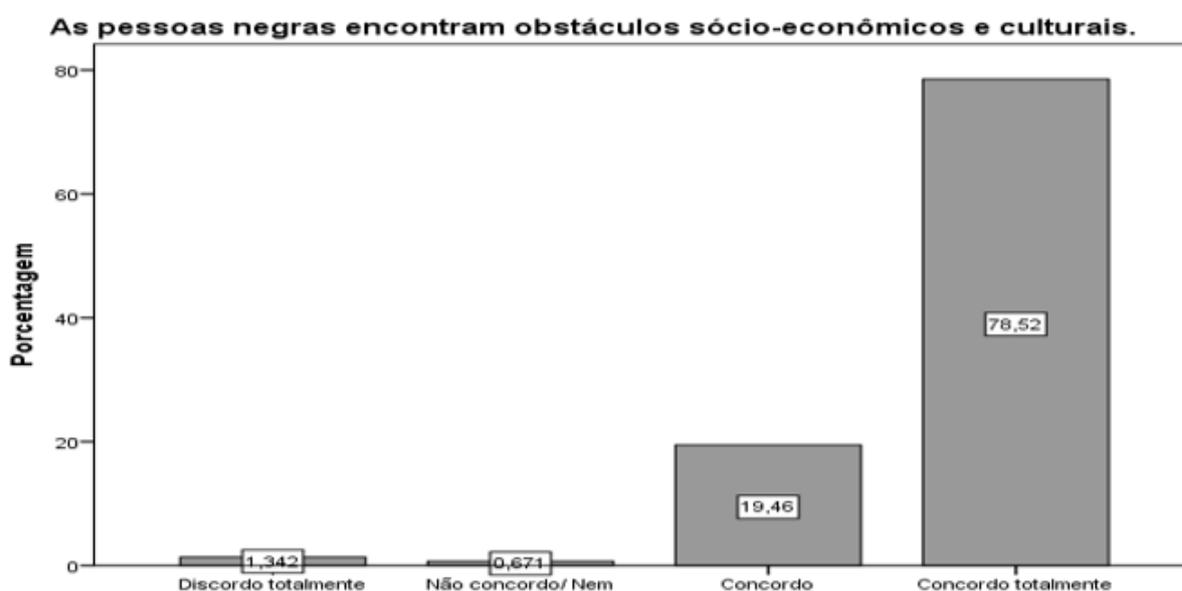
Tabela 16 - As pessoas negras encontram obstáculos socioeconômicos e culturais

	N	Média	Desvio padrão
As pessoas negras encontram obstáculos socioeconômicos e culturais	149	4,74	,608
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

No que corresponde a valores em (M= 4,74; DP= 0,608). Tem-se uma percepção das crenças que os jovens negros(a) possuem das diferenças raciais, ou seja, ao favorecimento por conta da cor da pele e das diferenças, indicando uma extensão social e vivencial enquanto os próprios jovens negros(a) acreditam que os obstáculos sociais e econômicos são maiores para os negros, disponíveis melhores oportunidades para os brancos dentro relações sociais. Por meio das crenças desses jovens negros, se interpreta o quanto as mazelas sociais ainda são pertinentes, face não apenas aos atributos dos fenótipos, relações sociais ou modos de tratamento para com as pessoas negras, ficando evidente uma construção social estabelecida e rígida, mesmo mediante as condições socioeconômicas e a percepção que esses jovens mantêm, onde o ser negro ainda é ser vítima (Gráfico 14).

Gráfico 14 - As pessoas negras encontram obstáculos socioeconômicos e culturais



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Pontua-se na forma de porcentagem (%), uma discrepância que os participantes colocam sobre os obstáculos que as pessoas negras têm com 78,52% “concordando totalmente” que as pessoas negras encontram obstáculos socioeconômicos e culturais (Tabela 17).

Tabela 17 - Os negros sofrem com as injustiças sociais

	N	Média	Desvio padrão
Os negros sofrem com as injustiças sociais	149	4,84	,983
N válido (de lista)	149		

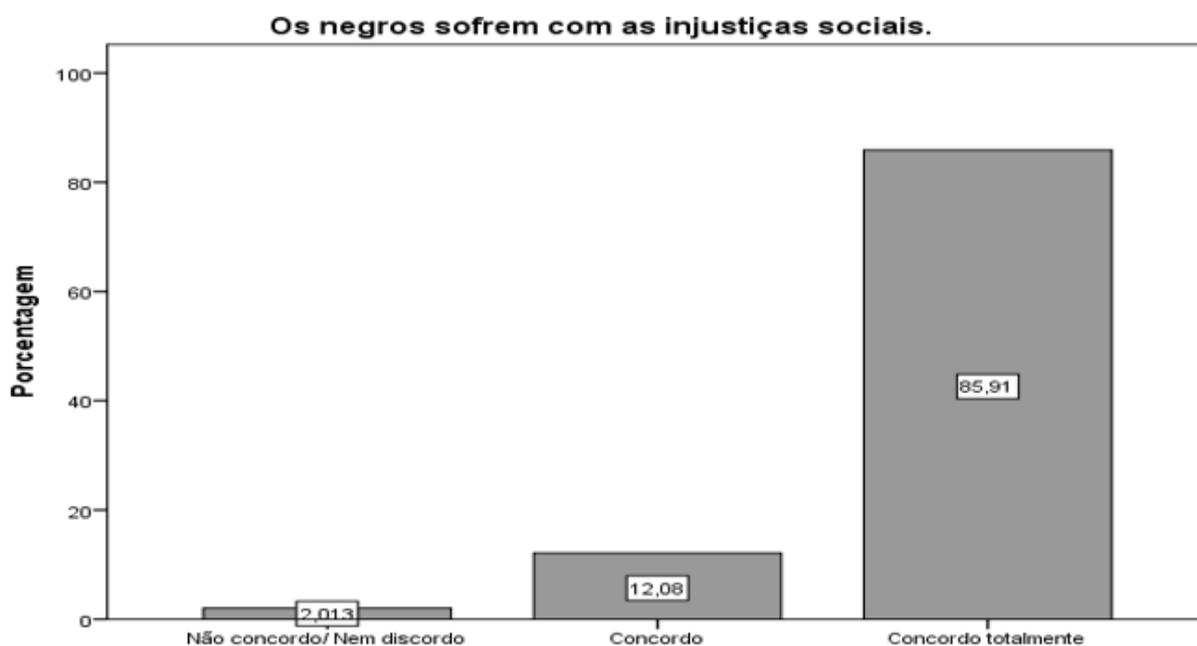
Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

As injustiças são corriqueiramente acometidas pelo racismo e preconceito contra as pessoas negras. Dentre todos os obstáculos vivenciados, é possível perceber, por meio das crenças dos próprios negros, que estão alcançando um lugar melhor na sociedade. Os mesmos estão tendo melhores oportunidades e mudança de vida, contudo, sendo proporcionadas condições não possíveis anteriormente. Dessa forma, é evidenciado pelas condições de lutas por posições e direitos igualitários. Na óptica igualitária entre todas as categorias raciais, dentro dessa condição, tem-se visto os negros ocupando seus espaços nas universidades e obtendo melhores oportunidades de emprego, dentre outros fatores.

Sendo os valores que correspondem em (M= 4,74; DP= 0,608). No Brasil, não o negro, é o branco, sendo representado pelo conceito de justiça, desde mazelas sociais a como é abordado na forma de criminoso, conceituado pelos estereótipos negativos do seu fenótipo de negro, bem como o sistema prisional estabelece sobre um maior quantitativo de pessoas negras em regime fechado.

Dentre os jovens que responderam, as injustiças sociais tem um sentido para além da imagem corporal, ou seja, o fenótipo, o que observa uma predominância na realização pessoal sendo impedidas pelas injustiças sociais, sendo as diferenças raciais provocadoras desses modos operantes, o que se permitir a perceber o outro grupo, os brancos, detentores de poderes, pelos quais, segundo essa perspectiva, prevalecendo o ideal da branquitude (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Os negros sofrem com as injustiças sociais



No que tange as injustiças sociais, a maioria dos jovens “concordam totalmente” que os negros(a) sofrem com essas práticas que são oriundas do contexto social, o que conceitua uma porcentagem (%) significativa de 85,91%. O aspecto social favorável para os brancos e desfavoráveis para os negros, por meio dessas análises, corresponde um alto percentual de injustiças sociais (Tabela 18).

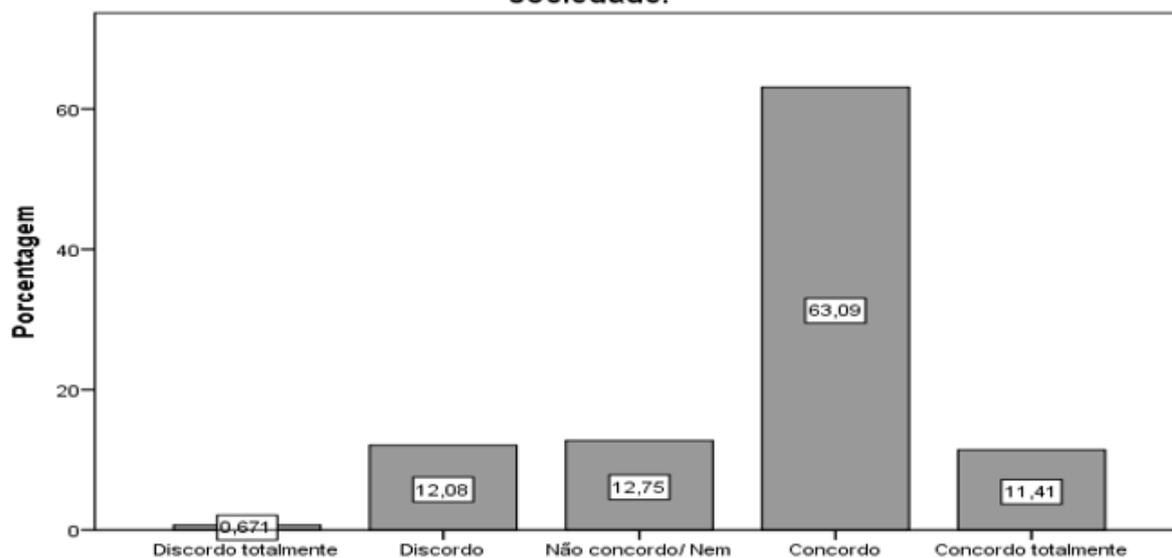
Tabela 18 - Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade

	N	Média	Desvio padrão
Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade	149	3,72	,845
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

No que concerne às práticas em alcançar melhores condições de vida, que está relacionada com o lugar/status social, a maioria dos jovens expõe tal condição que podem ser observadas pelos valores atribuídos em ( $M= 3,72$ ;  $DP= 0,845$ ). Desse modo, tem-se um retrato que permeia as crenças da população jovem negra, não deixando desvincular a percepção de uma sociedade não igualitária, e, sobretudo, que desvaloriza, mesmo quando as questões cognitivas e intelectuais não se divergem dentro de uma perspectiva racial das pessoas negras ou brancas (Gráfico).

Gráfico 16 - Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade

**Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade.**

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Na análise dos negros estarem alcançando um lugar melhor na sociedade, apesar dos obstáculos compreendidos e considerando os fatores de a raça/cor, constatou-se que 63,09% desses jovens negros(a) “concordam”, em decorrência do que a população negra sofreu enquanto uma estrutura do racismo e preconceito racial, cabendo destacar pontos fundamentais para tal ocorrências, sendo as mudanças de reparações históricos e demais fatores políticos e direitos, tendo seus pontos fundamentais no que tange ao desenvolvimento da percepção do valor social e dos grupos raciais, o estudo se dispõe a demonstrar que para além do tratamento disparado aos grupos minoritários.

### **7.11 Percepções de aspectos específicos e gerais da cultura e atributos físicos das pessoas negras**

As novas formas de expressão do racismo e preconceito têm assumido novas roupagens contra as pessoas negras, principalmente em relação à cor da pele e seus atributos físicos. Essas expressões se caracterizam agora por serem mais sutis e veladas, surgindo de uma concepção estereotipada das crenças dos brancos em relação aos negros (Lima; Vala, 2004). O estudo revela uma compreensão significativa da produção dessas novas expressões do racismo e preconceito racial, principalmente a partir dos estereótipos que moldam os julgamentos pejorativos sobre como os negros se apresentam socialmente.

Esses estereótipos incluem a ideia de que os negros são supersticiosos, preguiçosos, estúpidos, musicais, atléticos ou fortes e alegres. Entre os anos de 1950 a 2001, observou-se

uma variação nesses estereótipos. Alguns, como supersticiosos, preguiçosos e estúpidos, tiveram um decréscimo. Portanto, estereótipos como serem musicais, atléticos ou fortes e alegres mostraram um aumento significativo.

Ao responder sobre essas situações e defenderem-se delas, os jovens negros mantiveram uma avaliação mais positiva de seus atributos culturais e físicos. Sugere a existência de crenças de grupo bastante fortes, que por vezes podem sobrepor a individualidade de cada participante em favor do pertencimento ao grupo racial (Tabela 19).

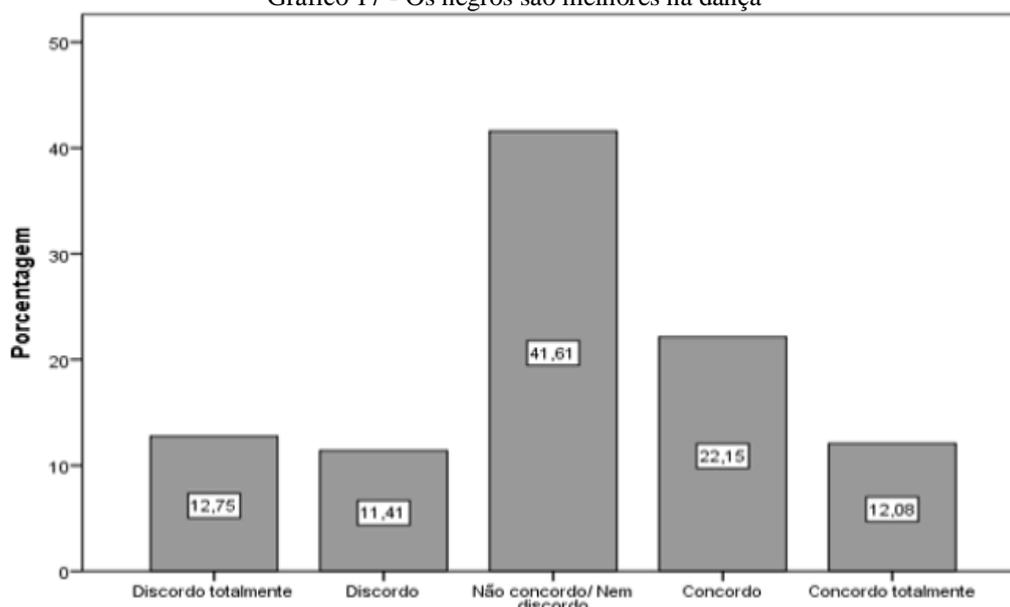
Tabela 19 - Os negros são melhores na dança

	N	Média	Desvio padrão
Os negros são melhores na dança	149	3,09	1,004
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

A partir do exposto, da concepção dos estereótipos direcionados aos negros(a), têm-se um fator cultural, onde o corpo em movimento são expressados por um ritmo musical, uma cultura e identidade, compreensão que se estabelece a categoria por meio de fatores inerentes a tal etnia, sendo uma concepção negativa que parte do outro, o que permite as pessoas negras não se reconhecerem, percebido no que se apresenta com ( $M = 3,09$ ;  $DP = 1,153$ ).

Gráfico 17 - Os negros são melhores na dança



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

No que concerne à imagem corporal, a maioria das jovens negros(a) se colocaram em uma resposta de 41,61% em que “Não concorda/ Nem discorda”, ou seja, uma imparcialidade perante esse tocante, contudo, seguindo por 22,15% “concordam” que os negros são melhores nas danças. Remetendo uma satisfação enquanto particularidades que permeiam a cultura afro-brasileira (Tabela 20).

Tabela 20 - Os negros alcançam melhores resultados no esporte

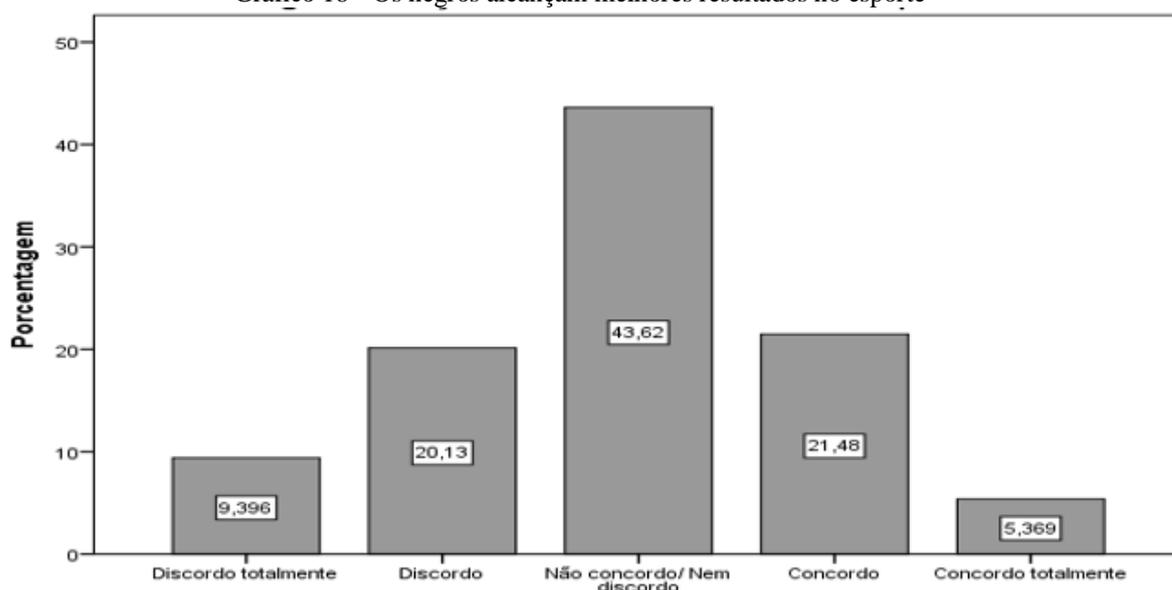
	N	Média	Desvio padrão
Os negros alcançam melhores resultados no esporte	149	2,93	1,004
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Tem sido desmistificado que as pessoas negras possuem maior força física, bem como alcançando melhores resultados que os não-negros, representado por valores com ( $M = 2,93$ ;  $DP = 1,004$ ), a pesar de alguns negros oriundos da África Oriental, no Quênia, contudo, estão expostos a uma carga de crenças e estereótipos, concebendo a categoria de negros interpretados por esse ponto de vista. Essa análise nos permite perceber que através das crenças desses jovens negros(as), estão relacionadas por uma historicidade que por meio dos estereótipos negativos estabelecidos socialmente.

Conforme Fernandes e Souza (2016, p. 106), “os marcadores sociais em determinado sentido estabelecem limites através dos quais os sujeitos constroem suas identidades, incidindo assim na sua produção”. Os marcadores sociais permitem que esses jovens negros(a) tenham se construído por intermédio das suas crenças, concebida socialmente com a criação do conceito de raça e suas hierarquias, sendo uma invenção para distingui uma população da outra, o fenótipo foi um fator para essa condução, em suma, diante a conjuntura que se concedeu formação social e relacional, apresenta-se para além da cor da pele, sendo também a partir dos seus aspectos físicos e indenitários, como as pessoas brancas passariam a enxergar as pessoas negras (Gráfico 18).

Gráfico 18 - Os negros alcançam melhores resultados no esporte



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

As interpretações realizadas fazem sentido enquanto a estrutura física de uma raça que se propuseram por meio de obrigação ser submetidos ao ambiente laboral, ou seja, a partir da escravização, expostos às condições de esforços físicos. É partir desse manifesto dentre muitos outros que os jovens negros(a), proporciona tal variável por meio de porcentagem (%), onde, representada por 43,62% (Não concordam/ Nem discordam), contudo, seguido por 21,48% (Concordam) (Tabela 21).

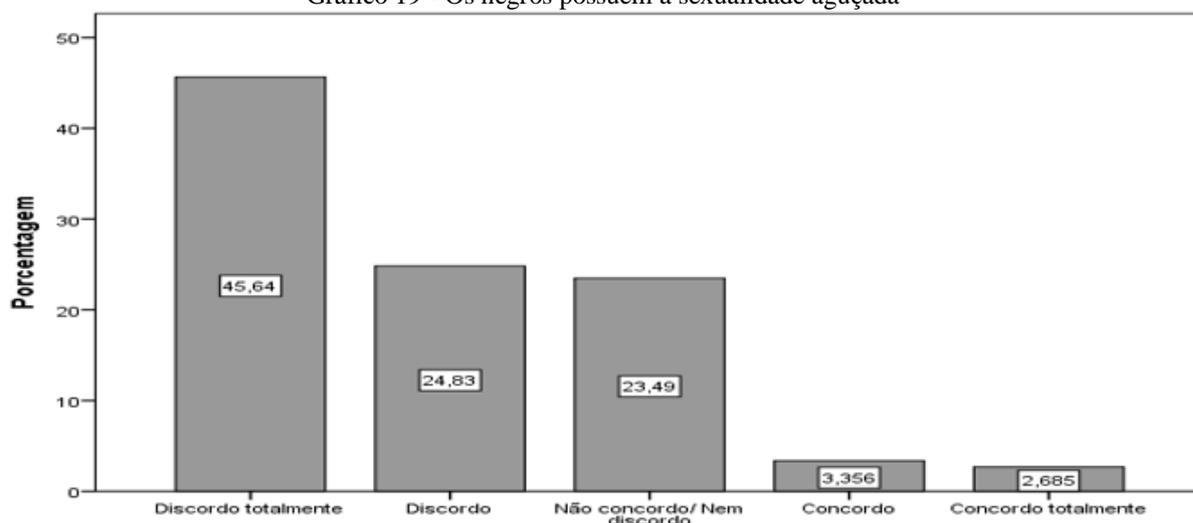
Tabela 21 - Os negros possuem a sexualidade aguçada

	N	Média	Desvio padrão
Os negros possuem a sexualidade aguçada	149	1,93	1,034
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Através das crenças dos jovens negros(a), esse resultado mostra um índice de valor significativo com ( $M = 1,93$ ;  $DP = 1,034$ ), o quanto a categoria racial se percebe enquanto sexualizada, uma cultura que carrega marcas, contudo, não destoante das demais, como é vista e avaliada, por meio de uma perspectiva estereotipada enquanto crenças que parte do outro para um corpo julgado sobre várias questões. Esse resultado é indicador de um corpo negro visto e interpretado diferentemente dos demais corpos não-negros, que possibilita pensamentos, seja ele negativo ou positivo, mediante o que os outros grupos introduziram na sociedade (Gráfico).

Gráfico 19 - Os negros possuem a sexualidade aguçada



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Por essa visão, tem-se uma concepção uma percepção errônea da sexualidade das pessoas negras, possibilitando aos jovens negros(a) estabelecer uma compreensão contraditória, a população jovem negra consegue ver as qualidades dos seus atributos físicos sexuais não diferentes dos demais corpos não-negros, sendo valores em porcentagem (%) que é estabelecido em 45,64% (Discordam totalmente) (Tabela 22).

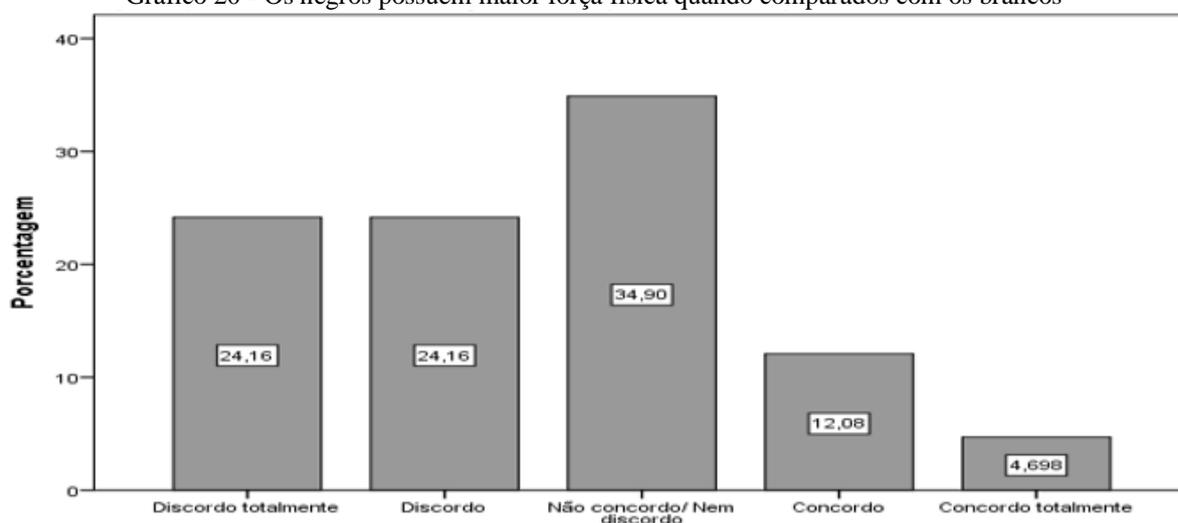
Tabela 22 - Os negros possuem maior força física quando comparados com os brancos

	N	Média	Desvio padrão
Os negros possuem maior força física quando comparados com os brancos	149	2,49	1,125
N válido (de lista)	149		

Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Sendo as crenças construídas as características físicas são perceptíveis um aspecto avaliativo da própria imagem e atributos físicos do seu grupo, com valores ( $M = 2,49$ ;  $DP = 1,125$ ), sendo elas consiste num conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si e sua categoria, interpretando aspectos e atributos não destoantes dos outros grupos, conseguindo manter uma singularidade da pessoa negra, não concordando que os negros possuam uma maior força física que os brancos, onde são evidentes os fenótipos, as características e a estrutura do corpo (Gráfico).

Gráfico 20 - Os negros possuem maior força física quando comparados com os brancos



Fonte: IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences), versão 27.

Atrelando os componentes físicos corporais a força física, a cumplicidade que os jovens negros estabelecem por meio das crenças, contudo, a força física entre os negros e brancos, houve maior insatisfação com a imagem corporal, compreendendo uma percentagem de (Não concordo/ Nem discordo 34,9%), seguido por uma percentagem de (24,16%), “discordando totalmente”. Valorização da força física dos negros, dentre outras qualidades que os corpos físicos e forças são atreladas, aos trabalhos laborais que estabelecem por meio da força física, distintos dos brancos, onde seus meios de trabalhos laborais exigem a força cognitiva/intelectual. Por meio dessas análises, identificando como ruim os atributos físicos e características particulares pertencentes a uma identidade étnico-racial de pessoas oriundas do continente africano, o que não é aceito pelos negros(a).



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados acima pontuados e mensurados referem-se a uma parte da população, uma categoria de pessoas negras com sua identidade cultural, étnica, hábitos e costumes. Embora historicamente tenham sido vistos e interpretados como minoritários, eles compõem um território multicultural, representado aqui pelos jovens negros. Essas dimensões históricas têm implicações nos momentos atuais, especialmente no que diz respeito à igualdade racial, ou seja, indivíduos favorecidos e desfavorecidos com base em sua etnia, raça e identidade. A análise das crenças desses jovens negros permitiu refletir sobre o quanto essas dimensões estão presentes em sua percepção e cognição.

O estudo revela sua relevância no âmbito psicossocial, destacando a importância para as condições mentais e sociais, bem como a percepção da população negra. É preciso refletir sobre uma realidade de desigualdade que permeia as relações de poder e dominação, com a cor da pele e características fenotípicas sendo fatores contribuintes para essas condições.

As condições ligadas ao conceito de "raça" propagam divisões entre grupos étnicos que intensificam e propagam o racismo. Como afirmado por Barbosa (2016, p. 270), "pesquisas genéticas atuais propagam que a raça como entidade biológica não existe, o que se torna um argumento importante no combate ao racismo, pois corrige o erro histórico dos cientistas do passado". Esses estudos podem possibilitar mudanças significativas no conceito de "raça", resultando em efeitos psicossociais positivos, como uma nova experiência individual ou coletiva na construção da identidade social, incluindo novas crenças direcionadas ao autoconceito positivo e valorização do grupo. Também há implicações na saúde mental da população negra, até mesmo questões que culminam na (re)existência desses jovens negros.

Os efeitos provocados pelo estabelecimento das pessoas categorizadas por "raças" e os efeitos do racismo são discutidos. Como mencionado por Cunha Júnior (2001, p. 10), "sobre a ideia de raça, acentua-se uma percepção idealista dos racismos, onde ele não tem um papel de dominação, mas sim de confronto racial". Neste estudo, foram verificadas as informações das crenças dos jovens negros em relação a si mesmos e ao seu grupo social, abordando as situações e condições do racismo e preconceito racial inseridos no contexto social e refletindo em seu cotidiano, experiências e crenças. Esses impactos podem ser observados nas vidas dos jovens negros, através da análise de suas percepções e crenças atribuídas a si próprios e à sua categoria racial.

Acredita-se que este estudo tenha levantado pontos fundamentais sobre a temática, pois as abordagens realizadas revelam uma relação entre as teorias raciais presentes no

inconsciente coletivo nacional entre os séculos XIX e XX, e como essas teorias refletiram em uma nova formação de pensamento nas diversas crenças da população étnica e racial brasileira.

Assim, é perceptível a relação entre categorização grupal, crenças e identidade social, que são complexas devido às dimensões estabelecidas socialmente e às análises correspondentes neste estudo. Os objetivos foram positivamente atingidos, mas é importante destacar as limitações necessárias a serem consideradas. Uma delas é a falta de inclusão de outras identidades de gênero de pessoas negras, além do masculino e feminino, como travestis, transgênero, gênero neutro, não-binário, agênero, pangênero, *genderqueer*, entre outros existentes. Esses grupos são colocados em uma posição inferiorizada, vivenciando com mais intensidade os impactos do racismo e preconceito racial. Seria relevante analisar as crenças do grupo de pessoas brancas em relação às pessoas negras, para correlacionar as crenças entre ambos os grupos.

O estudo também revelou os impactos do racismo e preconceito racial na captação de análises das crenças dos jovens negros, que são afetados pelas situações e condições históricas, inseridos em um mesmo território entre os brancos. A intenção principal deste estudo é permitir que os indivíduos pertencentes a uma categoria racial pensem em novos horizontes através das vivências e crenças do grupo negro, principalmente como se sentem intrinsecamente nas relações grupais.

Este tema de estudo possibilita novas perspectivas sobre as problemáticas psicossociais consideradas. Como afirma Cardoso (2011, p. 81), “a branquitude permanece significando poder. A identidade racial branca é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para a reprodução do preconceito racial, discriminação racial ‘injusta’ e o racismo”.

Portanto, este estudo contribui para a compreensão de uma relação social que está contida em toda a dimensão social e relacional, seja pelas diferenças culturais ou étnico-raciais. Ele aponta as condições de crenças que esses jovens negros atribuem aos efeitos do racismo e preconceito racial. Esses dados são apenas o início de possíveis elucidações para que a população negra não perca sua identidade e se fortaleça em sua cultura e grupo racial, como afirmado por Rios (2018). A autodeclaração da população negra é uma afirmação de condições sociais e pluralidade para uma identidade negra contínua e permanente. Destaca-se que este estudo não se encerra aqui, sendo crucial continuar os estudos de autores que levantaram temas para a elaboração deste e sustentando-se nos pontos fundamentais levantados.

Os possíveis eventos de transformação social que partem do racismo e preconceito racial, afetando o grupo negro, conforme apontado pela literatura, incluem os movimentos antirracistas. Esses movimentos nos permitem ter acesso e informações para combater o racismo e suas formas instaladas em nosso território. Contribuem para a instituição de uma sociedade multicultural, onde se reconheça a identidade, a cultura e os valores de brancos, negros, índios e outros grupos étnicos, sem qualquer espécie de hierarquização (Santos, 2005).

A relação entre categorização social, crenças em geral e identidade social é complexa, e este estudo serve como uma porta de entrada para interligar outras possíveis análises e descrever outros cenários com novos horizontes. Sendo assim, pode transformar-se em pautas de discussões em todos os âmbitos em que essas pessoas negras estejam inseridas, gerando novas reflexões sobre como o racismo e preconceito racial podem influenciar, expressando aspectos negativos e apagando os positivos do grupo e dos sujeitos negros(a).

## REFERÊNCIAS

- ALLPORT, Gordon. *La Naturaleza del Prejuicio*, Buenos Aires. **Eudeba Editorial**, 1954.
- ALMEIDA, M. da S. *et al.* Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. **Revista Em Pauta**, v. 12, n. 34, p. 131-154, 2014.
- ARTES, Amélia; MENA-CHALCO, Jesús. Expansão da temática relações raciais no banco de dados de teses e dissertações da Capes. **Educação e Pesquisa**, v. 43, p. 1221-1238, 2017.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 119-141, 2002.
- Barbosa, M. R. D. J. (2016). A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei no 10.639/03. **Revista Eletrônica de Educação**, 10(2), 260-272.
- BARBOSA, Maria Rita de Jesus. A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei no 10.639/03. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, p. 260-272, 2016.
- BATISTA, Leandro Leonardo; COSTA, Marco Aurélio Ribeiro. O racismo subentendido: a comunicação “politicamente correta” e seus efeitos em estereótipos e preconceitos. **O Negro nos Espaços Publicitários Brasileiros: Perspectivas Contemporâneas em Diálogo**, p. 119, 2011.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2002.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2002.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CABECINHAS, Rosa. “Expressões de racismo: mudanças e continuidades”. In: Mandarino, A.C.S. & Gomberg, E. (Eds.) *Racismos: Olhares plurais* (pp.11-43). (2010). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- CARDOSO, Lourenço. O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude. **Instrumento: Revista de estudo e pesquisa em educação**, v. 13, n. 1, 2011.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. **Democracia racial e homicídios de jovens negros na cidade partida**. Texto para Discussão, Brasília: Ipea, 2021. 37 p.  
Disponível em:  
[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=38083&Itemid=457](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38083&Itemid=457). Acesso em: 11 de julho de 2022.

COSTA-LOPES, Rui et al. A construção social das diferenças nas relações entre grupos sociais. **Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS**, p. 769-790, 2008.  
Cunha Júnior, H. A. (2001). Africanidade, afrodescendência e educação.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. Africanidade, afrodescendência e educação. 2001.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p. 450-464, 2018.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda AP. Assertividade, sistema de crenças e identidade social. **Psicologia em Revista**, v. 9, n. 13, p. 125-136, 2003.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, p. 563-600, 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983 [1952]. Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

FERNANDES, S. C. S., PEREIRA, M. E. **Atitudes étnico-raciais: elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira**. *Psico*, 50(4), e28624. 2019.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos. **Crenças raciais e infra-humanização: uma análise psicossocial do preconceito contra negros**. 2011. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Psicologia Social)-Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 30-49, 2018.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Ingroup versus Outgroup: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, não. 1 pág. 30-49, 2018.

FERNANDES, Sheyla *et al.* Valores psicossociais e orientação à dominância social: Um estudo acerca do preconceito. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, p. 490-498, 2007.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 103-120, 2016.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 103-120, 2016.

FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, p. 51-64, 2010.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **Cadernos pagu**, p. 199-228, 2004.

FRANÇA, DX de. Concepções sobre o próprio e outro grupo: Um estudo sobre estereótipos em crianças índias, mulatas, negras e brancas. **Cultura e produção das diferenças: estereótipos no Brasil, Espanha e Portugal**. Brasília: Technopolitik, 2011.

GLASS, Ronald D. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 93, p. 883-913, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, p. 75-85, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 727-744, 2012.

GUARESCHI, Neuza et al. As relações raciais na construção das identidades. **Psicologia em estudo**, v. 7, p. 55-64, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. Cortez Editora, 2017.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação: 2016; PNAD contínua: educação: 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101434>. Acesso em: 12 março 2023.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 35). Disponível: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>. Acesso: 14 de julho de 2021.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, v. 27, n. 1, p. e34074-e34074, 2020.

LIMA, Marcus Eugênio O. *et al.* Normas sociais e preconceito: o impacto da igualdade e da competição no preconceito automático contra os negros. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, p. 309-319, 2006.

LIMA, Marcus Eugênio O. *et al.* Normas sociais e preconceito: o impacto da igualdade e da competição no preconceito automático contra os negros. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, p. 309-319, 2006.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Da diferença à indiferença: racismo contra índios, negros e ciganos no Brasil. **Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal**, p. 217-246, 2011.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. **Psicologia social do preconceito e do racismo**. Editora Blucher, 2020.

LIMA, Marcus Eugênio; VALA, Jorge Oliveira. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia 2004, 9(3), 401-411.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra; LIMA-NUNES, Aline; CAMINO, Leoncio. O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 95-105, 2014.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra; LIMA-NUNES, Aline; CAMINO, Leoncio. O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 95-105, 2014.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra; LIMA-NUNES, Aline; CAMINO, Leoncio. O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 95-105, 2014.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Ed.). **Raça, ciência e sociedade**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 1996.

MARTINS, Edna; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013.

MONSMA, Karl. **Como pensar o racismo: o paradigma colonial e a abordagem da sociologia histórica**. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.48, n. 2, p.53-82, jul./dez., 2017.

MUNANGA, K. (2004). **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In A. A. P. Brandão (Org.), *Cadernos Penesb 5* (pp.15-34) Niterói, RJ: EdUFF.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, v. 12, p. 169-203, 2010.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, v. 19, p. 287-308, 2007.

NUNES, Aline Vieira de Lima; CAMINO, Leoncio. **Atitude político-ideológica e inserção social: fatores psicossociais do preconceito racial?.** *Psicologia & Sociedade*; 23 (1): 135-143 2011.

ORTEGAL, Leonardo. Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora. **Serviço Social & Sociedade**, p. 413-431, 2018.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas**. Texto para Discussão. Brasília: Ipea, 2021. 27 p. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=38083&Itemid=457](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38083&Itemid=457). Acesso em: 11 de julho de 2022.

PACHECO, Lwdmila Constant. Racismo cordial manifestação da discriminação racial à brasileira—o domínio público e o privado. 2011.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações Raciais No Brasil E A Construção Da Identidade Da Pessoa Negra**. Pesquisa e Práticas Psicossociais- PPP-9(2), São João del-Rei, julho/dezembro/2014.

PIRES, Ana Maria Lacerda Teixeira. Preconceito racial no Brasil: medidas comparativas. **Psicologia e Sociedade**, v. 22, pág. 32-42, 2010.

PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Orgs.). Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 97 a 125.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

RIOS, Roger Raupp. Pretos e pardos nas ações afirmativas: desafios e respostas da autodeclaração e da heteroidentificação. **Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos**, v. 1, p. 215-249, 2018.

RODRIGUES, Luciana. Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.

ROSA, W. (2009). Sexo e cor: categorias de controle social e reprodução das desigualdades socioeconômicas no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 17(03), 889-899.

SACCO, Airi M.; DE PAULA COUTO, Maria Clara P.; KOLLER, Sílvia H. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 233-250, 2016.

SAMPAIO, Rodrigo P. de A.; FERREIRA, Ricardo Franklin. Beleza, identidade e mercado. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 1, p. 120-140, 2009.

SANSONE, Livio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. **Afro-Ásia**, n. 18, 1996.

SANTOS, Sales Augusto dos. Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. 2005.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 83-94, 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 83-94, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 287-292, jan./jun. 2006.

SCHWARTZ, Stuart B. **A Historiografia dos primeiros tempos do Brasil Moderno: tendências e desafios das duas últimas décadas**. História: Questões & Debates. Curitiba, n. 50, p. 175-216, jan./jun. 2009.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista usp**, n. 53, p. 117-149, 2002.

SILVA, Sérgio Gomes da. Preconceito no Brasil contemporâneo: as pequenas diferenças na constituição das subjetividades. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 23, p. 2-5, 2003.

TECHIO, Elza Maria. Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. **Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal**, p. 21-75, 2011.

TECHIO, Elza Maria; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira (Ed.). **Cultura e Produção das Diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal**. TechnoPolitk, 2011.

VASCONCELOS, Tatiana Cristina *et al.* Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. **Psico-USF**, v. 9, p. 147-154, 2004.

VILHENA, J. de. A violência da cor: sobre racismo, alteridade e intolerância. **Revista psicologia política**, v. 6, n. 12, pág. 2, 2006.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, p. 563-578, 2012.

## ANEXOS

### ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa: **ANÁLISE DO AUTOCONCEITO DE JOVENS NEGROS FRENTE AOS IMPACTOS DO RACISMO: um estudo étnico-racial**. Os pesquisadores responsáveis são: a *Professora Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes*, do Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – IP UFAL, Campus A. C. Simões, e *Alexsandro de São Pedro Santiago*, mestrando do Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da mesma instituição. A seguir, constam as **INFORMAÇÕES DO PROJETO DE PESQUISA COM RELAÇÃO A SUA PARTICIPAÇÃO**:

1. O estudo se destina analisar a relação entre autoconceito de jovens negros e as crenças que estes jovens negros(as), pretos(as) e pardos(as) podem elaborar em torno dos impactos das formas de expressões do racismo em torno do seu pertencimento étnico-racial.

2. A importância deste estudo se dá pela necessidade em evidenciar os impactos que envolvem a temática, assim como englobando os estudos que discorrem sobre os impactos do racismo na identidade social, assim como a análise autoconceito dos jovens negros, corroborando sobre um construto histórico ainda vigente. Por estas interpretações, compete ao presente estudo fornecer concepções do próprio entendimento que esta população jovem negra tem de si, promovendo uma elucidação de um arranjo social de frente ao racismo e suas formas de operar no Brasil. Assim como evidenciando a importância de se entender o processo de socialização entre os grupos e o contexto social. Neste entorno do desenvolvimento da pesquisa, percebe-se que o processo de causas e consequências de racismo é um fator determinante na forma como os indivíduos jovens negros se percebem e atua no ambiente socializador. Podendo-se analisar as crenças que estes jovens negros atribuem a si, impactados pelos aspectos grupais e sociais.

3. **OS RESULTADOS QUE SE DESEJA ALCANÇAR SÃO OS SEGUINTE:** analisar de que modo o racismo se estrutura e influencia o autoconceito nas crenças dos jovens negros, no entorno das relações étnico-raciais e os meios sociodemográficas, ao que estes jovens compreendem de si, das suas características e traços fenotípicos, correspondendo ao autoconceito.

**3.1 O RETORNO DO(S) RESULTADO(S) DA PESQUISA SE DARÁ** a partir dos resultados encontrados sendo divulgado para o contexto social, podendo assim ser publicado em plataforma científica disponível para a sociedade.

4. **A PRODUÇÃO DE DADOS** começará em julho de 2022 e terminará em março de 2023.
5. **O ESTUDO SERÁ FEITO DA SEGUINTE MANEIRA:** através da prática de busca voluntária por vias de comunicação digital *WhatsApp*, sendo a utilização de um questionário, anexado e enviado para o colaborador/participante através de um *link* de acesso, correspondendo a disponibilidade do mesmo para responder, sendo um questionário sociodemográfico com informações de identificações pessoais e seguido por um roteiro de questionário fechado e de modo individual que se dará através da *Plataforma Google forms*.
6. Seguindo por uma devolutiva ao mesmo devidamente transcrito e enviado no mesmo aplicativo na *Plataforma Google forms* por sua colaboração ou *WhatsApp* em formato portátil de documento (PDF), assim como este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.), enviado com antecedência de uma semana para o respectivo jovem colaborador/participante do estudo. A intenção dessa devolutiva é possibilitar ao colaborador/participante do estudo tanto a leitura prévia da leitura e entendimento da sua colaboração estabelecida no primeiro momento, quanto à tessitura de reflexões. Ainda, com relação a essa questão, cabe salientar que a qualquer momento novos contatos podem se dá por meio do *chat* do *WhatsApp* do jovem colaborador, com prévia autorização do mesmo, no sentido de dirimir dúvidas ou aprofundar questões que correspondam a sua resposta no questionário.
7. **A SUA PARTICIPAÇÃO OCORRERÁ NAS SEGUINTE ETAPAS:** na formulação de dados que se dará por meio da prática de questionário, de modo online, a ser realizado através da *Plataforma Google forms*, levando em consideração a disponibilidade da colaboração, ocorrerá em um determinado momento, na qual está descrito no item 5. Além disso, o contato via *Whatsapp* poderá ocorrer com os(a) colaboradores(a) podem ser necessários, caso haja dúvidas ou aprofundar as questões apontadas.
8. No que se refere à identificação dos participantes na pesquisa em torno dos (riscos e meios de amenizá-lo), tem-se como risco mínimo de possível exposição. Assim, para maior segurança e possibilitando desta forma amenizar tal risco apontando a identificação dos participantes, será armazenado os questionários devidamente respondidos numa pasta de armazenamento segura na “Nuvem do Google Driver”. Desta forma assegurando ao que corresponde a perda da confidencialidade ou exposição dos dados, mediante a possível exposição dos nomes dos participantes, será realizado nos procedimentos metodológicos e resultados do estudo em não usar os nomes dos mesmos no trabalho, sendo colocado nomes fictícios escolhidos para distinguir neste estudo, onde os participantes serão apresentados por uma ordem de exposição numérica, em exemplo: participante 1; participante 2; e assim por

diante.

9. As adversidades de possíveis riscos à sua saúde mental de ansiedade ou cansaço ao responder o questionário, considerando riscos mínimos nesta pesquisa, podendo a participação nos momentos de respostas gerar incômodos ao falar algo sobre o tema em estudo (análise do autoconceito em torno dos impactos do racismo). Com a finalidade de evitar estes os incômodos, o pesquisador se compromete respeitar o tempo de resposta de cada participante, sendo possível a sensibilidade ao momento em que a/o participante não se mostrar disponível a aprofundar nas respostas. Caso venha ocorrer incômodos em torno do questionário, podendo assim, o participante não responder, podendo receber acolhimento psicológico. Além disso, pode acontecer o receio de se expor ao questionário e do vazamento de informações, entretanto os dados serão apresentados de forma anônima e, se ainda assim as informações foram vazadas, os dados serão descartados.

10. **VOCÊ PODERÁ CONTAR COM A SEGUINTE ASSISTÊNCIA:** atendimento no Serviço de Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, *campus* A.C. Simões.

11. Você poderá ter acesso ao devido resultado final do estudo e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

12. A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

13. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa e em casos especiais com seu consentimento por escrito, e a divulgação das informações mencionadas só serão feitas entre os profissionais estudiosos do assunto e após a sua autorização.

14. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

15. Você será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

16. **SE VOCÊ TIVER DÚVIDAS SOBRE SEUS DIREITOS COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA,** podendo entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL. O CEP é um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Esse papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de

Alagoas é formado por um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger os seus direitos enquanto participante. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e Res. CNS 510/16 e complementares). Diante de quaisquer ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Contato: cep@ufal.br.

17. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

18. **Caso você deseje por livre e espontânea vontade participar desta pesquisa, por favor, assinar na linha preta contínua dentro do quadro abaixo:**

Eu, \_\_\_\_\_,  
tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dela participar, DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE, PARA ISSO, EU TENHA SIDO FORÇADA/O OU OBRIGADA/O.

Maceió, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 202\_\_.

19. Informações complementares:

**ENDEREÇO DO(S) RESPONSÁVEL(IS) PELA PESQUISA (OBRIGATÓRIO):**

**Prof Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes**

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: [REDACTED]
- Telefones p/contato: [REDACTED]

**Alexsandro de São Pedro Santiago**

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: [REDACTED]
- Telefones p/contato: [REDACTED]

**CONTATOS DE URGÊNCIAS:**

**Prof Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes**

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: [REDACTED]
- Telefones p/contato: [REDACTED]

**Alexsandro de São Pedro Santiago**

- Instituição: Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- Endereço: [REDACTED]  
[REDACTED]
- Telefones p/contato: [REDACTED]

**ATENÇÃO!****Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas**

- Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
- Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 às 12:00hs. E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Assinatura ou impressão  
datiloscópica d(a) voluntária(a)  
ou responsável legal e rubricar  
as demais folhas

---

Prof. Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes

---

Alexsandro de São Pedro Santiago

**ANEXO II – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ANÁLISE DO AUTOCONCEITO DE JOVENS NEGROS FRENTE AOS IMPACTOS DO RACISMO: um estudo étnico-racial

**Pesquisador:** ALEXSANDRO DE SAO PEDRO SANTIAGO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 58553122.0.0000.5013

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.515.558

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACEIO, 07 de Julho de 2022

---

**Assinado por:**  
**Carlos Arthur Cardoso Almeida**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900  
**UF:** AL **Município:** MACEIO  
**Telefone:** (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

## ANEXO III – QUESTIONÁRIO

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

2. Declaro que li o TCLE e concordo em participar do estudo \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Outro: \_\_\_\_\_

Dados sociodemográfico

3. Estado: \*

\_\_\_\_\_

4. Cidade: \*

\_\_\_\_\_

5. Idade: \*

\_\_\_\_\_

6. Gênero: \*

*Marcar apenas uma oval.*

Masculino

Feminino

7. Cor: \*

*Marcar apenas uma oval.*

Preto (a)

Pardo (a)

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

## 8. Escolaridade: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino superior completo
- Ensino superior incompleto

## 9. Profissão: \*

## 10. Em uma escala de satisfação que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você se sente satisfeito/a com a cor da sua pele? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nada satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Não sei responder
- Muito satisfeito/a
- Totalmente satisfeito/a

## 11. Em uma escala de satisfação com a cor da pele, que varia do nada ao totalmente satisfeito/a, o quanto você acha que as pessoas negras se sentem satisfeitas com a cor da sua pele? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Nada satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Não sei responder
- Muito satisfeito/a
- Totalmente satisfeito/a

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

**Questionário:**

**Abaixo são apresentadas sentenças que se referem especificamente a alguns aspectos gerais da cultura e atributos dos negros. Indique o quanto você concorda ou discorda com cada sentença.**

12. 1 - As pessoas negras encontram obstáculos sócio-econômicos e culturais. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

13. 2 - Os negros são corajosos. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

14. 3 - O que diferencia os negros dos demais é a capacidade intelectual. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

15. 4 - Os negros sofrem com as injustiças sociais. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

16. 5 - A humildade é uma característica marcante na personalidade dos negros. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

17. 6 - Os negros são melhores na dança. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

18. 7 - Os negros têm preconceito contra eles mesmos. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

19. 8 - O preconceito contra negros existe independentemente da classe social. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

20. 9 - Os negros alcançam melhores resultados no esporte. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

21. 10 - O racismo parte tanto dos brancos como dos próprios negros. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

22. 11 - Os negros se diferenciam dos demais em termos de capacidade. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

23. 12 - Os negros possuem a sexualidade aguçada. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

24. 13 - Os negros sofrem discriminação. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

25. 14 - Apesar dos obstáculos, os negros estão alcançando um lugar melhor na sociedade. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

26. 15 - As pessoas negras sofrem preconceito. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

27. 16 - Os negros possuem maior força física quando comparados com os brancos. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

28. 17 - O que diferencia os negros dos brancos é o caráter. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

29. 18 - Os negros possuem uma aparência diferente dos demais. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

30. 19 - A sociedade discrimina as pessoas negras. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

31. 20 - Os negros são tão inteligentes quanto os brancos. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo/ Nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

**Questionário:**

**Abaixo são apresentadas diferentes opiniões sobre as diferenças raciais. Indique em que extensão você acha que os brasileiros negros são semelhantes ou diferentes dos demais brasileiros.**

32. 1 – Em relação aos valores que ensinam às suas crianças. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Totalmente diferentes
- Muito diferentes
- Nem semelhantes nem diferentes
- Muito semelhantes
- Extremamente Semelhantes

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

33. 2 – Nas suas crenças e práticas religiosas. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Totalmente diferentes
- Muito diferentes
- Nem semelhantes nem diferentes
- Muito semelhantes
- Extremamente Semelhantes

34. 3 – Nos valores e comportamentos sexuais. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Totalmente diferentes
- Muito diferentes
- Nem semelhantes nem diferentes
- Muito semelhantes
- Extremamente Semelhantes

35. 4 – Na preocupação com o bem-estar da família. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Totalmente diferentes
- Muito diferentes
- Nem semelhantes nem diferentes
- Muito semelhantes
- Extremamente Semelhantes

Questionário:

**Com que frequência você acha que os grupos abaixo expressam os sentimentos e emoções listados?**

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

36. **Negros \****Marque todas que se aplicam.*

	Sempre	Muito	Às vezes	Raramente	Nunca
<b>Compaixão</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Esperança</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Amargura</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Tristeza</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Contentamento</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Excitação</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Raiva</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Irritação</b>	<input type="checkbox"/>				

37. **Não-negros \****Marque todas que se aplicam.*

	Sempre	Muito	Às vezes	Raramente	Nunca
<b>Compaixão</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Esperança</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Amargura</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Tristeza</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Contentamento</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Excitação</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Raiva</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Irritação</b>	<input type="checkbox"/>				

10/02/2023 15:46

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

**AGRADECIMENTO:**

**Agradeço por sua contribuição!**

**Suas respostas são de fundamental importância para a conclusão do referente estudo.**

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários